

ELLORA'S CAVE TWILIGHT

SHERRI L. KING

LOVER'S  EY





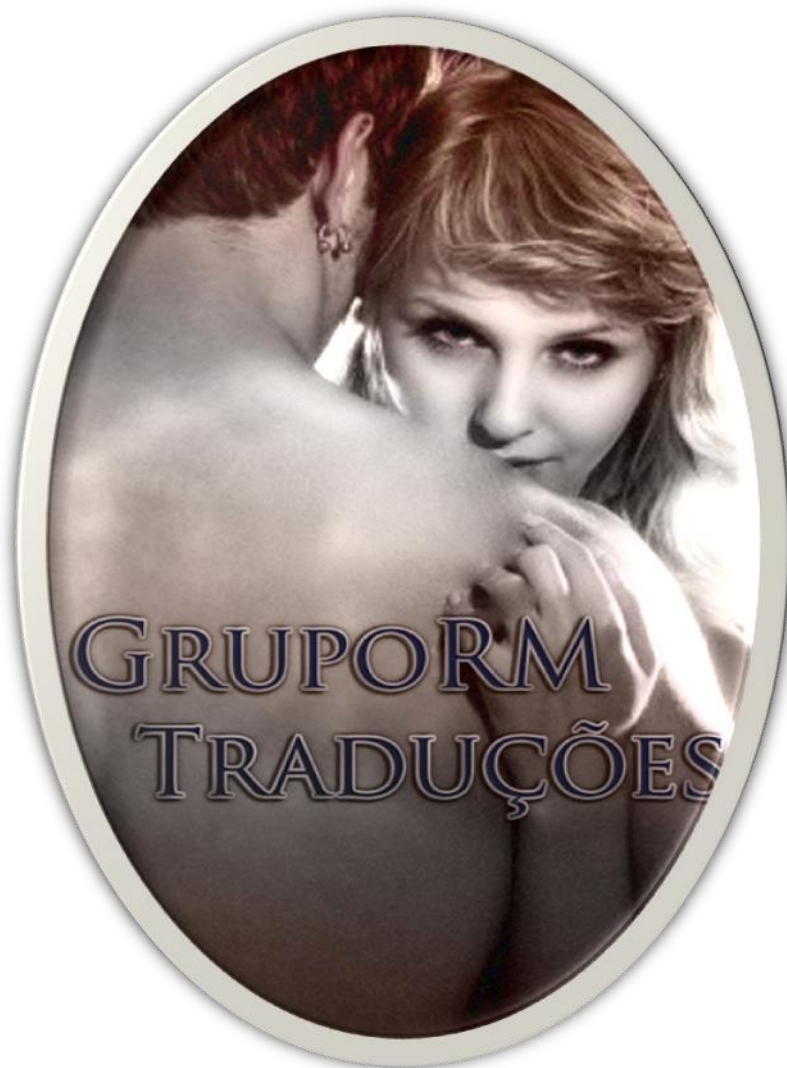
Chave de Amantes

Sherri L.King

Pesquisa: **Mell**

Revisão Inicial: **Karleay e Kaka**

Formatação: **Poiesis (Marília)**



Resumo

Brandi sabe que o bicho-papão existe. Ela o viu com seus próprios olhos, levando seu sobrinho pela mão em uma vasta escuridão, a criança nunca foi vista novamente. Três anos mais tarde, várias crianças estão faltando na cidade minúscula de Mt. Airy, desapareceram debaixo da cobertura da noite. Armada com uma câmera de vídeo e uma lanterna, Brandi senta no quarto deles esperando pelo aviso do chocalho na porta do armário, para provar aos habitantes da cidade que ela não é louca, e que o monstro é real, e que está caçando suas crianças.

O cavaleiro templário Julian está em uma busca das sete chaves que abrirão a porta para o inferno, de forma que ele e seus companheiros Cavaleiros possam enviar os malévolos lacaios do inferno de volta para seu criador. A missão é perigosa o suficiente sem uma distração, como Brandi. Julian não esperava a paixão ardente entre eles, a coragem dela, ou a parte em que ela está destinada a lutar para vencer o mal da Terra.

Prólogo

— Apareça seu rato bastardo, eu sei que você está aí em algum lugar, *de alguma maneira*, — Brandi Carroll soluçou debaixo de sua respiração quando ela apertou seus punhos em torno do taco de beisebol. — Não vamos tomar a noite toda.

Ela trocou seu peso no pé da cama da criança e deixou seus olhos colados à porta do armário diretamente na frente dela. Era bem depois da meia noite, a hora que ela esperava resolver esta situação. Mas não se sabia que monstros fossem pontuais o tempo todo. Ela conteve um bocejo e moveu seu pescoço até que ela ouviu e sentiu um satisfeito estalar em suas articulações. Tinha sido uma noite muito longa, e parecia que não estaria concluída durante algum tempo ainda.

Brandi desviou o olhar por um momento, descansando seus olhos, que estavam ardendo. Ela viu a lua espiando por detrás de algumas nuvens perdidas pela janela, e o quarto de repente estava vivo, com luz. As sombras alongaram-se e se tornaram o iminente bicho-papão, todos monstros, e eles rastejavam com movimentos estranhos sempre mais perto do pé da cama. Mas a porta de armário permaneceu fechada e Brandi sabia que isso significava que o monstro real ainda estava para chegar.

Um som estranho na quietude a alertou e ela relampejou seus olhos de volta para o armário, alerta mais uma vez.

Nada.

Mas Brandi conhecia aquele som, aquela explosão minúscula de barulho, que não tinha nada a ver com os gemidos normais da casa. Ela podia sentir isto em seus ossos, o monstro seguramente virá. O som veio novamente, desta vez mais alto, e Brandi levantou o bastão acima de sua cabeça com estóica apreensão, subindo silenciosamente na cama e aproximando-se cautelosamente do armário apesar do desesperado bater de seu coração, que implorava para ela girar e fugir.

As sombras cresceram e uma brisa fria agitou no quarto, apesar da janela fechada e bloqueada. Brandi sentiu brincar com seus cabelos e acariciar seu rosto. A fez estremecer incontrolavelmente. O tempo logo estaria à mão, ela estava quase certa. Ela tinha que se equilibrar, acalmar seus nervos desgastados, ou ela sabia que nunca poderia enfrentar esta coisa.

Ela determinadamente endireitou-se em sua altura máxima e então e, em seguida, apoiou as pernas afastadas, como um linebacker ¹preparado para defender seu título.

A maçaneta da porta do armário girou ligeiramente. Brandi teve que piscar duas vezes, forte, só para estar certa de que ela não imaginou o pequeno movimento. O som da maçaneta girando ecoava em sua mente, e Brandi sabia que desta vez ela finalmente começaria a ver o monstro, todos eles. E talvez, se o destino fosse amável, ela podia matar isto antes de conseguir matá-la.

Mas primeiro, ela queria ver o fantasma, o monstro, o demônio, ou o que fosse. Ela queria olhar em seu rosto, se ele tivesse um, e que soubesse que ela finalmente mataria a criatura vil de uma vez por todas. Ela queria ver o pesadelo com seus próprios olhos escancarados.

A maçaneta girou completamente e a porta de armário abriu com um suspiro. Brandi esperou, dificilmente sabendo o que esperar. Ela nunca tinha visto o monstro de perto, apenas a sua sombra nebulosa que se retirou para o armário com o seu sobrinho a tiracolo na noite anterior. Seria uma visão horrível, que talvez fosse traumatizá-la para sempre, só por olhar para isto? Será que viria por ela ou se viraria no momento que soubesse que era um adulto e não uma criança, que estava dentro do quarto esperando? Ela podia pegar e machucar isto, ou *matá-lo* a tempo, antes de fugir de volta ao mundo que o gerou? Ela quis tentar com todas as suas forças. Mas isso seria suficiente?

Brandi empurrou todas as dúvidas de sua mente e enfocou com intensidade na rachadura na porta enquanto continuava a alargar-se.

¹ Posição do futebol americano.

Capítulo Um

Três anos mais tarde...

Brandi ignorou os olhares curiosos quando ela foi pegar suas compras. Ela já se acostumou aos olhares fixos, felizmente, embora levou bastante tempo. Ela conhecia as pessoas em sua cidade pequena de Monte Airy, todos pensavam que ela era um pouco louca. Inferno, alguns deles pensavam que ela era uma completa lunática. Mas ela não se importava. Ela era uma mulher com uma missão, e ao longo da história mulheres tinham frequentemente sido excluídas por uma razão ou outra. Por que ela deveria ser um pouco diferente nesta era chamada moderna?

Sussurros alcançaram suas orelhas, zumbindo ao redor dela como um enxame de moscas. Ela não conseguia entender as palavras, então ela ignorou essa grosseria, bem como, ser considerada a aberração da cidade. E além disso, ela já sabia o que eles estavam dizendo sem ter que ouvi-lo.

— Ela realmente acredita em fantasmas, aquela menina.

— Fica acordada todas as horas da noite, caçando o monstro que ela diz que roubou seu sobrinho, entretanto eu acho que ela pode ser a pessoa que se livrou do pobre menino.

— Todas aquelas crianças perdidas, você acha que ela deve ter feito alguma coisa com aquelas, também?

— Quando ela não está na casa dos pobres pais, ela fica toda a noite lá naquela casa velha, sozinha. Não há como dizer o que ela faz lá em cima a noite toda, mas eu estou certo de que ela não está dormindo.

Brandi ouviu isso tudo. De acusações de assassinato até a olhares compassivos daqueles que pensavam que era louca, nada mais a surpreendia. E novamente, ela não se importava. Ela sabia de coisas que nenhuma dessas pessoas poderia entender, e ela entendia que sua vida era simplesmente um enigma para eles por causa disto. Era algo que ela tinha que viver com cada e todo dia de sua vida.

Ela começou levar suas compras para a linha do caixa lotado, que se separou ante ela como o Mar Vermelho na frente de Moisés. Todos os olhos giraram para a olhar fixamente, mas ela não deixou a aborrecer. O caixa, um adolescente jovem que Brandi não reconheceu, parecia mais que ávido para conseguir que Brandi saísse da fila e de sua loja, e depressa a atendeu, sem tentativa de uma conversa agradável. Brandi supôs que havia um par de coisas decentes sobre ser a pária local.

A multidão assistiu ela partir, e Brandi podia ter jurado que ela ouviu um suspiro coletivo de alívio. Ela carregou sua velha caminhonete com as compras, ignorando as dezenas de sinais de crianças desaparecidas por toda parte o melhor que pôde, e começou a longa viagem de volta para casa de sua irmã.

Sua meia irmã, Gail, não vivia mais lá. Ela simplesmente não podia aguentar a casa depois da perda de seu filho mais jovem. Mas Gail manteve os pagamentos e deixou Brandi viver lá depois que ela perdeu seu trabalho como uma professora da terceira série. Era uma generosidade que Brandi verdadeiramente agradecia.

Afinal, as escolas fizeram questão de não manter "loucos " em sua equipe.

Brandi odiou e lamentou a perda de seu trabalho. Ela gostou muito de ser professora, os desafios diários, o assistir os rostos de seus alunos quando eles entendiam o assunto, e tudo mais. Mas infelizmente, tudo era passado agora. Esses dias ela simplesmente pegou biscoitos de seus vizinhos mais bondosos para poder comer um monte de grãos, macarrão e pão de milho para salvar seu orçamento alimentar. Não havia tempo para procurar por um novo trabalho, ainda que ela quisesse, o que ela não queria. Brandi se mantinha muito ocupada estes dias com outros assuntos mais urgentes.

O sol quente de verão batia no braço dela quando ela colocou fora da janela, deixando o vento acariciar seus dedos. O ar no caminhão estava quente e sufocante, mas a brisa pelas janelas brincava alegremente com seu cabelo, secando o suor em sua testa. Ela fez sua última curva para baixo em uma longa sinuosa estrada de terra, que a levaria para a grande casa em estilo Tudor de sua meia-irmã, aninhada no fundo da floresta, e deu um enorme suspiro de alívio que sua viagem bi-semanais para a cidade finalmente acabou.

Ela agarrou suas bolsas e entrou na casa, fechando a porta firmemente atrás dela. A luz solar fluía pelas janelas desnudas, banindo todas as sombras dentro da casa. O ar central estava ligado, uma brisa gentil saía das aberturas e mantinha a casa em uns frescos vinte e dois graus, dispersando o calor do sol que brilhava pelas janelas. Brandi levou suas bolsas para a cozinha, passando por dois armários, que haviam sido fechados com tábuas. As pranchas de madeira pregadas através das portas os faziam virtualmente inacessíveis.

Brandi queria que eles ficassem assim.

Depois de colocar no lugar seus escassos mantimentos, ela agarrou uma velha revista, uma que ela já leu muitas vezes, e sentou-se em sua favorita poltrona com um copo de chá gelado e doce na mão. A revista era um desvio para seus pensamentos constantemente perturbados, uma revista de fofocas que a ajudaria a esquecer suas preocupações por um curto tempo. Felizmente, antes que ela soubesse, uma hora tinha passado e o sol estava afundando baixo horizonte. O telefone tocou a fazendo saltar.

Ela respondeu no terceiro toque. — Oi?

— Brandi, — disse uma voz um pouco familiar do outro lado.

— Sra. Marche. — Ela tragou duro, as palmas ficaram úmidas. — Eu meio que estava esperando por você chamar. — A admissão saiu de seus lábios.

— Meu filho Tyler está sumindo há quatro dias. — A voz da mulher era sufocada por lágrimas. — Mas você sabia disso. Se eu deixar que você entre aqui, você pode me dizer como o achar?

Brandi fechou seus olhos e rezou por força. — Eu não acho crianças, Sra. Marche. Eu desejaria que eu pudesse, mas eu não achei nenhuma delas.

— Mas você pode me dizer se alguém, alguma pessoa, levou ele ou... — Ela hesitou.

Não havia como fingir que ela não sabia sobre o que a mulher falava. — Eu não estou certa de que o monstro se mostrará depois de dois dias. Eu normalmente só consigo resultados na primeira noite depois do rapto.

— Por favor, eu não sei para onde me virar.

— Bem, não há regras que eu saiba. É possível, que se eu tentasse, eu poderia achar algo para mostrar a você. Mas você está certa de que quer afundar nessa estrada? — Brandi perguntou dando uma advertência.

O som do choro da Sra. Marche machucou o coração de Brandi. — Eu farei qualquer coisa que você me disser. A polícia não está fazendo nada para achar meu bebê, ou as outras crianças que foram perdidas nos vários meses passados. Eu ouvi que você ajudou os Ingrams antes deles mudarem-se. Você pode me ajudar também?

Brandi lambeu seus lábios secos. — Eu não ajudei os Ingrams. Eu apenas mostrei a eles o que eu vejo. Eu mostrei a eles o que levou sua criança.

— Eu só quero saber se existe alguma esperança para meu bebê, — Sra. Marche soluçou.

Era uma prova do quão desesperados os Marche ficaram nos quatro dias desde que seu filho foi perdido e Brandi teve essa conversa. Os Marche uma vez tinham estado entre a multidão de habitantes da cidade que seriamente questionava a sanidade de Brandi.

— A pequena Emiline dormiu no mesmo quarto que Tyler? — Brandi perguntou depois de um silêncio longo, pesado.

— Sim, ela dormiu, — Sra. Marche respondeu. — Mas minha filha não viu nada na noite que Tyler...

— Ela tem tido pesadelos? — Brandi interrompeu. — Terror de noite? Qualquer coisa assim desde que aconteceu?

— S-sim, — Sra. Marche disse com suspiro estremecido. — Mas os doutores dizem que não é incomum.

— Alguma outra coisa? — Brandi pressionou, reprimindo sua impaciência, os doutores não iriam ajudar Emiline.

As palavras da mulher saíram com pressa, como se ela estivesse envergonhada até de pronunciá-las. — Ela está assustada da escuridão. Ela nunca teve medo disto antes. Se nós não ligarmos as luzes assim que o sol começa a se pôr, ela grita até que nós o façamos. — Mais outro soluço. — Nós deixamos ela dormir conosco em nosso quarto nas últimas duas noites e isso parece ter ajudado. P-por que você pergunta? —

Brandi fechou seus olhos. — Você sabe por que eu estou perguntando.

Sra. Marche riu mas o som não continha qualquer alegria. — Eu não posso acreditar em que eu estou tendo esta conversa.

Os lábios de Brandi torceram-se ironicamente. — Eu entendo. Metade do tempo eu penso que é tudo absurdo. — Ela respirou fundo. — Bem, eu posso ir a sua casa, mas eu não posso prometer a você qualquer coisa. Se um humano o levou ou qualquer outra coisa, eu não posso dar a você nenhuma paz de mente. Eu sinto muito.

— Eu só quero saber o que aconteceu com meu filho. — A voz da Sra. Marche foi enfática. — Se ele foi levado por esta coisa que você diz que viu, eu quero saber. Eu acreditarei em você, no que você disser. Eu quero saber se resta alguma esperança para nós.

— Existe sempre esperança. — Brandi disse as palavras, mas ela realmente não acreditava nelas. Não depois de tudo o que tinha presenciado. Não mais.

— Eu estou morta de medo de que Emiline poderia ser a próxima. Os Appletons perderam ambas suas crianças.

— Eu sei. Eu sinto muito por isto.

— Eles não queriam ouvi-lo. Eu também não. Sinto muito.

Esfregando suas têmporas, Brandi viu no olho de sua mente os gritos e choros, da mãe das crianças Appleton. — Eles não me escutaram quando eu disse que eles destruíssem o armário depois de desaparecimento de Bebe. Se eles me escutassem poderiam ter salvado Suzette. Então novamente, talvez não.

Sra. Marche soltou um suspiro trêmulo. — Você realmente acha que ele teria ajudado?

— Eu sei que teria sido melhor do que não fazer nada. E eles sabem isto também. Eu mostrei a eles o monstro que caçava suas crianças, eles viram, mas não podiam acreditar no que viram. No dia seguinte, eles tinham o que eles pensavam que era uma explicação racional para isso, algo sobre beber muito vinho. Eles viram o monstro e ainda deixam Suzette dormir naquele quarto, sem derrubar o armário como eu avisei. Eles tinham medo de acreditar.

— Eu quero salvar Emiline. E eu quero saber o que aconteceu com meu filho.

— Eu posso estar lá em vinte minutos. Você terá que deixar-me passar a noite no quarto das crianças. Você tem que se preparar para o inesperado. E você tem que me prometer que se eu ver o que eu espero ver, você imediatamente derrubará o armário em seu quarto. Dói-me tanto quanto a qualquer outro quando uma criança se perde porque eu não podia fazer algo sobre isto. Eu não desperdiçarei meu tempo ou minhas lágrimas se você não estiver disposta a agir.

— Eu prometo, — Sra. Marche apaixonadamente disse. — Só, por favor, ajude-me. Ajude minha família.

— Eu não sei se eu posso, — Brandi suavemente advertiu.

— Tente. Por favor.

— Eu estarei aí em vinte minutos, — Brandi disse e desligou o telefone. Ela suspirou e descansou sua cabeça em suas mãos.

— Aqui vamos nós novamente, — ela disse para a casa vazia, obscura. Não existia nenhuma resposta, pelo que Brandi estava infinitamente contente.



Brandi se sentou cuidadosamente no pé da cama da criança em forma de carro de corrida, enfrentando a porta fechada do armário, e esperou. Em uma mão ela segurava sua lanterna de alta potência, na outra uma pequena câmera de vídeo com visão noturna. Ela há muito tempo desistiu do taco de beisebol, ele não funcionava no monstro de qualquer maneira. Só a luz podia afastar a criatura. Mas antes dela utilizar a lanterna, ela queria conseguir um vídeo o suficiente para convencer aos Marches que eles precisavam proteger sua criança restante.

Não havia dúvida na mente de Brandi de que o monstro era o responsável por este desaparecimento. Da mesma maneira que era responsável pelos vários outros desaparecimentos na cidade. Ela estava certa de que não existia nenhum sequestrador em série à solta, como a polícia na área afirmou. Ela

podia sentir isto, profundamente em seus ossos, e Brandi acostumou-se a acreditar em seu estranho sexto sentido. Não havia errado ainda.

A escuridão no quarto das crianças era sufocante e malévola. Apesar de sua vasta experiência com estas situações, Brandi ainda sentia seu coração correr dolorosamente em seu tórax. O monstro se mostraria hoje à noite, ela perguntou-se? Ou ele ficou ciente de sua presença e decidiu partir para a próxima família na cidade? Ela fervorosamente não esperava. Ela não achava que a cidade podia sobreviver a mais um desaparecimento de criança.

Mas ela não tinha nenhum modo de assegurar que não aconteceria. Ela não tinha idéia de como destruir a criatura, só como afastá-la. Ela procurou e procurou por um modo para livrar-se disto para sempre. Ela tinha pesquisado incessantemente na biblioteca local e em seu computador em casa, mas sem final feliz. Só mitos e lendas podiam ser achados relativos ao bicho-papão de histórias das crianças, nada sólido e real. Parecia que ninguém mais no mundo encontrou um problema parecido ao de MT. Airy, Geórgia.

O relógio do avô no hall de entrada marcava meia-noite.

— tudo bem seu idiota, — Brandi suavemente rosnou. — Eu estou pronta para você.

A maçaneta da porta do armário girou um pouquinho. Brandi teria perdido completamente o movimento se ela não tivesse estado tão enfocada no armário.

Ela levantou-se e levantou a câmera antes de simultaneamente ligar o botão de gravar com seu dedo polegar. A maçaneta rangeu, uma explosão alta de som na escuridão, e Brandi preparou-se para o que ela sabia que aconteceria a seguir.

A porta de armário abriu de repente, batendo contra a parede com força ensurdecadora. O quarto ficou frio, tão frio que Brandi podia ver sua respiração no ar, e ela teve que lutar contra o impulso de tremer. Ela manteve as mãos firmes por pura força de vontade, e cuidadosamente apontou a câmera para a sombra que começou a crescer dentro da escuridão do armário.

Todas as sombras alongaram-se dentro do quarto, juntando e espalhando. Mas essas sombras não estavam quase a metade escura como aquela que vinha em sua direção. Negra como tinta, sem rastro de luz dentro ou fora, a escuridão cresceu e cresceu até que se elevou acima dela como um espectro do mal de um conto de fadas.

Brandi teve que morder seu lábio até sangrar, só para impedir sua coragem de minguar. Ela tentou e falhou em manter o suor frio longe de suas têmporas. Ela começou a estremecer incontrolavelmente. Ela tinha o suficiente inteligência para notar que não parecia haver som algum no quarto agora, nem o gorjear dos grilos fora da casa, e nem os gemidos da casa velha. Todos estavam mudos como o sepulcro.

A negridão tomou uma forma, de um humanóide enormemente alto. Mas não havia nenhum rosto. Não existia nenhuma característica para marcá-lo como qualquer coisa diferente de um monstro sem cara. Estendeu uma mão nebulosa, seu braço bem longo, agarrando-se para ela. Brandi chupou em uma respiração enorme de ar e quase sufocou, mas segurou a câmera firmemente apesar de seu terror crescente.

A mão passou a poucos centímetros de seu rosto, ela sentiu a fria explosão glacial disto, e não pode conter seu medo, não mais. Ela ligou a lanterna, fechando seus olhos contra o clarão súbito. Ela ouviu o grito, o som de mil almas perdidas clamando por ajuda, e gritou apesar de seu esforço valoroso para segurar o som de volta.

O grito ficou mais alto e Brandi ouviu os barulhos dos Marches batendo na porta do quarto, que não abriria, Brandi sabia, até que o monstro partisse. A lanterna iluminou o quarto, separando as sombras. A forma escura ante ela encolheu, retrocedendo mais uma vez para o armário.

— Não ouse voltar aqui novamente, filho da puta, — ela gritou, perdendo toda a compostura. — Volte para onde você veio e deixe estas pobres crianças em paz!

O som do grito do monstro ameaçou quebrar as janelas. A sombra fugiu, girando suas costas para ela. Encolheu no armário, rolando sobre ele mesmo, e desapareceu.

A porta de armário bateu e fechou no momento que a porta do quarto abriu de repente. Os Marches, vestidos só em pijama e pantufas, entraram no quarto.

— O que foi isto? — Sra. Marche perguntou em uma pequena, assustada e trêmula voz.

Brandi percebeu que ela segurou sua respiração, e deixou sair com um som audível. — Isto, meus amigos, era o bicho-papão, — ela disse e rapidamente, deselegantemente, desmaiou em seus pés.

Capítulo Dois

O calor inexorável do selvagem Deserto da Arábia esfriou quando a escuridão índigo da noite aproximou-se sorrateiramente. O mundo se acalmou, as areias refrescantes acalmaram, e nem um animal ou único inseto mexeu para quebrar o silêncio de crepúsculo sagrado. O deserto segurou sua respiração em antecipação do pôr- do- sol escaldante, tanto hesitante quanto ansioso para saudar o nascimento do luar prateado.

Quando as primeiras sombras ébanos estenderam através do quarto brilhante, a temperatura abrasadora diminuiu, e uma abençoada brisa fresca mexeu o ar, fixando os grãos no chão para valsar freneticamente em um baixo zumbido de areia enchendo o mundo com música. A terra mexida, o chão vibrando sob as dunas móveis para revelar serpentes adormecidas e insetos, chamado para suas tarefas noturnas pelo brilho das estrelas agora reluzindo em seu cobertor de rede de cristal em torno da cúpula do céu. O vento convocou os gatos selvagens de suas covas e sua presa, o rato do deserto, tremeu. Havia música e havia sangue e tudo foi posto em marcha pelo capricho do sol poente.

Solitário e saliente, um poderoso edifício de pedra erguia-se acima das areias movediças, lançando sua sombra sombria cinzenta nas dunas enlugaradas. Era o castelo de um grande proprietário de terras, ou barão de petróleo, ou alguma outra pessoa de tal importância e riqueza, mas o deserto e seus filhos não pagavam nenhum respeito. O vento varreu os grãos de sílica em cada fenda e da emenda das paredes, impermeáveis à convicção do dono de que esta fortaleza era impenetrável. Nem mesmo as montanhas podiam resistir à marcha da areia e sobreviver invicto, nem mesmo Matusalém sobreviveu a Terra.

Estes homens com armas de fogo arrastaram-se como cupins para dentro das torres de guarda, indiferentes a inevitabilidade de sua queda, pois em suas mentes o deserto era um adversário lento, um que podia ser contido no presente imediato com nada mais que uma vassoura. Mas o mar de areia conheceu vários e cumpriu com a segurança de seu conhecimento.

Murmúrios de conversação de dentro das paredes harmonizavam com a canção das dunas inconstantes. Homens e mulheres grunhindo suspiros de paixão, gemidos de luxúria, a sinfonia de amantes ao anoitecer. Crianças brigavam, riam e jogavam. Guardas tenderam suas armas até que o cheiro de óleo lubrificante misturava com o aroma de especiarias da culinária flutuando de janelas abertas. A noite tremia com o som e o ar pendurou pesado com perfume.

Era uma noite como outra qualquer. Com exceção de que era uma nova noite, uma cheia de mistério e mágica. Horas próximas que continham promessa e surpresa, cada hora era um estranho e sua introdução podia trazer inimagináveis maravilhas. Horrores inesperados.

A brisa acalmou. Os sons de vida diminuíram com ela, precisando do vento para ser executado no mundo além das paredes do castelo. As serpentes acalmaram seu deslizar. Os gatos e ratos fizeram uma trégua. As dunas cessaram seu cantar. E os homens armados sentiram arrepios subindo nas nuca de seus pescoços. Homens, mulheres e crianças, todos olharam o deserto, respiração presa, instintos alertas.

O silêncio se aprofundou.

O deserto explodiu, uma nuvem de cogumelo de areia surgindo em direção aos portões da fortaleza. Uma imensa parede de terra e vento levantou com força imperdoável contra o edifício, o fazendo patético e fraco no caminho da guerra.

Três figuras sombreadas materializaram-se dentro do coração do redemoinho, levantando-se desde o ventre do deserto como se tivesse nascido com ela, sua presença escoando ameaça e propósito com cada passo que marcharam a uma aproximação do castelo.

Um homem com cabelo de meia-noite e pele clara abordou a parede mais próxima. Ele colocou sua mão nas pedras ainda mornas, então, sem ajuda de uma corda ou gancho, ele começou a escalá-lo como um alpinista experiente. Ele subiu rapidamente a superfície vertical íngreme, movendo-se com tal movimento estranho que ele se assemelhou a um réptil ou um inseto quando ele facilmente subiu.

Os guardas saíram de seu choque inicial como se despertados de um sonho. As explosões altas de fogo de artilharia encheram o ar, quebrando a quietude da noite. Um homem com cabelo loiro brilhante e pele bronzeada escura abordou o portão, ignorando a violência ao redor dele destemido e indiferente das balas que zumbiam. Ele chutou as grandes portas de madeira só uma vez e a madeira lascou com uma explosão alta de som. As portas pesadas escancararam ante ele, penduradas apenas pelas suas dobradiças, bateram contra as paredes atrás deles.

O terceiro homem, uma figura muito alta e imponente com um longo cabelo castanho escuro preso em sua nuca com um laço de couro, seguiu o homem loiro pelas portas quebradas. Seus movimentos eram casuais e fáceis, embora a curiosidade brilhante queimava profundamente nos olhos azul gelado em seu rosto bronzeado, nada mais. Ele assistiu a cena ante ele, não faltando nada, e ergueu sua arma de fogo. Ele atirou em rápida sucessão, a derrubada de três dos seus inimigos de uma só vez, fazendo um grito de alarme encher o ar dentro dos muros da fortaleza imponente.

O homem com cabelo preto alcançou o topo da parede que ele subiu e estalou o pescoço do guarda mais próximo antes do homem poder apertar o gatilho de sua arma automática. O sombrio homem moveu-se tão rápido que seus movimentos eram um borrão para o olho humano, fazendo impossível para os guardas seguirem seus movimentos. Ele usou essa mágica para sua vantagem, facilmente derrubando mais dois guardas em segundos meros, nem uma vez permitindo a seus inimigos dar um tiro único.

Um guarda correu para o homem de cabelo loiro, gritando injúrias em persa, a faca pronta. Ele apunhalou o homem no coração, dando um grande grito de triunfo quando ele fez isso. O cabo da faca tremeu quando o loiro respirou profunda, instável.

Uma fumaça escura subia em torno da ferida. O loiro pegou o cabo da faca e puxou-a de seu corpo com uma careta, fazendo mais fumaça preta sair

da ferida. Ele jogou a faca no chão e abriu o buraco em seu uniforme de serviço onde a arma entrou em seu corpo. A pele rasgada fundiu-se quase imediatamente, o ferimento curou completamente dentro de alguns poucos segundos.

Gritando em seu persa nativo, nomeando o loiro de diabo, o homem árabe fugiu em um pânico.

O loiro curvou-se, recuperou a faca que o feriu e rapidamente lançou no homem que corria. A arma embutiu-se na coluna vertebral do homem, matando-o imediatamente, e ele caiu por terra em um montão.

— Deixe de namorar, Marduk, — o homem de cabelo castanho preveniu, — e procure pela lança.

Marduk deu um sorriso convencido para seu camarada. — Sim, senhor, meu senhor Julian. — Ele girou-se e fazendo seu caminho entre a multidão de pessoas apavoradas, ignorando o caos à medida que ele foi.

Julian se virou e viu o homem de cabelos negros quando ele revelou seus longos incisivos e mordeu o pescoço de um prisioneiro. — Ramiel, você pode se alimentar mais tarde. Nós precisamos achar a lança.

Ramiel soltou sua presa em seus pés e lambeu seus lábios limpando o sangue. — Eu estava apenas começando, — ele rosnou com uma voz profunda e imponente.

Julian girou e atirou em um guarda que se aproximava. Ele entrou mais no complexo, ignorando as poucas mulheres que gritavam com pânico, enfocando só nos homens que ousaram o atacar. Sua arma de fogo cuspiu uma e outra vez, eliminando facilmente todos aqueles que entravam seu caminho.

O vento levantou, lançando areia no ar da noite profunda. A visão ficou limitada e os guardas tropeçaram desajeitadamente pelo ruído. Ramiel usou bem a vantagem, deslizando pela tempestade de areia com facilidade, eliminando rapidamente muitos inimigos no caminho.

Julian entrou no castelo, ignorando a tempestade de areia, e quase imediatamente viu o que ele procurava. — Eles não esconderam isto muito bem, — ele murmurou para si mesmo. — Talvez eles não sabiam o valor deste tesouro. — Ele se aproximou de uma brecha na parede de pedra. Iluminado e trancado, um copo de vidro aconchegado e seguro dentro da brecha anunciava o que eles tinham buscado.

— A lança do destino, — Ramiel respirou.

— Aqui, deixe-me. — Marduk apareceu ao lado de Julian e empurrou seu punho no vidro do copo, quebrando sem esforço.

Julian reverentemente tomou a lança de seu lugar de descanso. Entretanto era mais como a ponta de uma lança, era tão pequeno. Provavelmente não tinha mais que doze polegadas de comprimento. Parecia que o punho de madeira apodreceu há muito tempo, deixando só o pesado bronze da ponta da lança para trás. Julian suavemente deslizou nas dobras de seu uniforme para a custódia. — Nós agora temos cinco das sete chaves. Vamos conseguir o inferno fora daqui, — ele disse para seus dois amigos, afastando-se da parede.

Uma dúzia de homens armados virou uma esquina e começou a atirar neles, gritando seus gritos de guerra para a noite.

— Tomem suas posições, — Ramiel instruiu às pressas. Quando ambos Julian e Marduk tinham em uma das mãos a alça de couro especial costurada na farda, Ramiel arrancou do chão e subiu no ar, levando seus dois amigos com ele. Os tiros ainda ecoaram embaixo deles quando eles subiram rapidamente, seus inimigos ainda tentando matá-los pela invasão e o roubo, mas os três homens deram pouca atenção às balas.

Eles subiram rapidamente no céu da noite da mesma maneira que as estrelas ascendiam, deixando as areias desertas muito para trás eles. E tudo ficou quieto mais uma vez.

Capítulo Três

Brandi despertou com o som violento de um punho batendo em sua porta da frente. Ela murmurou uma maldição e lentamente, instavelmente levantou da cama. O bater veio novamente e ela fez uma careta quando sua cabeça dolorosamente bateu com o mesmo ritmo. — Eu estou indo, eu estou indo. Segure seus cavalos, — ela gritou, correndo seus dedos por seus longos e emaranhados cachos do cabelo cor Borgonha.

Ela abriu a porta e ficou surpreendida por ver o Xerife de MT. Airy, Rob Adams, de pé em sua varanda dianteira. — Xerife. — Ela arranhou sua cabeça e bocejou com sono. — O que traz você aqui esta manhã?

— Não é manhã. É uma da tarde.

Brandi sentiu seus olhos alargarem-se com sua surpresa. — Uau. Parece manhã. Eu acho que é porque eu não tive muito sono ontem à noite. — Ela bocejou novamente.

— Sim, eu sei. É por isso que eu vim aqui hoje.

Brandi ouviu uma corrente de raiva na voz do xerife e franziu o cenho. — O que está acontecendo? —

— Eu direi a você o que está acontecendo. Você assustou metade da população da cidade com suas histórias de fantasmas e suas gravações fraudulentas de vídeo, é isso que está acontecendo, — ele estalou então pareceu recuperar-se, socando abaixo sua ira óbvia. — Você sabe que depois das suas façanhas de ontem à noite, os Marches estão deixando cidade? Você não percebeu que assustá-los assim teria consequências?

Brandi friccionou seus dentes. — Eu estou contente de que eles estão partindo. Sua casa está contaminada agora. A mudança é realmente o único modo simples de proteger sua criança restante.

— Olhe aqui, senhorita. Você fica fora de nosso caminho. Nós estamos na trilha de um sequestrador em série, não um maldito monstro saído diretamente de sua imaginação doente.

— Se você está procurando tanto este sequestrador, como o FBI ainda não está envolvido? Esta situação não estaria debaixo da jurisdição deles, Xerife?

Rob fez uma careta, o rosto avermelhando. — Nossa cidade mantém-se por si só, nós não precisamos de estranhos dificultando as coisas para nós. Você sabe isso como também qualquer outra pessoa. Então deixe os negócios da polícia para nós. Enquanto isso, você parará de encher as cabeças destas pobres pessoas com histórias de horror. Eu não sei por que você está fazendo esses golpes, mas não continuará mais, você me entende?

— Não é um golpe, — Brandi rosnou.

Ele a ignorou. — Olhe, se eu ouvir só um sussurro sobre você fazendo mais visitas fraudulentas deste monstro seu, eu estourarei seu traseiro de mulher trapaceira.

— Eu não sou uma mulher trapaceira! — Ela explodiu, completamente perdendo seu temperamento. — Agora bote seu traseiro para fora de minha varanda.

Seus olhos brilharam com raiva. — Eu estarei vigiando você, senhorita. Você mantém isso em mente, da próxima vez que você tentar afugentar outra família.

— Oh, *o que seja*. — Brandi rolou seus olhos e bateu a porta no rosto do xerife. Ela assistiu pelo buraco de fechadura como ele recuperou-se, girou e deixou sua varanda. Ela escutou o som dele entrando em seu carro de patrulha. Sua porta bateu e ele acelerou o motor. Ela foi para a janela e assistiu quando ele virou o carro em seu quintal e acelerou-o para baixo saindo de sua garagem, cuspidando cascalho em sua esteira.

Friccionando seus dentes contra o desejo de gritar, ela correu uma mão por seus cabelos enrolados mais uma vez e lançou um suspiro nascido de frustração pura. Caminhando pela casa fresca, ela retornou a seu quarto para

juntar as roupas que ela vestiria pelo dia. Seu quarto, situado nos fundos da casa, uma vez pertenceu a seu sobrinho. Mas agora, Brandi dormia lá.

Esperando.

Assistindo.

Por via das dúvidas.

Brandi nunca dormia de noite, preferindo esperar em sua sala cheia de equipamentos de gravação de vídeo e luzes de palco sensíveis a movimento. Esperando pelo monstro. Hoje em dia ela sempre dormia algumas horas depois que o amanhecer começava. Era tudo o que precisava para manter o dia indo após dia.

Decidindo tomar banho de banheira em vez de um chuveiro, Brandi ligou a água e foi verificar seu equipamento enquanto enchia a banheira. Ela tinha ambos, os gravadores de áudio e de vídeo instalados e prontos, em frente ao único armário da casa que não foi abordado. Ela removeu a fita de ontem à noite e pôs outra nova. Então ela tirou o DVD e substituiu por um novo. Indo para sua mesa, dobrado para fora do caminho em um canto da sala, ela deslizou a mídia da noite nos leitores adequados e examinou ambos rapidamente no monitor do computador.

Nada.

O mesmo de sempre.

Mas um dia, Brandi sabia, se ela fosse paciente, ela conseguiria algo seguramente. E ela estudaria isto, como ela estudou todas as suas gravações, e talvez de alguma maneira ela acharia um jeito de destruir a criatura de uma vez por todas. Capturá-la onde teve a primeira manifestação poderia render resultados diferentes de seus outros encontros com o monstro. Pelo menos, ela esperava que pudesse. Ela realmente não sabia, e isso a assustava mais que qualquer coisa.

Brandi percebeu que ela estava louca para tentar o destino assim. O monstro podia da mesma maneira facilmente a levar, como fez com as crianças, ou ela pelo menos suspeitava que fosse isso. Mas ela estava determinada a achar um caminho para terminar o reinado de terror do monstro, não importando o custo para seu próprio bem estar.

Ela há muito tempo desistira da segurança.

Brandi desligou seu equipamento e foi tomar banho.



Brandi apreciava cortar o gramado dos Dapplers toda semana. Dava a ela bastante tempo para pensar e a dispôs com algum exercício muito necessário. Ela sabia que precisava perder uns treze quilos antes dela ser considerada remotamente saudável, mas ela raramente tinha tempo para trabalhar o peso. Então cortar o volumoso gramado de dois acres da família Dappler era o melhor modo que ela conhecia para matar dois pássaros com uma pedra só.

Ela pensou sobre sua noite com os Marches. Ela perguntou-se se ela poderia ter feito qualquer coisa diferente para impedi-los de entrar em pânico como eles tinham. Ela mostrou a eles a fita do monstro, trêmula e às vezes fora de foco mas claro o suficiente para ver que histórias de Brandi sobre a besta eram verdade. Os Marches ficaram compreensivelmente perturbados sobre a fita, apavorados até. Eles imediatamente fizeram as malas e partiram com sua filha Emiline para achar um quarto de hotel para passar o resto da noite.

Eles deixaram Brandi de pé na entrada de sua casa, completamente esquecidos dela em sua pressa para partir. Brandi usou a oportunidade para voltar para o armário das crianças. Ela entrou e empurrou de lado as roupas que pendiam molemente lá, como peles em forma de crianças pequenas. Não havia nada além de uma parede atrás das roupas. Brandi suspeitou que ela não acharia nenhum rastro da criatura, nenhuma evidência de como ele foi parar lá no armário, mas ela esperou que dessa vez ...talvez. Ela saiu do armário com desgosto e deixou a casa dos Marches com o coração pesado, fechando as portas atrás dela à medida que ela ia.

Brandi sempre tinha sido uma pessoa introspectiva por natureza, escapando para seus próprios pensamentos às vezes por horas, ignorando todo mundo ao redor dela. Gail sempre dizia que ela precisava sair mais, encontrar mais pessoas, ter alguma diversão. Mas Brandi não era uma borboleta social. Nunca tinha sido. Não como Gail. Brandi preferia muito mais sua própria companhia a maior parte do tempo.

Aos vinte e sete, Brandi agora se perguntava se ela ia libertar-se da vida que ela começou três anos atrás. Será que ela nunca será capaz de ir embora desta cidade contaminada, para escapar do monstro para sempre?

Não.

Ela não podia ir embora. Não até que algumas respostas fossem encontradas. Não até que ela achasse um jeito de pegar o monstro e destruir, ou pelo menos afastar de prejudicar mais vítimas inocentes. Ela não podia deixar o resto das famílias da cidade em risco, não importa que a maior parte deles pense que ela era louca. Ela procurava, não, *precisava* achar um jeito de acabar com os desaparecimentos.

Ela tinha pouca esperança de que acharia alguma das crianças desaparecidas, entretanto. Afligia seu coração, mas ela profundamente sabia

que não havia muita chance de que ela recuperasse as pequenas vidas perdidas. Ela nem sabia por onde começar a procurar por eles, se eles ainda estivessem vivos para ser achados.

Brandi parou, desligando o motor do cortador de grama, e enxugou o suor fora de sua sobancelha. Ela sabia que teria raias marrons de sujeira e gasolina em sua fronte, mas ela não se importou. Não havia ninguém em MT. Airy para ela se importar em ter sua melhor aparência. E ela certamente não se importava se os Dapplers a viam em um estado desalinhado. Esperava que sua aparência cansada pudesse até induzir seus empregadores a pagar a ela um pouco mais de dinheiro.

Eh, um pouquinho mais ajudava, certo?

Brandi aprendeu nos últimos três anos para não ridicularizar a caridade de outros. Pois se ela fizesse, ela sofreria de fome. Era tão simples. Além disso, *ela merecia cada centavo do dinheiro que ela ganhava fazendo bastantes tarefas para os habitantes da cidade, então o salário que ela ganhava não era realmente considerado caridade. Pelo menos não no sentido literal da palavra. Realmente não importava, entretanto, ela tomaria o que ela pudesse conseguir e ter muito prazer com isto.*

Um flash de luz brilhante a fez sua piscar seus olhos. Mas não existia nenhuma luz, só a do sol. A luz era toda em sua mente. Então uma imagem do monstro relampejou em sua cabeça e imediatamente sentiu como se fosse explodir. Ela sentiu uma gota de calor acima de seu lábio superior e tocou isto com seus dedos. Eles voltaram cheios de sangue e o sangue gotejava abaixo seus lábios, sobre seu queixo.

Outra visão. Quando parariam?

Brandi segurou a cabeça para trás e beliscou a ponte de seu nariz para parar o fluxo de sangue. Não era a primeira vez que tal coisa acontecia para ela, nem, ela sabia, iria ser a última. Ela já tinha muita prática em lidar com as visões fisicamente dolorosas até agora.

Ela perguntou-se, pelo que pareceu a milionésima vez, se ela tinha um tumor cerebral ou algo assim. Talvez era por isso que ela tinha as visões.

Mas não.

Toda vez que ela tinha uma visão ocorria outro desaparecimento dentro de uns dias. Tal coisa não podia ser coincidência, então era duvidoso que existisse uma razão fisiológica para as visões. Brandi nunca acreditou em mágica quando ela era jovem, ela sempre foi muito séria para entreter-se em tais vãos de fantasia. Mas agora, já crescida, ela começou a acreditar em muitas grandes coisas que ela costumava evitar. As visões, o monstro, tudo que aconteceu nos últimos três anos revelaram um novo mundo de horror para Brandi. Um mundo com bastante mágica nele, e nenhuma delas era boa.

A hemorragia diminuiu a velocidade, mas suas mãos estavam cobertas de sangue pegajoso que começou a secar. O cheiro de cobre enchia suas narinas e o gosto de cobre torturava sua língua. Sua cabeça doía como se mil pedaços de vidro estivessem sendo apunhalados em seu crânio. Doeria, ela sabia por experiência, pelo resto do dia.

A visão podia só significar uma coisa. Haveria outro desaparecimento. E logo.

Brandi tentou e falhou para não vomitar com o conhecimento.

Seria um longo tempo antes de ela dormir novamente. Ela sabia que o monstro estava vindo. Mas onde se manifestaria desta vez? Brandi só podia imaginar. Parecia que suas visões eram só boas em uma coisa, a advertir do retorno do monstro, mas não deixava nenhuma informação para ter como prevenir isto.

Brandi enxugou sua boca e embrulhou suas mãos sujas, manchadas de sangue, em torno da alça do cortador de grama e agarrou firmemente. Ela queria dizer a alguém, advertir alguém do que estava para acontecer. Mas a polícia nunca acreditaria nela, e muitos poucos, se houvesse algum, dos habitantes da cidade prestaria a suas advertências qualquer atenção. Ela estava sozinha.

E pela primeira vez, isso a aterrorizou.



Atlanta, Geórgia

Uma das muitas sedes dos Templários espalhadas pelo leste dos Estados Unidos.

Julian deu a ponta de lança e assistiu como os olhos de Gregori alargavam com surpresa. — Você achou, — ele respirou.

Julian sorriu. — Sim, meu senhor. Levou muitos meses de pesquisa, mas aqui está afinal, protegido de danos e uso indevido.

Gregori, superior de Julian dentro dos Templários e seu melhor amigo, tinha lágrimas em seus olhos quando ele olhou por cima da lança. — Eu não posso acreditar que eu estou segurando isto.

— Acredite. Agora só restam duas chaves para achar. A boa notícia sobre isto é que eu já tenho pesquisado pelos velhos registros e eu acho que eu poso saber onde a próxima chave está.

— Me diga, — Gregori comandou, imediatamente alerta as palavras de Julian.

— Eu acredito em que é o Diamante da Esperança, meu senhor. — Entretanto o título poderia ter soado arcaico para quaisquer orelhas além das deles, era uma mostra do profundo respeito de Julian, que ele continuasse a usar, após todos esses anos como amigos.

Gregori fez uma careta. — Como você achou? A pedra chamou por você como as outras chaves fizeram?

— Sim. E eu li as lendas sobre a pedra. Como foi roubado de um ídolo hindu, e como arruinou as vidas de todo mundo que tocou isto. A pedra tem grande poder, não há nenhuma dúvida. Mas ele também data de antes do tempo do caos, quando a Terra deu luz à primeira vida. Existem provérbios antigos relativo à pedra, e pinturas de caverna que pintam isto em detalhe. A pedra é infinita e eterna. Esse fato, em conjunto com seu poder incrível e meu sexto sentido, levou-me a acreditar que esta é a próxima chave que nós devemos adquirir se nós desejarmos salvar este mundo.

— Como você possivelmente pode adquirir isto? Está debaixo de guarda constante, vistas por centenas das pessoas todo dia. Não há modo de que você possa quebrar a segurança. Nunca foi feito.

Os cantos dos lábios de Julian ergueram-se em um sorriso torto. — Só porque nunca foi feito, não significa que é uma impossibilidade.

— E se você tiver sucesso em tomar a pedra, sua maldição não acontecerá a você?

— Eu não tocarei nela com minha carne. Eu acredito que é isso que ativa a maldição.

— E você está disposto a arriscar, Julian?

— Eu estou, — ele respondeu determinadamente. — Se eu não arriscar, quem irá? O mundo está em um estado de perigo de ascensão. As chaves devem ser achadas logo ou eu temo que não haverá salvação.

Gregori movimentou a cabeça. — É verdade o que você fala, meu amigo. — Seu cabelo prateado brilhava na iluminação fluorescente. — Você levará Marduk e Ramiel com você novamente?

— Eles não me deixariam partir sem eles. — Julian riu carinhosamente. — Juntos nós formamos um time formidável. E bons amigos além disso.

— Quem pensaria que nós Templários tornaríamos camaradas com vampiros, fantasmas e outras criaturas das trevas, — Gregori suspirou. — Os tempos verdadeiramente mudaram, não é meu amigo?

Julian assentiu, mas permaneceu leal em suas próximas palavras. — Ramiel e Marduk têm sido inestimáveis para mim nesta busca as sete chaves. Ambos são bons homens, apesar de suas deficiências.

— Eu não estou mais certo de que eles são deficientes. — Gregori agitou sua cabeça. — E é isso que me assusta mais.

— Eu tenho sua permissão para seguir a sexta chave?

— Você acredita verdadeiramente que é o Diamante da Esperança?

— Eu acredito, — Julian respondeu firmemente.

— Não pode ajustar-se a sua fechadura agora. Diminuiu bastante em tamanho, não?

— Nós ainda não sabemos como as fechaduras trabalharão. Mas eu acredito que a fechadura acomodará as mudanças na pedra.

— Então vá, — Gregori comandou. — Vá com minha bênção.

— Obrigado, meu senhor.

Julian deixou o quarto, curvando-se respeitosamente para Gregori antes de partir. Fora da porta de Gregori, ele correu direto para Marduk, que estava esperando por ele ansiosamente. — Nós vamos roubar o diamante? — O homem menor, mais escuro perguntou sem perder o ritmo, acompanhando o passo de Julian.

— Eu não vejo nenhum outro modo para obter isto, — Julian respondeu.

Em tempos babilônicos, Marduk tinha sido adorado como um deus vivo. A graça e nobreza ele carregava com sempre ele atestava a esta herança orgulhosa. Seu cabelo de trigo loiro, uma cor que muito poucos babilônicos já viram, era cheio e rico, caindo em seus ombros em um resplendor brilhante. Sua pele, um bronze profundo, escuro, o impedia de parecer andrógono, mas somente isso. Seu rosto era simplesmente muito bonito para um homem. E se ele não se mexesse por um tempo, ele pareceria com uma estátua viva, algo que frequentemente deixava Julian com os nervos exaltados, muito para seu desconforto.

Marduk era um fantasma. Ele tinha sido sacrificado pelas suas pessoas para seu deus e então ressuscitado pelos padres do templo, concedendo a ele imortalidade. Ele tinha sido mantido como um ícone religioso por longos anos, no templo que ele mesmo tinha construído uma vez, como um deus vivo. Julian não tinha idéia de como Marduk escapou de sua pátria, ou quando, mas ele frequentemente via o olhar assombrado, de quem conheceu muito sofrimento, pairando atrás dos olhos de âmbar de seu amigo.

— Não será fácil, — Marduk advertiu, trazendo a atenção de Julian de volta para o presente.

— Eu estou bem ciente disto, — Julian replicou. Ele sorriu. — Como se isso tivesse nos impedido alguma vez.

Marduk retornou seu sorriso. — Eu frequentemente perguntei-me o como seria ser um ladrão de jóias.

— Você lê ficção demais, meu amigo.

Marduk riu. — Eu faço. Mas eu não posso evitar. Eu amo ler as palavras das pessoas de hoje. Da mesma maneira que era verdade em meu tempo, elas contém uma mágica própria, e são uma fuga excelente da vida mundana.

— Desde quando sua vida tem sido mundana, Marduk?

— Bom ponto, — ele disse, rindo.

— Quando a noite cair, nós faremos nosso movimento no Smithsonian.

— É fortemente defendido. Nunca houve um roubo bem sucedido, para meu conhecimento, — Marduk advertiu.

Julian suspirou. — Eu sei, meu amigo. Mas onde outros falharam, nós devemos ter sucesso.

— Pelo menos você tem a vantagem da imortalidade verdadeira. Você é virtualmente indestrutível. Se você prometer agir como minha proteção, eu garanto a você que eu conseguirei o diamante, — Marduk arreliou.

Julian rido e cutucou Marduk no ombro. — Todos nós temos a vantagem da imortalidade, ou você esqueceu?

Marduk agitou sua cabeça. — Não, eu não esqueci. Mas Ramiel e eu podemos ser mortos, entretanto eu admito que levaria muito esforço. Você não pode morrer, não importa o que é feito para você, Cavaleiro Templário. Você bebeu do Santo Graal². Não há perigo para você, em qualquer lugar, não mais.

— Nós oferecemos a ambos, você e Ramiel, a chance de beber do Graal, — Julian assinalaou.

Marduk estremeceu imperceptivelmente. — Eu não quero nada mais com ícones religiosos, não importa de que religião origina-se. Eu tive suficiente de tais coisas para durar várias vidas.

— E Ramiel não quer dar a chance de que o poder do Graal poderia de alguma maneira o ferir.

— Ramiel não é do mal, não importa o que ele pensa sobre si mesmo. Ele é um homem honrado...uh, vampiro. — Marduk sorriu. — O Graal não o prejudicaria. Eu estou certo disso.

² Cálice Sagrado.

Julian assentiu. — Bem, se nós formos fazer alguma coisa hoje à noite, eu sugiro que nós vamos para nossas câmaras e descansemos. A busca de hoje à noite de modo algum será fácil. Nós precisaremos de toda nossa destreza.

Marduk concordou e pegaram caminhos separados, indo para diferentes partes do complexo, buscando suas camas e um momento de relaxamento tão necessário.

O pensamento Julian sobre os eventos que virão, o que poderia acontecer, o que possivelmente acontecesse. Existiam tantas variáveis envolvidas em tal empreendimento como quebrar o Smithsonian. Não havia como dizer o que poderia acontecer. O que poderia acontecer para qualquer um em seu time.

Demorou bastante antes de Julian dormir. E quando ele fez, seus sonhos estavam cheios com a visão de uma mulher pequena, luxuriante, com um longo cabelo de Borgonha escuro. Envolvendo-se apertada ao redor de seu corpo como um vício.

Capítulo Quatro

Estava completamente escuro e Brandi se sentava, esperando pacientemente, no pé de sua cama, olhando fixamente para a porta do armário. As luzes UV brilhante que ela posicionou em torno do quarto, que eram ativadas por movimento, mas Brandi ainda estava quieta, e tinha sido um par de horas agora, desde que começou a ficar escuro. Ela não sabia por que ela tinha que empreender esta cerimônia toda noite que ela passava na casa da sua irmã, mas ela era compelida a continuar fazendo isto. Esperando o monstro aparecer e...o que? Ela de repente saberia de um jeito para dispersar a criatura? Até agora ela tem estado sem sorte nesse quesito.

Brandi temia, em algum canto escuro de sua mente, que ela realmente queria que o monstro a levasse. Para levá-la para o mesmo lugar que todas aquelas crianças desaparecidas. Mas a besta nunca levou um adulto antes. Brandi não estava nem certa de que podia. E então, ainda, ela esperava, não sabendo exatamente pelo que ela estava esperando.

Depois de sua visão, ela sabia que o monstro certamente atacaria novamente, e logo. Ela teve a mesma visão três vezes nos últimos dois dias, um recorde para ela. Ela perguntou-se, não pela primeira vez, quantas hemorragias nasais ela experimentou nos últimos três anos devido a estas premonições estranhas. Mais do que ela ousou contar.

Sete crianças já foram dadas como perdidas, e todas elas, Brandi sabia, tinha sido vítimas da fome do monstro. Para onde as crianças iam quando o bicho-papão as levava, ela não podia adivinhar. Mas ela fervorosamente

esperava, com todo seu ser, que as crianças ainda estivessem vivas em algum lugar, simplesmente esperando serem achadas.

Ela realmente não acreditava nisto, entretanto, e ela se odiava por isso.

Brandi odiou o olhar assombrado nos olhos daqueles que perderam seus bebês. Atormentavam-na com tal culpabilidade que ela não podia fazer algo para ajudar estas pessoas. Especialmente por sua irmã e seu sobrinho. Gail tentou realmente continuar em Mt. Airy depois do desaparecimento de Nick, mas no fim, da mesma maneira que todos os outros até agora, ela deixou a cidade para sempre. Brandi a chamava uma vez por uma, só para manter-se informada do que Gail, seu marido e criança restante estavam fazendo, mas uma brecha cresceu entre elas. Uma que Brandi não tinha idéia de como atravessar.

Gail pensava que Brandi era louca. Completamente. E Brandi não podia culpá-la, realmente. Em alguns modos ela achava que estava um pouco louca, afinal. Mas isso concluiria com a morte da criatura que caçava nos armários das crianças ao longo de toda a cidade. Tinha que terminar, ou então ela estava verdadeiramente perdida.

Exausta mas ainda cheia de ansiedade, Brandi começou a cochilar. As formas cinzas na escuridão do quarto a zombaram, mandando ela sonhar com muitos monstros e pouca esperança. Tinha sido muito tempo desde que Brandi recebeu a oportunidade de dormir durante a noite. Ela sabia, no fundo de sua mente, que estava cometendo um engano indo dormir...mas não podia lutar contra isto. Em uma questão de segundos estava inconsciente para o mundo ao redor dela e os sustos que seriam achados nele.

Ela despertou, muitos minutos mais tarde, com o som fraco de algo movendo-se dentro do armário. Ela piscou forte e enfocou o olhar nisto, imóvel. A maçaneta da porta virou e as luzes UV acenderam, dispersando toda escuridão. Brandi saltou em cima da cama e agarrou seu taco de beisebol, mesmo sabendo que nunca funcionaria no monstro, e aproximou-se do armário.

Era isto. Finalmente.

A porta abriu e ela foi lançada para trás com a força do vento. Uma imagem preta apareceu na escuridão do armário, aproximando-se a cada segundo. Brandi piscou na luz e ficou chocada ao ver o que parecia com um homem, com uma máscara de meia-calça preta escondendo sua identidade, vindo através do vazio que havia se tornado parte de trás do armário. A figura levantou as mãos na frente do rosto, como se a luz o cegasse.

Brandi recuperou sua genialidade e balançou o bastão com toda força que ela pode. Ela pegou o homem no ombro, surpreendendo-o e o mandando para o chão. Algo brilhou em uma cadeia ao redor de seu pescoço, quase a ofuscando mais uma vez. Ela moveu-se para atacar novamente, apontando para suas pernas, mas rápidas que as luzes o homem estava levantando-se,

ficando em pé. Ele saiu correndo do quarto, quebrando qualquer coisa que estava em seu caminho, à medida que ele fugia. Brandi o perseguiu rapidamente, mas não tão rápido como o homem em fuga.

— Pare! Quem você é? — Ela gritou ainda enquanto corria para pegá-lo.

O homem alcançou sua porta da frente. Ela o seguiu para a ele fora para a varanda na hora certa para o ver o homem desaparecer rapidamente dentro das árvores espessas, preto do bosque circundante. Brandi estava descalça, mas ela deu pouca atenção a este fato quando ela saltou da varanda e decolou em uma perseguição.

O bosque estava quieto e silencioso. Antes, Brandi sempre amou tomar um passeio pelo bosque, mas esta noite as sombras se aproximando de árvores e samambaias a assustou quando ela perseguiu o homem de preto. Galhos bateram em seu rosto e prenderam-se em seu cabelo despenteado. Pedacos de espinhos cortaram seus tornozelos e pernas, e seus dedos do pé arranharam-se contra dúzias de raízes e pedras no chão. Mas ainda assim ela corria.

O homem, que ela mal podia vê-lo agora à distância, estava indo para a rodovia, que estava um pouco além do bosque. Um fino véu de neblina havia caído, existiam vários riachos próximos, e sua visão foi prejudicada por causa disso. Ela pegou mais um vislumbre do homem de preto antes de desaparecer na escuridão.

Ela correu ainda por vários mais minutos, seguindo a direção que ela tinha visto pela última vez o homem. Ela finalmente chegou na estrada, ofegante e sangrando, mas podia não ver nenhum sinal de sua presa.

— Maldição! — Ela gritou, balançando seu bastão com ira frustrada. — Que diabos acabou de acontecer? — Ela perguntou a escuridão, esperando e não recebendo nenhuma resposta a sua pergunta. — Que diabos? — As palavras terminaram em um sussurro.

Ela não sabia. Nada como isto já aconteceu antes.

Ela girou em círculos esperando ver por um momento o homem de preto, mas em seus ossos ela já sabia que ele estava longe.

— Isso não era o bicho-papão, — ela murmurou para si mesma, abraçando seus braços. — Então quem ou o que era?

Um homem. Tinha que ter sido um homem, um que era desajeitado, e ele correu dela. Mas como um homem saiu do armário? Ela verificou o armário quando os últimos raios do sol afundaram no horizonte, e ela vigiou toda a noite. Ninguém podia ter se esgueirado para o armário sem seu conhecimento.

Ele veio do nada.

A parte de trás de seu armário tinha sumido, um buraco negro, nada mais, era sempre por aonde o monstro viera. Mas não houve nenhum monstro. Apenas um homem. Como era possível?

Muitas perguntas, e nenhuma resposta para algumas delas, pesavam fortemente em sua mente. Ela sacudiu a cabeça como se quisesse limpá-la das teias de aranha e virou-se, lentamente, voltando através da meia-noite, e da floresta negra da qual ela viera. Seus pés gritaram de dor, como fizeram seus muitos outros ferimentos secundários, mas ela os ignorou por força de vontade.

Incapaz de se conter, ela girou e voltou para a estrada uma vez mais. A cidade de MT. Airy era bastante pequena, então existia pouco tráfego, mesmo durante a hora do rush. Agora a longa estrada estava deserta. Não havia um carro para ser visto em qualquer direção. Ela cruzou a estrada de duas pistas e entrou no bosque que ficava do outro lado. Nem um som quebrou o silêncio, nem uma folha mexeu. Não havia nenhum homem de preto.

Ele existiu, ou teve sua mente exercido um truque elaborado sobre ela?

Rosnando, ela girou e saiu mais uma vez. Levou vários longos minutos para retornar, mesmo em uma rápida caminhada com os pés doendo. Quando ela viu as luzes da casa adiante, ela parou e fez uma careta.

O que acabou de acontecer? Ela dormiu? Isto tudo tinha sido um sonho? Aqui estava ela no bosque, descalça e desalinhada. Ela simplesmente tinha sonambulismo? Brandi sentiu as lágrimas de frustração bem no canto dos olhos, porque simplesmente, não sabia as respostas para suas próprias perguntas. Ela finalmente enlouqueceu, como todo mundo já suspeitava?

Brandi enxugou furiosamente as lágrimas, ela odiava qualquer sinal de debilidade nela mesma, e foi se sentar no balanço da varanda dianteira. Esse era o melhor lugar para ela pensar, enquanto se balançava devagar de um lado para outro no ar da noite aprazível. Ela tinha medo, no momento, de voltar para dentro da casa. Ela não sabia o que, se aparecesse, ela acharia lá.

Mas espere. A gravação de vídeo.

Ela ficou em pé, ignorando a dor, e correu para a casa. Brandi agarrou a fita e o DVD das câmeras de vídeo com as mãos trêmulas e os colocou no seu computador. Ela saltou para o momento que ela estava certa de que o incidente com o homem de preto aconteceu. Ela teve uma visão perfeita da porta de armário por vários longos segundos então...estático.

Estático? *Estático!* Brandi bateu ao lado de seu monitor, como se fazendo assim faria a imagem borrada ir embora. Não fez. Em todos os três minutos não havia nada na fita ou no DVD. As ambas as câmeras falharam em registrar aqueles três minutos simultâneos. Depois da estática, a imagem do armário apareceu e parecia que os dispositivos de gravação começaram a trabalhar novamente.

Ao mesmo tempo.

Que diabos estava acontecendo?

— Eu não tenho nenhuma idéia, — ela respondeu com um sussurro que ecoou estranhamente agitado na sala em silêncio e em sua cabeça.



Entrar no Museu Smithsonian de História Natural seria difícil, até para três homens com talentos extraordinários.

Nenhum deles podia simplesmente caminhar pelas paredes do grande edifício que continha o diamante, não como alguns dos outros membros da sociedade dos Templários. Mas eles tinham outros modos de entrar.

Ramiel aproximou-se das duas portas de metal maciço e estudou as fechaduras atentamente. — Dê-me alguns minutos, cavalheiros, e eu terei vocês do lado de dentro.

O corpo de Ramiel turvou-se e então desapareceu, deixando só uma névoa espessa para trás. Aquela névoa girou no ar por um momento então voou para as dobras no batente da porta. Desapareceu pelo minúsculo buraco, deixando Julian e Marduk de pé do lado de fora das portas. Vários minutos passaram e nada aconteceu.

— Talvez ele esteja tendo dificuldade com os sensores de movimento, — Marduk observou.

— Eu não acho. — Julian agitou sua cabeça.

No interior, Ramiel deixou sua forma incorpórea derivar até os sensores de movimento colocados aleatoriamente no quarto. Ele juntou umidade que teria formado em sua boca se ele não fosse um vapor nebuloso e usou isto nos pequenos circuitos eletrônicos dos sensores, eficazmente os incapacitando.

Entretanto...um guarda apareceu no outro lado do grande quarto. Ramiel fugiu para as sombras. O guarda olhou em volta, ficando bem longe do alcance dos sensores de movimento, e partiu. Ramiel deu um suspiro de alívio e saiu de seu esconderijo após esperar alguns minutos a mais só para ter certeza de que ninguém mais estava vindo.

Ramiel tomou sua forma física mais uma vez e ficou ante as grandes portas do museu. Havia um teclado de segurança na porta. Ele tocou isto com seu dedo indicador, enviando um raio de eletricidade para o teclado, fritando seus interior. Ramiel só esperava que agora estivesse inválido. Ele respirou fundo e destravou as fechaduras, uma por uma. Então, ainda olhando em volta para os guardas, ele abriu a porta para seus amigos.

Felizmente, nenhum alarme soou.

— Está na hora, — Marduk sussurrou.

— Shh, não faça nenhum som, — Ramiel acautelou. — Existem guardas humanos nesse lugar.

— Então nós teremos que ser extras cuidadosos, não? — Julian observou.

— Em que andar o diamante está? — Marduk perguntou.

— O segundo, — Julian respondeu, imediatamente indo em direção aos degraus que os levariam aos pisos superiores. — Vamos agora, e fiquem em silêncio, — ele comandou em um sussurro.

O trio subiu os degraus, sempre vigilantes, como as sombras na penumbra. Era um grande risco que eles estavam tomando, mas um necessário; Um que eles todos acreditavam sinceramente. As sete chaves tinham que ser achadas, e logo. Os véus entre os mundos estavam rasgando, permitindo a muitos males vindos diretamente da Cova vagarem pela Terra sem controle.

Depois de uma boa metade hora de procura, evitando guardas e evitando sensores de movimentos, eles finalmente acharam o diamante. Iluminado por luzes em sua vitrine, que lançava um arco-íris de cores brilhantes o suficiente para cegar, Ramiel estremeceu, parou longe dele, como se seu brilho lhe doesse.

Muito provavelmente fazia, Julian percebeu com surpresa.

Julian aproximou-se da caixa, estendendo sua mão como se fosse tocar a pedra. Ele parou abruptamente e fez uma carranca, balançando sua escura cabeça para o lado como se escutasse algo que só ele podia ouvir.

— Eu não sinto nada, — Julian disse afinal. — Eu devia sentir sua atração, mas eu não sinto.

— Estranho, Talvez nós estivéssemos errados. Talvez a pedra não seja a sexta chave afinal, — Ramiel suavemente disse.

Marduk avançou e olhou para a pedra. Ele estudou isto por um longo tempo, então olhou para Julian, decepção evidente em seus olhos de âmbar. — Essa pedra não é real.

Julian piscou com surpresa. — O que? Não é real? Como que pode ser? — Ele explodiu.

Marduk encolheu os ombros. — Fique calmo, — ele advertiu. — Eu não entendo isto. Mas eu vi muitas jóias em meu tempo e eu sei que esta pedra é

massa, falsa, nada além de um impostor. Você pode dizer pelas inclusões profundas dentro, falhas, que são invisíveis para o olho nu. Esta pedra foi feita à mão. Uma fraude muito inteligente.

Julian estava atordoado. — Como pode ser isso?

— Eu não sei. Eu só sei que esse não é o diamante de Esperança, — Marduk respondeu.

— Eu não entendo, — Julian respirava. — Sempre foi uma fraude?

Marduk pensou por um momento então agitou sua cabeça. — Eu vi isto na televisão, a pedra real, então eu não acho que essa imitação tem estado aqui há muito tempo. Não, isto é trabalho de outra pessoa.

— Como nós poderemos achar isto agora? — Ramiel se enfureceu.

— *Shh!* Ainda há guardas, — Marduk advertiu mais uma vez.

— As chaves me chamaram ao longo dos anos, — Julian murmurou. — Esta pedra me chamará também, não importa onde possa estar agora. Venha, vamos sair deste lugar antes de nós sermos notados.

— O que nós faremos agora? — Marduk perguntou.

— Nós esperaremos e veremos onde a pedra nos leva, — Julian respondeu. — Enquanto isso, nós começaremos a nossa procura pela sétima chave.

— Vamos esperar que seja mais fácil achar que o diamante, — Ramiel rosnou.

Os homens deixaram o edifício do mesmo modo que eles vieram, não deixando atrás nenhum rastro de sua presença além dos sensores de movimento e o teclado de segurança arruinado. Passou muito tempo antes de algum deles ter qualquer coisa mais para dizer.



Brandi se sentou e assistiu as notícias sem realmente ver a televisão. Seus pensamentos estavam a milhas longe, bem longe da história de um rombo no Smithsonian.

Ela perguntou-se se, de fato, ela ficou louca afinal.

Ela não dormiu em quatro dias, não desde o incidente com o homem de preto. A insônia não era estranha para ela, especialmente nestes últimos três anos, mas essa era um pouco diferente. Ela não podia ir dormir, nem mesmo um cochilo, não importa o quão duro ela tentasse, sua mente era como uma

nuvem da tempestade de pensamentos trovejando em sua cabeça. Brandi não podia evitar, mas ela estava agora começando a acreditar que talvez ela fosse tão tola quanto as pessoas de MT. Airy pensavam que ela era.

Como um homem saiu pelo armário? Como era possível? Era mágica? Era qualquer outra coisa? Brandi não sabia. Não existia nenhuma resposta para suas perguntas, pelo menos nenhuma que ela pudesse achar.

Agora Brandi estava deitada em seu sofá diante da televisão, os olhos cinza vermelhos e inchados, tão cansada que ela sentia que poderia dormir por dias se só a insônia fosse embora. Ela ergueu um Twinkie ³para sua boca, sua comida favorita de preguiçoso, e tomou uma grande e satisfeita mordida. Para o inferno com seu problema de peso; Este negócio com o homem de preto era muito mais urgente e, além disso, ela precisava do açúcar para pensar claramente.

O telefone tocou.

Brandi apalpou o aparelho posicionado em uma mesa atrás de sua cabeça. — Oi, — ela falou no receptor.

— Brandi, é Brooke Baily.

Brandi se sentou no sofá, subindo tão rápido que o sangue apressou para sua cabeça.

— Oi, Brooke. Como está tudo? — Brandi tragou duro preparando-se para o que ela sabia que viria.

Brooke começou a chorar no telefone. — Elizabeth foi levada, — ela disse em uma pressa de palavras confusas.

Brandi não soube como responder. — Você chamou a polícia? — Ela perguntou impotente.

— Sim, claro. Ela desapareceu ontem à noite. Os policiais estava aqui até mais ou menos dez minutos atrás.

— Por que você me chamou, então? — Brandi perguntou, já sabendo a resposta.

— Brandi, querida, eu nunca pensei que você fosse louca. Existem coisas demais sem explicação no mundo para eu fazer julgamentos. Você sabe disso não?



³ Bolinho frito com recheios variados.

Brandi assentiu, embora ela soubesse que Brooke não podia ver isto. — Eu sei que você não acreditou nos rumores. Eu sei que é por isso que você deixa-me fazer alguns biscates para sua família, o que eu aprecio muito.

Brooke Baily tomou uma respiração funda, trêmula. — Eu quero ver o que os outros viram. Eu quero que você me mostre o que tomou minha filha de mim.

Com um suspiro fundo, Brandi fracamente pôs sua mão em sua cabeça. Por uma vez, ela não achava que tivesse forças para encontrar o monstro, cansada e desmoralizada como ela estava. Mas Brooke teve a coragem para chamá-la; era justo Brandi fazer por ela o que ela fez para os outros sete. — Eu mostrarei a você o que eu tenho gravado em vídeo dos outros. Mas eu não sei se eu posso fazer mais que isto. Você não tem mais crianças que poderiam atrair o monstro de volta, então eu duvido que você possa ver isto de primeira mão.

— Por favor, tente, — Brooke pleiteou.

— Certo. Se eu puder, eu mostrarei a você, — Brandi prometeu. — Eu estarei aí hoje à noite, ao pôr-do-sol.

— Nós estaremos esperando por você, — Brooke soluçou novamente e o som quase quebrou coração de Brandi. — Muito obrigada, Brandi.

— Eu não preciso de seu obrigado, Brooke. Além disso, depois de hoje à noite, você provavelmente me odiará pelo que eu vou mostrar a você.

— Eu não odiarei você, — Brooke jurou.

Brandi curvou sua cabeça. — Nós veremos, — ela respondeu. — Eu encontrarei você hoje à noite, Brooke.

— Deus te abençoe. Adeus.

Brandi olhou fixamente para o telefone como se fosse uma serpente. Ela odiava o medo, a tristeza e até a determinação que ela ouviu na agitada voz de Brooke. Brooke não poderia pensar agora que sua vida mudará depois de hoje à noite, poderia assumir que ela podia continuar com sua vida com só um coração dolorido pela sua filha desaparecida. A visão do bicho-papão provável a traumatizaria para sempre e eventualmente, se não imediatamente, ela culparia Brandi por mostrar tal horror. Era inevitável.

Indiferentemente, Brandi sabia que ela devia mostrar à verdade para Brooke. A mulher tinha sido mais que gentil com ela nos últimos três anos. Era o mínimo que ela podia fazer em pagamento por aquela generosidade.

Brandi só esperava que ela tivesse força para enfrentar o bicho-papão mais uma vez.

Ela deitou-se de volta no sofá e desejou dormir, para recuperar alguma força levá-la pela noite adiante. Demorou muito tempo em vir, mas afinal ela pode cochilar. Não era um sono real, mas ela tomaria o que pudesse conseguir e teria muito prazer com isso.

Pelo menos até o pôr-do-sol.

Capítulo Cinco

Brandi caminhou através do gramado da casa Baily, segurando sua câmera de vídeo em uma mão e sua lanterna na outra. Era uma noite quente, úmida e cheia com o perfume espesso e enjoativo das flores de madressilva. Ela caminhou as duas milhas de sua casa até os Baily's, apesar de precisar conservar a força que ela tinha. Ela precisava desesperadamente de um tempo para pensar em uma maneira de fazer isso durante a noite e tudo o que tinha reservado para ela.

Por uma vez, Brandi estava perplexa. Por um lado ela interrogava sua sanidade, no outro ela estava determinada a trazer à tona este espectro do mal e enfrentar isto. As duas emoções contraditórias e confusas a debilitavam. Algo que ela mal podia, se ela fosse fazer isto pela noite. Ela subiu a varanda dos Baily's e deu um suspiro pesado de esgotamento, afiançando seus nervos o melhor que ela podia em poucos momentos serenos para ela.

Brooke respondeu a porta antes de Brandi poder apertar a campainha.

— Brandi, entre. — Brooke andou para o lado, permitindo a ela entrar. — Eu estou tão contente que você está aqui.

— Desculpe, eu estou atrasada. Eu caminhei. Onde está o quarto de Elizabeth? — Brandi disse as palavras com pressa, seu corpo e mente já engajados na provação adiante.

Brooke a levou mais profundo na casa, olhando por sobre o ombro a cada poucos segundos como se a tranquilizar-se de que Brandi a seguia.

— Aqui. — Brooke apontou para uma porta forrada com cartazes e desenhos infantis.

Brandi entrou pela porta do quarto desordenado de Elizabeth. Ela foi imediatamente para o armário, abriu e olhou para o lado de dentro. Nada. Só algumas roupas e brinquedos dispersos em uma bagunça que só para uma criança podia fazer sentido. Brandi girou para Brooke, que esperava aflita na porta. — Eu precisarei que você parta, — Brandi disse a ela suavemente.

— Eu não posso ficar e olhar?

— Eu não estou certa de que o monstro virá com tantos adultos no quarto. Eu nunca tentei isto. — Em realidade, ela não estava certa de que

Brooke pudesse lidar com o choque de ver o monstro de primeira mão, não no estado que ela estava em agora. — Eu nem sei se virá hoje à noite mesmo. Eu tenho minha câmera de vídeo — ela levantou a câmera, — se algo acontecer eu gravarei isso tudo em fita. Você pode contar com isto.

Sr. Baily, um homem de quarenta anos, de altura média, com tristes e emotivos olhos marrons, surgiu atrás de sua esposa. Ele pareceu agitado, como se ele não dormisse há muito tempo. — Vamos deixar ela só, — ele disse, esfregando os ombros de Brooke. — A deixe fazer o que ela veio fazer aqui.

Brooke assentiu e voltou para os braços do marido, fechando a porta suavemente atrás deles à medida que eles partiram.

Só, Brandi fechou a porta de armário e sentou no chão na frente dele. Ela sentou-se sobre seus joelhos, de forma que se o monstro viesse, ela imediatamente poderia ficar em pé. Ela não esperava que a criatura retornasse. Mas ela podia estar errada. Não poderia haver chances perdidas aqui, então ela segurava uma pequena esperança de que aquela a besta se mostraria mais uma vez.

Brandi tentado não deixar a visão dos brinquedos e ursos de pelúcia arruinarem sua concentração, mas sua mente vagava, apesar de sua determinação. O quarto parecia um pouco perdido, à deriva, sem uma criança nela. Os brinquedos estavam espalhados a esmo, como se a criança tivesse saído só segundos atrás, e o quarto ainda tinha um rastro fraco de odor de xampu de bebê. O perfume o coração de Brandi inchar com tristeza.

O que ela estava para fazer? Ela não podia matar o monstro. Ela só podia assistir como ele levava criança depois de criança, novamente. Ela era tão impotente quanto todos os outros pais na cidade. Quando tudo isso terminaria? Ela desejou fervorosamente ter uma resposta para aquela pergunta. No momento, ela faria a única coisa que podia fazer. Ela esperaria a criatura aparecer.

As horas passaram. Quantas, Brandi não sabia, mas suas pernas estavam entorpecidas de estar dobradas debaixo dela por tanto tempo. Ela bateu os punhos contra suas coxas para despertá-las e milhares de minúsculas agulhas a apunhalaram de seus pés até seus joelhos.

— Vamos, — ela impacientemente disse, correndo seus dedos por seu cabelo em um gesto nervoso. Ela encarou a porta do armário como se isso ajudasse a apressar a criatura.

A maçaneta agitou.

Brandi saltou para seus pés formigando, surpreendida, mas determinada a permanecer em pé.

A maçaneta girou lentamente.

Brandi levantou a câmera e começou a gravar. Era isto.

A porta abriu, deixando uma explosão de ar frio no quarto. Fora da escuridão veio a sombra do monstro, vindo para ela tão rápido que ela não teve tempo para reagir. Ele apareceu à sua frente, assumindo uma forma humanóide, estendendo seus longos braços alienígenas para ela.

Uma sensação de grande tristeza e medo a assaltaram; O monstro emitia bastante cheiro forte disto. Era tudo que Brandi podia fazer para não vomitar. Ela apertou seus dedos na câmera até que suas juntas ficaram brancas. A desesperança a levou em uma corrida fria e pela primeira vez Brandi sentiu vontade de desistir. Como só deixar ir, deixar o monstro a ter a seu modo. O monstro a agarrou e ela hesitou, a mão esfumaçada apenas passando por seu rosto, e Brandi se debruçou nele contra sua vontade, seguindo-o em direção ao armário. Sua cabeça nadada com visões de milhares de crianças gritando. Lágrimas vazaram de seus olhos. Ela não podia achar a força para ligar sua lanterna. Este era o final.

A porta do quarto lascou e voou para longe, batendo em suas dobradiças. Um homem em um casaco preto longo entrou no quarto, sua presença tão dominante que por um momento Brandi esqueceu o monstro completamente. Ele tirou uma espada de um metro e meio de dentro das dobras volumosas do casaco, brandiu isto com elaborados movimentos, ele estava obviamente acostumado a lutar com esta espada, e apunhalou o monstro. A lâmina ardeu branca, mais brilhante que uma estrela. A luz tocou o bicho-papão e ele gritou, se afastando. O homem girou e atacou com a espada no que devia ter sido o pescoço da besta.

A sombra dispersou, como uma névoa preta sendo chupada de volta para de onde veio. Em um piscar de olhos, a parte de trás do armário ficou visível novamente e o homem embainhou sua arma com movimentos rápidos, fazendo desaparecer em seu casaco como se por mágica.

Ele girou para ela, seus frios olhos azuis a alfinetando no lugar. — O que em todos os infernos você estava tentando fazer aqui, mulher? Você tem alguma idéia do perigo que você se colocou?

Brandi piscou. — Quem diabos é você? — Era tudo que ela podia pensar dizer.

O homem diminuiu a distância entre eles e tomou sua câmera de sua mão. Ele empurrou a máquina fotográfica debaixo de seu nariz ameaçadoramente. — Você pensa que estes brinquedos protegerão você? Eles não irão. Você está tocando com coisas que você não entende!

A raiva substituiu o choque e Brandi sentiu suas bochechas aquecerem. — Quem inferno é você e o que faz você pensar que pode falar comigo assim, amigo? — Ela trovejou.

O homem friccionou seus dentes. Ela realmente os ouviu moendo em sua mandíbula quadrada.

Foi então que Brandi notou as formas perturbadas de Brooke e seu marido de pé na entrada. Sentia-se como o pior demônio que não podia encontrar palavras para fazer seu horror menos horrível de suportar. Mas ela estava muito abalada e irritada para pensar direito.

— Meu deus, — Brooke disse. — Eu vi isto. Eu não posso acreditar nisso, mas eu vi isto! Essa coisa era real? Como aquela coisa podia ser real? — Sua voz ficando estridente naquelas últimas palavras.

Brandi assentiu silenciosamente antes de deslizar os olhos de volta para o estrangeiro com o frio olhar azul. Ele também estava olhando para os Bails, mas no momento que seus olhos o tocaram, ele voltou sua atenção para ela. Ele franziu as sobrancelhas e, ainda mais do que um pouco irritado, Brandi fez uma careta para ele.

— Nós precisamos conversar, — o homem disse, sua voz funda e rica, com mais que um rastro de um acento francês, e a agarrou pelo braço. Ele praticamente a arrastou até os atordoados Bails. O homem colocou a mão no bolso e retirou um maço espesso de dinheiro. — Pelas suas portas, — ele disse, dando o dinheiro para a ainda atordoada Brooke. — E tábuas para cobrir o armário, — ele disse a eles à medida que ele passou, não diminuindo a velocidade. Ele não parou até que eles estavam fora, no gramado na escuridão.

Brandi não pode evitar, notou que a porta da frente tinha sido arrombada também, a madeira lascou em todos lugares como se explodisse.

— Qual é seu nome, mulher? — O homem perguntou.

Brandi zombou. — Eu não direi a você meu nome até que você me dê o seu, — ela replicou belicosamente.

O homem suspirou fortemente, seus incrivelmente ombros largos inclinando um pouco. — Meu nome é Julian. Agora me diga seu nome, a menos que você deseje que eu continue a chamar você de “mulher” ou simplesmente “ei você”. — Seus ombros endireitaram, como se ele estivesse preparando-se para uma batalha.

Brandi estava louca o suficiente e poderia dar a ele um. — Eu sou Brandi.

— Brandi, você sabe quanto perigo você se colocou hoje à noite?

Ela rolou seus olhos. — Eu fiz isto muitas vezes. Eu tenho uma lanterna, a luz assusta isto. Eu não estava em perigo.

— O Bogle⁴ pode da mesma maneira facilmente tomar adultos como crianças.

— Não, não pode, — ela replicou, mas ela realmente não acreditou em suas próprias palavras. — Nunca levou um adulto.

— Isto é porque prefere se alimentar da inocência de crianças. Mas isso não significa que não pode tomar você, ele pode escolher. Se você o forçar neste seu jogo tolo.

— Eu posso cuidar de mim mesma, — ela rosnou. — Eu tenho feito isto por três anos. Eu penso que eu estou segura o suficiente do...do que você chamou isto? Bogle? De qualquer maneira, eu não estava em perigo. — Ela perguntou-se, em sua mente, se isso era realmente verdade. Mas ela nunca teria admitido isto para ele.

— Você não entende sua posição aqui. Você deliberadamente estava atraindo o monstro para vir para você. Você estava chamando por ele. Por que? Que propósito você tem?

Brandi apontou para a casa dos Bailys. — Eles perderam sua criança por causa desta coisa de maldição. Eu estava só tentando mostrar a eles.

— Você achou que eles realmente precisavam ver?

Ela sentiu como se tivesse sido atingida. Ele ecoou os mesmos pensamentos que ela tinha se preocupado nos últimos três anos. — Eles quiseram ver a verdade. Eles mereciam ver, se eles quisessem.

— Ninguém quer ver algo assim. — Seus olhos azul brilharam, até na escuridão. — Eles não tiveram nenhuma idéia no que eles estavam entrando, e você devia ter sabido melhor.

— Espere, o que você está fazendo aqui? — Ela estalou. — Você conhece os Bailys ou algo assim, porque eu nunca vi você e eu conheço todo mundo nesta cidade. Como você sabe tanto sobre o bicho-papão, seu Bogle, huh?

O homem simplesmente olhou para ela por um longo momento, tenso, seu olhar nunca deixando o seu. Sem vacilar. — Eu vim ... — Ele balançou a cabeça, em seguida, como se quisesse limpá-la, colocando a palma de sua mão em sua cabeça. — Eu vim aqui achar algo.

— Eu não entendo você, — ela disse quando ele não ofereceu mais.

— Você não precisa, — ele disse, recuperando sua compostura e agarrando seu braço novamente. Ele a puxou atrás dele através do gramado

⁴ Tradução: duende, espectro ou fantasma.

em direção a onde uma motocicleta preta e lustrosa, esperava. — Eu mal me entendo, — ele murmurou.

— Deixe — *Oof!* — Ela tropeçou, curvando seu tornozelo dolorosamente. Ela teria caído se ele não tivesse segurado seu braço tão apertado. — Me deixe ir, sua maldita monstruosidade! — Ela bateu em sua mão, notando o quão grande e brutalmente forte era quando ele continuou a arrastar junto. Ela tentou e falhou não notar outros, mais desconcertantes detalhes sobre ele.

Ele era muito mais alto que ela, por pelo menos um pé. Seu brilhante, escuro, cabelo de cor chocolate marrom era longo, passando um pouco seus ombros, preso com um pedaço de couro na nuca de seu pescoço. Seu rosto era uma obra de arte, como se fosse esculpido em pedra, forte, quadrado e rígido. Sua garganta era espessa com músculos e uma tatuagem tribal corria para baixo da camisa preta que ele vestia embaixo de seu casaco. A camisa ajustava-se a ele como uma segunda pele, exibindo seu musculoso tórax e abdômen contraído. Seu casaco era reto do pescoço até a cintura, então Cia para fora como uma saia-casaco de diácono, ao redor suas longas, longas pernas. Ele usava botas pretas de bezerro com fivelas de prata refletindo brilhantemente no luar.

Ele era de tirar o fôlego. Como algum guerreiro escuro saído diretamente de um conto de fadas.

Eles chagaram na motocicleta e Julian parada de arrastá-la, a girando para enfrentá-lo. Seus olhos, Brandi notou, eram mais que só um glacial azul. Eles eram azul pálido, quase prata, com uma borda mais escura de azul cercando a íris brilhante e iluminando as pupilas. Suas pestanas eram longas e espessas, negras como meia-noite. Ele tinha o tipo de olhos pelo qual qualquer mulher mataria. Olhos sensuais de bruxa.

Ele a estudou da mesma maneira que ela o estudou, seu olhar assistindo tudo dela de cabeça até o dedão do pé. — Eu não esperava isso de jeito nenhum, — ele rosnou debaixo de sua respiração, falando como se ele esquecesse que ela estava lá, mas Brandi sabia que ele não esqueceu. Seus olhos positivamente a beberam.

— O que? — Ela picou.

Seu olhar relampejou para ela inexpressivamente. — O que?

— O que você não esperava? — Ela perguntou a exasperação aumentando.

Ele agitou sua cabeça e fechou seus olhos, suspirando fortemente. — Nada. Não é nada. Vamos, eu levarei você para casa. — Ele lançou sua longa perna acima da motocicleta e libou o motor, que retumbou como o despertar de um gigante de uma soneca profunda.

— Espere! Eu não quero deixar os Bailys até que eu expliquei tudo...

— Não se preocupe sobre o Bailys. Eles resolverão as coisas por eles mesmos. Agora suba. — Seu tom sugeriu que ele não aceitaria mais recusas.

Brandi nunca montou em uma motocicleta. Ela não estava certa de que ela queria. Mas ela não ia dar uma de frangote na frente deste homem viril, comandante. De jeito nenhum. Ela encolheu os ombros, juntou sua coragem e balançou sua perna acima da motocicleta, seu peito indo descansar contra as largas costas de Julian. Suas pernas embalaram seus quadris e a vibração da motocicleta a moveu sensualmente contra ele. A intimidade nesta posição estava inevitável. Brandi sentiu suas bochechas queimarem com seu desconforto envergonhado.

Ele acelerou o motor e correu, os pneus ruidosamente gritando, girando a bicicleta e saindo da calçada dos Bailys. Uma vez que eles alcançaram a estrada principal, até que o vento estava mordendo a sua pele exposta. Seu longo casaco cauda bateu no vento em cada lado dela, como as asas de um grande morcego. Brandi lançou seus braços ao redor da cintura de Julian, enterrado seu rosto contra suas costas e agarrando-se a sua vida querida.

O vento brincava com o cabelo longo de Brandi, chicoteando até que era um enredo selvagem. A bicicleta vibrava entre suas pernas, jogando fora o pouco de concentração que lhe restava.

Com o rosto enterrado contra ele enquanto andava, ela capturou seu cheiro e respirou bem fundo. Ele cheirava a incenso Nag Champa⁵. Sua pele exalava muito a fragrância. Delicioso. Ela nunca cheirou um homem com um cheiro melhor do que este, ela estava certa. Seu odor penetrou seus sentidos, fazendo cabeça rodopiar. Ela lutou contra o desejo de esfregar seu rosto contra suas costas e ronronar como um gatinho bem satisfeito.

Sua reação primitiva a proximidade deste homem a chocou e intimidou. Ela nunca teve uma resposta tão forte para um total estranho. Quase a assustava, era forte e imediata.

Ela o sentiu pressionado contra ela, sua bochecha repousava contra o cabelo que caía nas costas dele, tocando seus quadris, coxas e pernas. Ele a deixou sem segredos para esconder. Se ela sentia isso intensamente, ela soube que ele também tinha de estar ciente dela, de suas coxas em torno de sua cintura e seus seios tão apertados contra o seu dorso.



⁵ O Incenso Satya Sai Baba Nag Champa Agarbatti é o incenso mais popular na Índia no que diz respeito a incensos de alta qualidade dirigidos à meditação. O Nag Champa é famoso como marca de incenso, mas na verdade é o nome do exótico e distinto óleo perfumado originalmente manufaturado nos templos hindus e budistas da Índia e do Nepal. É uma fragrância floral única com toques almiscarados. É preparado tradicionalmente a partir de uma base de sândalo à qual se junta uma variedade de óleos de flores – incluindo o óleo da flor da árvore de champac.

Eles fizeram uma parada na estrada e Brandi teve a oportunidade de se afastar um pouco dele.

— Qual caminho? — Ele perguntou a seu ombro.

— Aquele. — Ela apontou e então agarrou seu ombro quando ele acelerou a motocicleta saindo do canteiro, os pneus guinchando.

— Você tem que dirigir assim? — Ela gritou com ele.

— Cale-se e deixe-me pensar, — ele latiu de volta.

Ela sentiu seus olhos alargarem-se. Cale-se? Ele realmente disse para que ela se calasse? Ela teve o desejo selvagem de começar a gritar, só para ver o que ele faria. Mas a sua impressionante musculatura do ombro flexionou tensamente e ela pensou melhor.

Algumas viradas mais e Brandi o dirigiu pela longa estrada de cascalho que levaria a sua casa. Ela não estava certa se ela estava confortável com este homem sabendo onde ela viva, mas não havia mais nada para fazer.

— Agarre-se, — ele disse acima do rugido do vento. — O passeio está para ficar áspero.

Em vez de diminuir a velocidade da motocicleta para amortecer as covas e pancadas na estrada, como ela esperava, ele acelerou dramaticamente. O passeio se tornou uma montanha russa selvagem, com o vento que rugindo em suas orelhas, mas Julian facilmente controlou a máquina apesar da aspereza do terreno. Era realmente bastante impressionante.

Eles pararam nos primeiros degraus de sua varanda, uma nuvem de pó subindo atrás deles. Julian foi o primeiro a sair da motocicleta e ele galantemente ajudou Brandi a sair com uma mão em seu cotovelo, mas ele não olhou para ela. Seus olhos pareciam distante, como se ele estivesse imerso em profundos pensamentos. Ela ignorou a descortesia e, ao invés, tentou não deixar seu toque a afetar. Mas era um esforço tão fútil quanto parar de respirar. Algo sobre ele acabou conseguindo entrar debaixo de sua pele. Isto, em dupla com sua estranheza e sua falta de sono, a deixaram completamente sem guarda. Ela não tinha nenhuma pista de como lidar com esta situação, nenhuma mesmo.

— Convide-me para uma bebida, — ele comandou, a surpreendendo.

— Amigo, você tem algum problema, mandando em mim desse jeito, — ela rosnou.

Ele piscou devagar, seus olhos azuis claro queimando como estrelas. — Não importa sua vontade, eu *estou* entrando. Nós temos muito para discutir.

Brandi sentiu sua teimosia subir para o salvamento. — Por que nós não discutimos as coisas aqui fora?

— Porque eu quero conversar do lado de dentro.

Brandi se surpreendeu dando uma gargalhada em reação a sua maneira arrogante, dominante. Ela agitou sua cabeça e ficou sóbria depressa. — Eu não quero convidar você, — ela continuou a protestar.

— Eu não me importo, — ele atirou de volta.

Ela friccionou seus dentes. — Bem. Fique aqui fora na varanda então, eu estou entrando para tirar um cochilo. — *Se eu puder*, mas ela não articulou essa parte em voz alta.

Ele a seguiu para a porta, colado em seus saltos, tão perto que ela podia sentir o calor irradiando dele atrás dela. Com sua mão na maçaneta, ela girou para enfrentá-lo. — O que você pensa que está fazendo?

— Senhora, não existe nenhuma razão para ser obtusa sobre isso, — ele disse com um show óbvio de paciência.

Ela sentiu seus olhos alargarem-se com choque. — Eu? *Obtusa*? Olhe, seu idiota, eu nem te conheço. De jeito nenhum eu vou convidar você para entrar em minha casa. Você podia ser um assassino para tudo que eu sei. Sem mencionar que você tem uma espada gigantesca escondida em seu casaco em algum lugar!

Julian alcançado em seu casaco e recuperou a espada. Brandi retrocedeu com um ofego como piscou para ela no luar, seu brilho anterior estava escurecido. — Você quer dizer isto? — Ele perguntou. — Por que eu apenas não deixo isto aqui fora na varanda, isso faz que você se sinta mais segura?

Ela olhou sua alta, densamente musculosa forma e bufou. — Não.

Ele sorriu, um porte presumido de seus dentes brancos claros, e ele primorosamente dobrou a espada de volta em seu casaco. — Entre, Brandi.

— Não.

Julian rosnou, moveu-se rapidamente e a levantou pelo colarinho da parte de trás de sua blusa. Brandi gritou quando seus pés oscilaram. Ele apertou seu agarre e ela estava quase sufocando com sua camisa. — Nós entraremos juntos, — ele disse e chutou sua porta. Ele parecia perito em fazer isto.

Ele praticamente a lançou na sala de estar, ele soltou-a de repente, e ela tropeçou. Ele levantou sua mão e ela estremeceu, esperando por um golpe, mas ele correu sua mão por seu cabelo ao invés, retirando sua faixa, e ela alarga um suspiro aliviado.

O azul de seus olhos quase ardeu. Ele levantou sua mão novamente e olhou para ela. — Você pensou que eu iria atingir você, — ele acusou.

Brandi não pensou em mentir. — Sim, — ela respondeu.

Ele agitou sua cabeça. — Nossos caminhos cruzaram por uma razão. Agora eu estou prometido a proteger você. Pela minha honra, eu juro a você que eu nunca machucarei você se você não merecer isto, — ele disse ironicamente. Quando ela tentou interromper, ele levantou sua mão e disse, — Certo, certo, certo, eu não a machucarei. Pela minha honra, eu muito juro isto. — Ele piscou e ela em corajosamente tentou não ser afetada por aquele olhar quente.

Ela bufou novamente para esconder sua frustração. — Como eu vou acreditar na honra de alguém que eu acabei de encontrar. Esqueça isto.

Ele rosnou, olhos perigosamente escurecendo. Brandi sentiu sua pulsação dobrar sua batida. — O último homem que questionou minha honra morreu de uma morte rápida.

Brandi riu, então, vendo que Julian estava completamente sério, ela riu mais. — Você é um pêssego real, você sabe disso? — Ela disse, ficando séria com um pouco de esforço. — Você realmente parece estar dizendo a verdade. Tudo bem. Vamos falar, garotão.

Capítulo Seis

A casa do Brandi era arejada e espaçosa, mas o corpo densamente musculoso de Julian parecia enchê-la, ocupar os espaços, elevando-se sobre como ela foi até a cozinha pegar um copo de leite

— Eu tenho perguntas que precisam ser respondidas, — ele disse quando ela se sentou em um tamborete alto na ilha da cozinha no meio da sala.

— Sim, bem, eu tenho algumas também, — ela atirou de volta depois de tomar um longo gole de leite.

— Eu primeiro, — ele disse, sentando-se no lado oposto a ela.

— De jeito nenhum, essa é minha casa. Minhas perguntas primeiro, então as suas mais tarde. Se você se comportar.

Ele pareceu confundido por um momento e então controlou completamente suas características, de forma que Brandi não teve nenhuma idéia do que ele estava pensando. — Bem, — ele disse laconicamente. — Vamos responder às suas perguntas primeiro. O que você sabe de mim?

— Quem é você?

— Eu disse a você, eu sou Julian...

— Não. Não seu nome. *Quem* é você, por que você está aqui? Como você soube sobre o bicho-papão? Eu quero saber tudo. Diga tudo.

Ele a encarou por um minuto e ela perguntou-se se ele recusaria a responder suas perguntas. Então ele suspirou e agarrou seu copo de leite, tomando seu próprio grande gole antes de falar.

— Eu não posso dizer a você muito, mas que eu tive alguma experiência com Boggles no passado. Quando eu estava dirigindo à noite, eu senti a presença de um próximo. Eu fui levado para a casa, onde você estava chamando o Bogle, e decidi fazer alguma coisa antes de alguém sair machucado.

Não soou como a verdade *inteira*, mas Brandi acreditou em que ele estava dizendo alguma parte dela, e ela assentiu, deixando o assunto passar.
— Você sabe muito sobre o bicho-papão?

— O Bogle, sim.

— Você o viu antes? — Ela perguntou, curiosa.

— Não ele, *isto*. Eu vi muitos em meu tempo, — ele respondeu.

Brandi ponderou aquilo por um momento. — Então nossa cidade não é a única atormentada por esta coisa? Existem outros?

— Como sua cidade é atormentada por isto? — Ele respondeu com uma carranca.

— Sete... — Ela agitou sua cabeça, contando caladamente. — Não. *Oito* crianças desapareceram nos últimos três anos. Todos eles foram tomados pelo bicho-papão, o Bogle, o que seja.

Julian ficou boquiaberto, escutando suas palavras com incredulidade. — Tantas. Eu nunca soube de um Bogle tomando tantos. Eles frequentemente visitam cidade depois de cidade, levando uma criança aqui e lá, mas não mais. Isto é muito incomum.

— Sim, bem, bem-vindo a meu mundo. — Ela encheu outro copo de leite.

— Então este Bogle tem estado aqui por três anos?

— Sim. A primeira pessoa a desaparecer foi meu sobrinho. — Ela tomou um longo gole da bebida, juntando as palavras certas. — Eu estava de visita pelo fim de semana e ouvi-o gritar no meio da noite. Eu fui verificar, pensando que era só um sonho ruim, mas sua porta do quarto parecia hermeticamente

fechada. Eu não podia entrar. Nick gritou novamente e eu me apavorei, batendo contra a porta, correndo e batendo com meu corpo nela. Finalmente a madeira lascou, eu estava tão cheia de adrenalina que eu era mais forte do que normalmente eu teria sido, e quando eu abri a porta, eu vi ele sendo arrastado por alguma forma preta volumosa, diretamente para o armário aberto. Eu corri para parar isto, mas a porta de armário bateu em meu rosto e quando eu abri isto, eles tinham sumido.

— Quando você encontrou isto a próxima vez?

— Eu esperei por ele no quarto de Nick. Com certeza, a noite seguinte, o bastardo apareceu novamente. Eu tinha um taco de beisebol, estúpido eu sei, e eu bati nisto, mas o bastão passou através do monstro como se fosse feito de fumaça. Eu me apavorei quando o monstro avançou para mim. Eu fiz a primeira coisa que veio a minha mente. Eu corri para ligar as luzes...

— E o Bogle desapareceu, — Julian terminou por ela, sua cadência francesa deixando um leve rastro de suas palavras. — Você foi sortuda. Um Bogle pode da mesma maneira facilmente levar um adulto, se escolher. — Ele ecoou suas antigas palavras.

Brandi estremeceu. — Eu não sabia disto. Mas isso não importa. O monstro nunca esteve o suficiente perto para encostar uma mão em mim.

— Que tal hoje à noite? Eu vi você encostada no espírito, — ele lembrou a ela. — Ele a hipnotizou.

Ela corou. — Eu não dormi em algumas noites. Eu não estava bastante ciente do que eu estava fazendo.

— Você foi afortunada de que eu cheguei na hora. A besta quase teve você.

Brandi olhou para seu rosto orgulhoso. Ele realmente era um homem atraente, se gostasse se de brutos gigantes, o que ela meio fazia. Ele tinha pelo menos um metro e oitenta, talvez mais alto. Ele era espesso com músculo de seu pescoço tatuado até seus tornozelos, com um fisiculturista. O casaco que ele usava ajustava-se a seu corpo a perfeição, acentuando seus ombros largos e cintura estreita, abraçando seu corpo superior antes de revoar ao redor de suas pernas. Ele era todo homem, da cabeça até o dedão do pé. Ele tinha uma mandíbula quadrada e um nariz reto, estreito. Tinha maçãs do rosto altas, orgulhosas. Seus olhos eram penetrantes, as sobrancelhas negras curvadas, e suas mãos... Brandi tremeu. Suas mãos eram fortes e largas e com longos dedos. Bonito.

Ela perguntou-se, por um curto e apavorante segundo, se ele poderia ser o homem que esteve em seu armário. Entretanto ela percebeu que ele era de longe mais alto e muito mais musculoso do que o homem da máscara preta tinha sido, e ela deixou ir.

— Eu ligaria a lanterna, depois de alguns segundos, — ela disse afinal.

— Você não tinha alguns segundos sobrando, — ele assinalou. — Estava só a umas polegadas longe de você.

Brandi não podia discutir com isto. Por um momento ela mesma temeu que fosse muito tarde para lutar com o monstro. Ela só estava tão cansada.

Aconteceu que ela não tinha estado sonolenta desde que Julian se lançou entre ela e o Bogle. Ela encolheu os ombros jogando o pensamento estranhamente para longe e se concentrado em copo de leite meio vazio.

— Mais perguntas? — Ele perguntou.

— Como você sabe sobre o bicho-papão em primeiro lugar?

Ele friccionou seus dentes.

— Sabe, você danificará seus dentes se continuar fazendo isto, — ela não podia deixar de assinalar.

Ele a ignorou. — Eu sou parte de um grupo que faz questão de saber todas as coisas sobre o inferno. Os Bogles são uma parte disto. Eu os estudei extensivamente. Como também outras coisas mais escuras.

Brandi encarou-o, confundida. — Você quer dizer que existem coisas piores que este monstro? Eu não acredito em você, — ela disse afinal. — Eu não posso.

— Acredite nisto. E espero que você nunca aprenda de primeira mão o quão verdadeiro isto é.

— Então você é o que, um investigador paranormal?

Ele riu e o som passou por ela como uma onda morna. — Eu acho que você poderia chamá-lo de algo parecido. Agora, — ele pôs ambos seus braços na mesa e apertou suas mãos juntas, — Você terminou com suas perguntas?

— No momento, — ela estalou, ocupada lutando contra seu puro magnetismo animal.

— Qual é seu último nome, Brandi?

— É Carroll.

— E quem é sua família? Nomes por favor, — ele adicionou.

Brandi franziu a testa, inseguro de onde ele estava indo com estas perguntas. — Eu tenho uma meia irmã. Seu nome é Gail.

— E seus pais? — Ele sondou. — E os pais deles.

— Eles morreram cerca de cinco anos atrás. Eu tinha vinte e dois anos. — Ela não soube por que ela adicionou aquela última parte. Ela se sentiu ruborizar. — Mas seus nomes eram Ron e Brenda. Eu nunca conheci que meus avôs, eles tinham morrido quando eu nasci.

Ele tirou um bloco pequeno de anotações e escreveu os detalhes. — Você e sua irmã compartilham o mesmo pai ou mãe?

— Mãe.

Ele anotou isto também.

Ela franziu a testa. — Olhe, o que você está fazendo?

— Existe algumas informações que eu devo obter antes de ir mais longe.

— Antes de ir mais longe *onde*? — Ela perguntou a exasperação crescente.

— Eu não posso dizer ainda. Mas você será a primeira pessoa a saber. — Seus olhos brilhantes perambularam acima de seu rosto, como se ele estivesse assistindo todas as características e memorizando isto. — Confie em mim. — Ele agarrou o copo de leite dela e bebeu o resto. Ele colocou o copo na mesa e se levantou de seu assento..

— Sirva-se, — ela disse sarcasticamente.

— Eu tenho que ir agora. Mas eu advirto a você, se comporte hoje à noite. Não vá atormentar o Bogle novamente. Vá descansar.

Brandi estava incrédula. Ninguém ousou dizer a ela para se comportar desde que ela tinha dez anos de idade. — Quem. Diabos. Você pensa que é? — Ela disse com ferocidade.

Ele curvou-se em direção a ela. Sua respiração cheirou a canela e Brandi tentou valentemente não respirar o odor no fundo de seus pulmões. Ele agarrou seu queixo e a forçou a encontrar seu olhar. — Eu sou alguém que sabe mais. Não brinque com este Bogle. Entendeu? — Ele abruptamente a soltou.

Ela tinha toda intenção de fazer a mesma coisa que ela fazia toda noite, esperar pelo bicho-papão vir para armário do seu sobrinho. Mas Brandi não disse a ele isto. Algo a advertiu que ele poderia tomar medidas drásticas para assegurar que ela se comportasse. O que aquelas medidas eram, ela não se importou em especular.

— Bem. Eu entendi, — ela mentiu facilmente.

Ele olhou para ela fixamente por um longo momento, e Brandi perguntou-se se ele poderia ir em frente e de alguma maneira ter certeza de que ela seguida seu comando. Então ele movimentou a cabeça uma vez, secamente, e deixou a cozinha. Brandi saltou abaixo de seu tamborete e o seguiu para a porta da frente.

— Bem, eu gostaria de dizer que a reunião foi boa, mas eu realmente não acho que foi, — ela disse com um pouco de agitação em pela retirada dele.

Ele girou para ela e a perfurou com seu olhar. — Nós nos encontraremos novamente, — ele prometeu em um tom escuro que fez sentir calafrios da cabeça até dedão do pé.

Ele deixou a mulher em pé na soleira da porta, atônita. Ele pulou em sua moto e foi embora antes que ela pudesse pensar em qualquer tipo de réplica. Eles se encontrariam novamente? Deus, ela esperava que ela estivesse em seus juízos quando eles se encontrassem. Não ficar babando por toda parte cada vez que ela via o homem. Ela precisava se controlar. Ela suspirou e voltou para a casa, nem mesmo se aborrecendo em tentar fechar sua porta quebrada, ao invés disso, deixando escancarada.

A noite estava sendo muito, muito longa.



Agora, aguardando o tempo em sua sede em Atlanta, Marduk e Ramiel estavam na sala de prática, usando bastões de Bo⁶ para lutar um contra o outro. Ambos os homens eram rápidos e espertos com suas armas, nem uma vez conectando os pólos de madeira com a carne do outro.

— Venha juntar-se a nós, — Ramiel disse, com aquela voz estranha e melodiosa sua. Ele não olhou para Julian, mas Julian sabia que ele podia cheirar sua chegada. Os sentidos do Ramiel eram fenomenalmente super desenvolvidos.

Julian, precisando jogar fora algum vapor depois de encontrar a muito volátil, muito deliciosa Brandi, tomou seu próprio bastão e entrou na rixa. Os três homens circularam um ao outro, medindo-se. Marduk atacou primeiro, vindo em Julian com uma precisão violenta que nenhum mero humano poderia ter controlado. Julian primorosamente bloqueou ataque e revidou com vários ataques.



6

Um bastão usado em artes marciais japonesas, em Bojutsu particular. Um BO tradicional tem exatamente 1,82 metros de comprimento e utilizado com ambas as mãos devido ao seu peso e tamanho.

Marduk evitou e bloqueou os ataques, mas ele era um fio de cabelo mais lento que Julian. Julian bateu o bastão atrás dos joelhos do Marduk e o mandou para o chão.

Ramiel deu um grunhido animalesco e carregou para Julian. Os dois homens investiram e defenderam-se, os bastões batendo juntos com explosões altas de som. Sua luta continuou por vários minutos, ambos os homens quase empatados. Mas Julian era paciente e esperou sua hora. Ele moveu-se como se fosse atacar com o bastão o ombro de Ramiel, então no último segundo, mudou a direção e bateu no estômago do vampiro com um doloroso e audível, *thwap*. Ramiel tropeçou, ainda rosnando como um animal enfurecido.

Os dois homens encararam-se então abaixaram suas armas. — Eu ganharei alguma contra você, Julian? — A voz do Ramiel ecoou sinistramente no quarto de prática.

— Eu treinei mais que você, Ramiel. Isso é tudo

— Não. Você é muito rápido. Até para nós. — Ele movimentou a cabeça em direção a Marduk, que estava descansando contra uma parede longe, assistindo. — Nós simplesmente não podemos competir.

— Ambos são guerreiros formidáveis. Os melhores dos melhores. Eu não confio nos outros com minha vida do modo que eu confio a você dois. Eu não lutaria ao lado de outros como nós três brigamos juntos. Não importa quem é mais rápido, mais qualificado, ou mais mortal, nós somos um time.

Ramiel sorriu, revelando um pequeno brilho das presas. — Como você é galante.

— Então você achou alguma coisa em sua caça hoje à noite? — Marduk perguntou, abruptamente mudando o assunto como ele estava acostumado a fazer.

Por alguma razão Julian não quis mencionar Brandi para estes dois homens, não importa que ele confiasse neles implicitamente. Ele quis manter sua megera de cabelo cor de vinho em segredo, um somente para ele, só um pouco por enquanto. — Eu achei um Bogle. — Não era uma mentira.

— Malditos espíritos negros, — Marduk cuspiu. — Existem muitos deles soltos. Nós precisamos achar as chaves logo, antes de nós sermos infestados.

— Nós devemos achar as chaves, — Julian assegurou a eles. — Até então...apressem-se, vamos tirar a poeira? — Ele sorriu. — Vamos, você dois, derrubem-me. Se vocês puderem, — ele aferroou.

Rindo, Marduk levantou seu bastão mais uma vez, e ambos, ele e Ramiel atacaram Julian como um.

A briga durou meia hora, com todos os três homens suando profusamente nos últimos minutos cansativos. Mas não importava o quanto durasse, nem Ramiel e nem Marduk podia combater Julian. E, simplesmente, eles nunca iriam. Entre os três, apesar dos talentos dos outros dois, Julian era o maior lutador. O que era bom. Desde que ele era, afinal, seu líder.



Uma vez mais, Brandi despertou com o som de um punho batendo em sua porta da frente. Ela rosnou uma maldição e desenrolou da cama provisória que ela adaptou em seu sofá. Ela foi para a porta e abriu, nem um pouco surpresa de ver um homem de uniforme em pé lá com seu punho equilibrado no ar, pronto para bater na porta mais uma vez.

— Policial Little. O que traz você aqui? — Ela perguntou, já sabendo a resposta.

— O xerife quer que você entre comigo.

— Eu estou sendo presa? — Ela perguntou.

Brian Little ruborizou-se e ofereceu a ela um sorriso de desculpas. — Não. Ele só quer irritá-la um pouco, eu penso. — Ele suspirou fortemente. — Eu sinto muito, Brandi. Mas você terá que se vestir e vir comigo agora.

— Merda, — ela cuspiu, respondendo ao policial quando como ela girou e entrou na casa, para seu quarto, vestir algo mais aceitável para uso diário que seu amarrotado pijama de camisa e calção. Ela agarrou um par de calças jeans e uma camiseta que tinha as palavras “Me morda” estampado na frente. Ela bateu a porta do quarto fechou e foi vestir-se.

Dez minutos mais tarde ela sentava-se no banco de trás da patrulha do policial e olhava inexpressivamente para fora da janela. Ela não sabia o que esperar, uma vez que ela estava nas garras do xerife. Brandi estava certa de que ela não apreciaria a experiência nem um pouco. Ela tentou conseguir preparar mentalmente para o julgamento adiante, mas seu cérebro era um pântano de descontentamento.

— Então policial, como você está apreciando nossa cidade comum? — Ela decidiu que um pouco de conversa poderia tranquilizar seus nervos desfiados. Ela não sabia muito sobre o policial, a não ser que sua família era originalmente de Maryland e ele tomava sua condição como oficial da lei muito seriamente.

— Eu ainda estou adorando aqui até agora. Deixe-me dizer a você, é muito mais sereno que D.C., com certeza.

— Sim, bem, com exceção de uma criança roubada por um monstro, eu acho que isto é um bonito lugar para estar.

— Olhe, por que você só não deixa o assunto ir? O xerife vai pegar o criminoso, o qual não é uma besta mística, eu estou certo. Tudo que você está fazendo faz você parecer cada vez mais instável. Deixe isto ir. Vamos fazer nosso trabalho.

Brandi rolou seus olhos e soprou uma mecha perdida de cabelo fora de seu rosto. — Eu tenho provas. Várias fitas disto, de fato. Como você explica isso, huh?

— Sra. Carroll, você não sabe o quão paciente o xerife tem sido com você até este ponto. Eu vi o quão perturbado ele fica quando uma família deixa a cidade por causa do que você mostrou a eles.

— Chame-me Brandi. E você não respondeu minha pergunta.

O policial Little ficou calado por vários minutos, perdido em seus próprios pensamentos. — Bem...eu não sei como, mas você deve ter falsificado as fitas.

Brandi estava incrédula. — Como no inferno eu faria isto? Eu não tenho nenhum treinamento formal no campo de efeitos especiais. Os pais estão sempre lá quando eu chamo o bicho-papão, lá mesmo, com nada além de uma porta entre nós. Eles saberiam se eu falsificasse a fita, policial.

— Por favor me chame Brian. E Brandi, eu estou do seu lado. Eu sei que você tem estado sob tremenda tensão desde que seu sobrinho foi levado. Você tem permissão para algumas excêntricas, com certeza. E eu acho que há mais coisas acontecendo aqui do que nós sabemos, mas eu não acredito que o culpado é um monstro. Eu só não posso tragar essa pílula, sabe?

— Por que não?

— Bem primeiro, eu só não acredito nisto. É muito fantástico. Não existem tais coisas como monstros.

— Eu desejo que eu pense o mesmo, — ela suspirou. — Eu realmente desejo.

— Talvez você deveria, sabe, conversar com alguém sobre tudo isso.

— Você quer dizer ir a um psiquiatra. De jeito nenhum. Eu não estou louca. Existe um monstro. Eventualmente o xerife perceberá isso e então talvez, juntos, nós poderemos achar um caminho para parar isto.

— Eu duvido que o xerife acredite que um monstro está tomando as crianças de MT. Airy. Eu sinto muito, Brandi.

— É certo, Brian. Eu estou acostumada a ele até agora. Poucas pessoas acreditam, até que o monstro pare em sua casa. Então você ficaria surpreso que juraria plenamente na existência da besta. Você ficaria muito surpreso.

— Eles só estão pais de luto, nada mais, — Brian suavemente disse. — Eles são suscetíveis a qualquer sugestão, até uma paranormal.

— Eu não sugiro; Eu *mostro* a eles como o monstro é.

— Por que você está fazendo isto, Brandi? O que você pode esperar realizar? — Ele a encarou pelo espelho retrovisor.

— Eu não sei. — Ela afundou no banco. — Mas um dia eu acharei um jeito de matar o monstro e então eu posso voltar para minha vida normal.

— Eu espero que você possa algum dia, Brandi. Eu realmente espero.

— Eu também, — ela suspirou e, calada, olhou pela janela enquanto eles dirigiam para a delegacia.

Capítulo Sete

O xerife Adams entrou na minúscula sala de interrogatório onde Brandi tinha sido deixada esperando por duas longas horas. Ele se sentou em uma cadeira oposta a ela, nada além de uma pequena mesa entre eles, e a encarou furiosamente. — Eu ouvi que você tem feito mais filmes.

Brandi zombou. — Então? Isto é um crime?

— Podia ser, se eu redigir ele em minha papelada.

— Não ameace-me, Xerife. *Nunca* me ameace.

Ele suspirou fortemente e passou a mão sobre seus olhos. — Eu não sei o que mais fazer com você. Eu disse que você parasse de fazer fitas do suposto monstro. Eu disse que você parasse de mostrar aquelas fitas para pais perturbados. Por que você não parou?

— Os Bailys quiseram que eu mostrasse a eles. Eles me pediram para ir. Eu não fiz voluntariamente.

— Não, você nunca é voluntária, não é? É um bom caminho para manter seu nariz limpo. Eu não posso prender você por perseguição se a família pediu a você para ir, não é? Muito esperto.

— Eu não ganho nada por mostrar a estes pais a verdade. De fato, quase me faz doente toda vez que eu faço isto. Por que você pensaria que eu estaria mentindo sobre isto? — Ela chorou.

— Brandi, eu conheço você por anos. Eu nunca tomei você como uma mentirosa. Mas nos últimos três anos, você mudou. Você praticamente se

tornou um monge lá em cima na casa da sua irmã. Você deixou as pessoas espalharem rumores sobre você até que sua reputação estava em farrapos. Por quê? Eu sei que você perdeu seu sobrinho, mas este pesar está indo muito longe. Só me diga o por que.

— Porque é real. O monstro é real. As crianças desaparecidas são reais. De alguma maneira eu acharei um jeito de destruir o monstro e parar o pesadelo. Eu não posso aceitar nada menos. Enquanto isso, eu não me importo do que a cidade pensa de mim, nem me importo do que você pensa. Eu sei que eu estou só mostrando a estes pais a verdade, se eles não quisessem saber isto, eles nunca me contatariam.

— Eu vou perguntar a você uma última vez para pôr um fim nisso. Se você resistir, de qualquer forma, eu terei que prender você.

— Pelo que? — Ela estalou.

— Obstrução de justiça. Nós estamos procurando por um sequestrador e tudo que você está fazendo, está dificultando nosso trabalho. Uma vez que você mostrou a suas fitas para uma família, eles praticamente não querem mais nada com nossa investigação. Eles acreditam no que você mostra a eles e ignora a ameaça muito real lá fora.

— Por favor, só assista minhas fitas. Talvez uma vez que você a visse, você acreditará também, — ela disse por dentes friccionados.

— Eu não preciso ver suas fitas. Eu não deixarei ser de conhecimento na cidade que eu pus qualquer fé ou crença em que você está fazendo. — Ele torceu seus lábios com desgosto. — Sem dúvida são fraudes e eu não vou desperdiçar um centavo de nosso orçamento vermelho em testes forenses para provar isto. Não existem tais coisas como monstros e sua histeria não estão fazendo nada, além de fazer você parecer uma tola.

Brandi retrucou. — Eles não são fraudes. Eu não estou mentindo, maldição!

— Não interfira novamente. Eu estou te advertindo pela última vez. Nós já tivemos um punhado das pessoas indo embora por causa de suas travessuras. Eu não quero que você assuste outros. Eu estou sendo claro?

— Como cristal, — ela friccionou, fechando seus punhos muito firmemente, suas unhas quebraram a pele de suas palmas e os ferimentos minúsculos começaram a sangrar.

— Eu estou deixando você ir fácil, é minha última advertência, mas da próxima vez será diferente. Vou estourar seu pequeno traseiro se você continuar. Certo?

Não, não estava certo. Mas Brandi movimentou a cabeça em consentimento de qualquer maneira, não querendo nada além de rastejar de

volta para sua casa e se esconder por pelo menos uma semana. Ela mordeu seu lábio até que ele sangrou, contendo todas as palavras que ela queria dizer, e esperado pelo que viria.

— Você pode ir para casa agora. Tente e tenha algum sono. Você parece um inferno. — O xerife levantou e deixou o quarto antes de Brandi poder explodir. Ela parecia um inferno porque as pessoas como ele continuavam a interromper o pouco de sono que ela podia conseguir! Mas ela reprimiu-se de dizer isto em voz alta, algo pelo que ela estava infinitamente orgulhosa. Ela segurou sua língua e deixou o xerife partir.

O policial Litte entrou no quarto alguns segundos mais tarde. — Pronta para ir? — Ele suavemente perguntou.

Brandi ainda não podia se confiar para falar, ao invés, ela assentiu e seguiu Brian para seu carro, ignorando os olhares fixos e palavras murmuradas. Ela tinha a cabeça baixa, olhando apenas para o chão na frente dela.

Foi assim que ela viu as botas assustadoras de Julian só uns segundos antes de ela chocar-se com ele.

Julian a pegou antes dela poder cair. Sua mão agarrou seu braço, ele parecia propenso a fazer isso, e ele a apoiou.

— O que você está fazendo aqui? — Ela cuspiu para cobrir sua humilhação em ser pega saindo da delegacia de polícia com uma escolta armada.

— Vim atrás de você, — ele disse de modo plano, parecendo menos que contente por estar lá.

— Com licença, Brandi, você conhece este homem? — Brian perguntou, parecendo perdido.

— Sim, eu o conheço.

— Ela irá comigo, policial, — Julian autoritariamente disse.

— Certo, então. — Brian encolheu os ombros e deixou lá, sem nem perguntar a ela se estava disposta a ir com Julian. Ela não estava. E a irritou que ela não tinha nenhum controle sobre isso. Estava a dezesseis quilômetros de sua casa e ela precisava de uma carona.

Ela dócilmente seguiu Julian para sua motocicleta.

— Eu odeio montar essa coisa, — ela murmurou debaixo de sua respiração.

Julian ouviu suas palavras e a encarou, os olhos queimando ferozmente.
— Senhora, esta coisa é uma *Hayabusa*. É uma das mais rápidas, mais desejada moto no mundo.

— Bem, me desculpe — ela disse, as palavras pesadas com sarcasmo.
— Eu não gosto de montar esta *Himalaya*.

— *Hayabusa*, — ele cuspiu.

— Sim, isto. — Ela decidiu então e que gostava de irritar Julian, imensamente.

— Suba, — ele comandou, balançando sua própria perna acima da cadeira. Ele ligou a moto e rugiu para vida. Brandi relutantemente rastejou sobre a cadeira atrás dele e ele acelerou o motor impacientemente. No momento que seus braços tocaram sua cintura, eles correram, em velocidade que Brandi não se importou em contemplar.

O vento mordeu sua pele exposta e ela desejou desesperadamente um capacete, mas não parecia que Julian possuía um. Ela podia sentir as pessoas olhando eles quando aceleraram o passo, e perguntava-se o que eles pensavam sobre ela sentada muito próxima, intimamente, a um estranho tão grande e temível, como Julian.

Tinha certeza de receber um telefonema de sua irmã sobre isso, apesar de Gail havia deixado a cidade, não significa que ela não era apanhada nas fofocas da cidade. As pessoas tendem a permanecer em contato a Mt. Airy, não importa a distância. As notícias deste estavam destinadas a bater suas orelhas mais cedo ou mais tarde.

Depois de mais um passeio selvagem pela estrada de terra, Julian parou a moto e desmontou. Ele a ajudou a descer, casualmente galante, e a seguiu para a casa.

— O que aconteceu? — Ele perguntou no momento que a porta foi fechada.

— Não é de sua maldita conta, — ela disse sarcasticamente.

— É agora. O que aconteceu?

— O que você quer dizer com “é agora”? — Ela perguntou, caminhando para a cozinha. — Eu não tenho que responder a você, então só vá embora. Ou melhor, ainda, responda *minha* pergunta. Como você soube onde eu estava hoje?

Seus lábios trançaram em um sorriso torto, fazendo sua pulsação acelerar. — Eu vim para a cidade mais cedo. As pessoas conversam ao redor. Tudo que eu tive que fazer foi escutar.

— Merda. Não é a verdade, — ela disse, pondo dois copos na mesa, enchendo com leite.

— Então o que aconteceu? — Julian agarrou um dos copos e bebeu metade do leite em um trago.

— Você soa tão preocupado, — ela observou sarcasticamente.

— Eu estou. Então o que aconteceu? — Ele perguntou novamente.

Brandi suspirou. — O xerife quer que eu pare de filmar o monstro. Ele pensa que eu estou incitando algum tipo de pânico e interferindo com sua investigação. Ele me teve levado para dentro da delegacia esta manhã, tentando me assustar. Funcionou, o bastardo. — Ela tomou um gole grande de seu leite.

— Ele ameaçou você? — Ele perguntou ameaçadoramente.

Brandi nunca queria ser receptora da raiva de Julian, com certeza. — Tipo assim. Bem...sim, eu acho que ele fez.

O rosto de Julian endureceu.

— Mas ele não fará nada, — ela se apressou a adicionar. — Ele está realmente muito ocupado para se preocupar sobre mim. Além disso, estou com as filmagens do monstro. Eu vou ter de me contentar com o que eu tenho aqui em casa para obter mais imagens. Eu conseguirei o monstro de volta aqui eventualmente.

— Por que na Terra você quereria chamar o monstro para você?

— Então eu posso talvez achar um jeito de matar isto.

— Como?

— Eu não sei, — ela encolheu os ombros. — Algo virá para mim, eu estou certa.

— Espere. Espere um minuto. — Ele colocou o copo na mesa com um grande show de paciência. — Você está dizendo que você espera por esta coisa? *Aqui?*

— Sim, no quarto de trás. Costumava ser o quarto do meu sobrinho. Eu durmo lá agora.

Ele gesticulou para o armário do corredor, ao virar a esquina. — Você lacrou todos os armários menos um, o em seu quarto?

— Sim.

— Você é demente, mulher? — Ele trovejou. — Você tem alguma idéia do perigo que você corteja?

— Esse é um bonito modo de dizer que eu sou louca.

— Deixe de piadas. Não é um assunto para rir, — ele rosnou.

Brandi riu, então imediatamente parou. Sua visão nublou e ela gritou, caindo para o chão em um montão sem osso.

Julian podia só assistir sem poder fazer nada enquanto Brandi tinha sua visão. Ele sabia que era uma visão, porque ele as teve muitas vezes também. Mas ele podia controlar. Elas não o deixavam desmaiado como faziam com Brandi, não desde que ele era uns séculos mais jovem. Ele teria que ensinar como manter as visões à distância. Os Segundos passaram e ele facilmente a ergueu do chão e a levou para o sofá na sala. Ele a deitou abaixo suavemente, sentou no chão próximo a ela e esperou ela voltar a si.

Ele estudou seu rosto. Era delicado e parecido com os duendes, completamente feminino. Ele gostou bastante de olhar para ele. Ela tinha sobrancelhas esculpidas, pestanas longas, e pele que parecia feita de nata. Seu nariz era pequeno e seus lábios eram cheios e curvilíneos. Sua mandíbula a impedia de parecer muito infantil, dando a ela um olhar teimoso mais que qualquer outra coisa.

Seu corpo...seu corpo o deixava duro só de pensar nele. E olhando para ela assim ela deitada lá em um estupor fez sua região lombar doer. Ela tinha a aparência de uma ampolheta cheia que a sociedade desaprovava estes dias, mas ele amava uma mulher com alguma carne. Os peitos eram grandes e firmes e ele perguntou-se como seus mamilos seriam. Eles seriam rechonchudos e suculentos? Eles seriam escuros ou rosados? Ele tinha intenção de descobrir eventualmente. Ele soube no momento que ele bateu os olhos nela.

Seus quadris eram largos, provando que ela podia ser mãe de muitos belos bebês se ela quisesse. Suas pernas eram bem formadas e longas, seus pés minúsculos e adoráveis em suas sandálias de correia. Ela era pequena; Ele era pelo menos um pé mais alto que ela. Mas ele não se importava. Na verdade, fazia ele sentir-se mais protetor para ela do que ele poderia ter de outra forma, a sua pequenez. Ele curvou-se para mais perto e inalou seu odor. Fez sua cabeça rodar, era como um perfume exótico, erótico. Ele quase se sentiu embriagado por ele.

A cor de seu cabelo o hipnotizava. Não era tão vermelho, nem tão preto, mas em algum lugar entre eles. Borgonha. E a cor era real; Ele podia dizer pela sombra de suas pestanas e sobrancelhas. Ele brincou com uma longa mecha de seu cabelo, maravilhando-se de sua textura de seda. Ele perguntou-se distraidamente que cor o cabelo em sua feminilidade seria.

Os minutos passaram e Brandi permaneceram imóvel no sofá. Ele pensou brevemente em despertá-la, de interromper a visão, mas ele sabia que podia acabar a machucando, assim ele deixou ir. Ao invés, ele levantou-se e passeou pela sala.

A curiosidade levou vantagem e ele vagou para a parte de trás da casa, onde quarto de Brandi era localizado. Ele notou que seu odor era mais forte aqui, onde ela dormia. Ou não dormia, como parecia ser. Ele notou a cama provisória no sofá, aparente que ela dormia lá, pelo menos às vezes, onde não havia nenhum armário aberto para atormentá-la. Nenhum monstro para vir por ela enquanto sonhava. Mas, ainda, seu perfume delicioso permeava o quarto inteiro, fazendo cócegas em seu nariz, e sua pulsação bater selvagemmente.

Ele notou o equipamento de vídeo e o computador imediatamente. Como não poderia, o quarto estava cheio com fios e aparelhos, tecno-porcarias que ele não podia e nunca iria entender. Ele supôs que estava mostrando a sua idade, mas ele não confiava em equipamentos eletrônicos. Ele maravilhou-se de que Brandi pudesse fazer sentido da bagunça que ele via.

O armário chamou sua atenção. Não estava, claro, lacrado como deveria ter sido. Ele agitou sua cabeça pela temeridade de Brandi. Uma coisa era certa. Ela tinha coragem de sobra.

Bom. Ela precisaria nos dias adiante.

Ele girou suas costas cautelosamente para a porta do armário e voltou para a sala de estar e sentou em uma poltrona reclinável, esperando ela acordar.

Ela acordou. Com um puxão violento e um ofego, ela ficou na vertical no sofá. Sangue gotejava de seu nariz, como um minúsculo rio carmesim. Julian colocou a mão em seu bolso e tirou um lenço, dando isto para ela.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Ela assentiu instavelmente. — Esse foi um ruim. O monstro vai atacar novamente. Logo.

— Eu sei, — ele disse. — Parece que o Bogle está determinado a livrar sua cidade de crianças.

— Por que estas visões não pararão? — Ela gemeu, segurando sua cabeça para trás e contendo o fluxo de sangue com o lenço, branco. Bem, agora estava arruinado, ela pensou.

Brandi o olhou, perguntando-se o que estava acontecendo atrás de seus olhos velados. Ele pensava que ela seu verdadeiramente louca, agora que ela estava reivindicando ter visões? Se não tivesse testemunhado pessoalmente tudo, ela teria certamente questionado sua própria sanidade. Ela não podia evitar parecer tímida quando ele estava ao redor.

Ela notou que ele a levou para o sofá, como podia não ter notado?E sentiu suas bochechas queimarem com embaraço. Ela era de modo algum um peso leve. Ela perguntou-se como suas costas sentiam-se e quase riu.

A hemorragia diminuiu a velocidade para uma gota. Brandi dobrou seu lenço e colocou em seu colo. — Eu não acho que eu posso tirar as manchas, mas eu tentarei, — ela disse em desculpa.

— Não se preocupe. Eu tenho dúzias mais.

Brandi o estudou, tentando e falhando para não o comer com seus olhos. Ele era só tão ...macho. Realmente, ele a masculinidade personificada. Ela não podia evitar admirá-lo. Com sua beleza cinzelada e sua forma poderosamente muscular, ele quase tirava sua respiração. Ela agitou sua cabeça para afastar os pensamentos licenciosos. — Olhe, eu não quero ser rude ou qualquer coisa, mas só, o que você está fazendo aqui? Você não me conhece. Você não tem nenhuma razão para me buscar. — Ela se debruçou adiante com uma sobrancelha levantada interrogativamente. — Você é um perseguidor?

Julian deu uma gargalhada.

— Essa possibilidade está eliminada, — ela brincou, sorrindo e inclinando-se atrás no sofá.

— Eu asseguro a você, eu não estou perseguindo você.

— Então o que você está fazendo aqui? — Ela perguntou.

— Eu preciso conversar com você sobre algumas coisas.

Brandi fez uma careta. — Que tipos de coisas?

— Há quanto tempo você tem as visões? — Ele perguntou, mudando o assunto.

Ela tomou uma grande respiração e suspirou. — Desde que meu sobrinho desapareceu.

— Eu posso ensinar a você como as controlar, — ele disse depois de uma pausa.

— Oh sim, eu esqueci. Você é um investigador paranormal. Eu acho que isto deve ser quase rotineiro para você agora, huh? — Ela esperançosamente perguntou.

Seus lábios abriram-se em um pequeno sorriso. — Não do jeito que você está pensando. Não. Mas eu sei muito sobre visões. Confie em mim. Eu posso ajudar você a controlar as suas, mas levará prática.

— Eu faria praticamente qualquer coisa para conseguir uma pausa dessas malditas coisas.

Os olhos de Julian alargaram-se e encheu com um calor carnal que a fez torcer em sua cadeira. — Eu não quero dizer *isto*. Eu disse *praticamente* qualquer coisa.

Ele riu, então abruptamente parou, parecendo surpreendido com o som.

— Você não ri muito, não é, Julian? — Ela notou.

— Nós estávamos conversando sobre você, — ele disse, intencionalmente ignorando sua pergunta. — Mas eu posso mostrar a você algumas coisas que você podia praticar quando eu partir. Agora, quanto você sabe sobre a história da sua família?

A pergunta a pegou de guarda baixa. — Realmente, eu não estou certa de que eu sei o suficiente. A herança do meu pai vem da Escócia. Eu acho talvez, que minha mãe é da Inglaterra.

— Sua família não tem um registro genealógico da árvore da família?

— Sim, fizeram antes de eu nascer, — ela respondeu, encolhendo os ombros. — Onde você está indo com estas perguntas?

— Eu fiz um pouco de pesquisa ontem à noite. Depois de ver você chamar o Bogle, eu soube que existia algo especial sobre você. Nem todo mundo tem o poder para fazer tal façanha. Então eu pesquisei um pouco ao redor e eu acho que eu sei por que você pode fazer o que você faz.

— Por que? — Ela persuadiu.

— Várias gerações atrás, você teve um nobre em sua família. Ele conseguiu, com seu poder e posição, enviar seu filho mais jovem como escudeiro dos Cavaleiros Templários. O menino cresceu e se tornou um Cavaleiro também, e um guerreiro magnífico ele era também. Ele casou e teve crianças antes de morrer no campo de batalha. Seu sangue corre em suas veias. É uma herança poderosa, até agora, centenas de anos mais tarde. Você ganhou muito disso desse antepassado morto há muito tempo. É como você pode lutar com o Bogle. É por que, neste tempo de perigo, você está tendo visões que predizem de um perigo muito maior.

— Os Cavaleiros Templários? Eu pensei que eles eram só um mito.

— Não. Eles são muito reais. Entretanto no décimo quarto século muitos deles foram encontrados, torturados e mortos, eles eram uma força matriz importante na história. Por centenas de anos eles eram os mais ricos, mais poderosos dos homens. Acredita-se que eles tenham conhecimento sagrado, artes sacras. Magia. Ninguém exceto o Papa teve poder sobre eles.

— E eu descendo de um destes Cavaleiros?

— Sim. E através dessa linhagem, você herdou muitas habilidades. Eu acredito que eu possa ajudar você a descobrir, se você quiser.

— Se esta herança é responsável por minhas escaramuças com o Bogle, então eu não quero ter qualquer coisa com isto.

— Se você mudar de idéia, minha oferta está de pé. Você deveria considerar isso antes de acabar fora de controle. Há muito que eu podia ensinar a você.

— Mas como você sabe tanto?

— Porque eu...porque eu também tenho um antepassado que era um Cavaleiro Templário. Eu herdei estas mesmas habilidades, — ele indecisamente respondeu. — Eu aprendi como as usar. Você pode também, entretanto ele pode levar tempo.

Brandi sentiu que existia mais em sua história, mas ela segurou sua língua. — Eu não posso acreditar no que você está dizendo. Eu não acredito em hocus-pocus.

— Como você explica suas visões, então?

Brandi deixou sair uma respiração reprimida. — Eu não posso. Mas realmente não me aborrece, — ela se apressou a adicionar. — Eu me acostumei a elas. Eles são só um capricho, isto é tudo. Como um tique que eu não consigo me livrar.

— Que tal sua habilidade de chamar o Bogle? — Ele perguntou.

— Até que você apareceu, eu não estava certa de que era o que eu estava fazendo. Eu apenas assumi que o Bogle permanecia na mesma casa por alguns dias, só para ter certeza de que não tinha mais presas. Eu pensei que eu estava lá só para registrar sua visita.

— Você estava chamando por isto.

— Então por que eu não posso conseguir que ele venha para *meu* armário do quarto? — Ela exigiu saber.

— Eu penso talvez porque de algum modo está fechado hermeticamente contra isto. De alguma maneira, sem saber, você impediu o Bogle de revisitar este lugar apesar de seus melhores esforços, guardas foram colocadas para o segurar à distância.

— Mas eu *quero* que ele venha! Por que eu lacraria? — Ela chorou.

— Você não quis dizer isso, isto é óbvio. Novamente, está relacionado com sua herança. Uma herança que eu posso ajudar você a entender melhor e apreciar, se você só me deixasse. Talvez nós possamos até achar um caminho para abrir sua porta para o Bogle...mas eu não sugiro que você tente isto.

— Isto é loucura. Eu não posso acreditar que eu estou escutando isso.

— Então você pode acreditar no bicho-papão e em suas visões, mas você tem um problema ao saber que você tem um grande legado para ajudar você se você escolher usar isto?

— Cale a boca. — Ela franziu o cenho ferozmente. — Eu só preciso de tempo para me adaptar, isso é tudo.

Ele moveu-se para se sentar próximo a ela no sofá. Ela moveu-se para dar a ele mais espaço, mas ele ainda parecia ocupar todo o espaço com seu corpo grande. — Eu preciso de você para pensar sobre algo para mim, — ele suavemente disse.

— O que? — ela suspeitosamente perguntou.

— Aconteceu alguma coisa incomum nos dias anteriores ao desaparecimento do seu sobrinho?

Brandi pensou por um momento longo então agitou sua cabeça. — Eu não posso pensar sobre qualquer coisa.

— Bem tente, nos próximos dias. Pode ser qualquer coisa, pequeno ou grande, só tente ver se você lembra-se de algo que poderia ter sido diferente. Qualquer coisa mesmo.

— Eu irei, — ela assentiu.

O calor de sua coxa, apertada contra sua, fez seu coração saltar e bater de modo selvagem. Julian pareceu saber o que ela estava sentindo. Ele se debruçou mais próximo, sua respiração cheirava a canela doce, ele colocou a mão ao redor de seu pescoço. O aperto dominante que ele tinha sobre ela não a assustou, não por isso, ao invés, fez seus mamilos endurecerem e sua boca queimar por seu beijo. Sua outra mão foi ao redor de suas costas e a afiançou, puxando-a ainda mais perto dele.

Ele inclinou a cabeça dela para trás, não muito, e apertou seus lábios contra os dela. Todo pensamente coerente fugiu e ela era como massa de vidraceiro em seus braços. Ela suspirou, abrindo os lábios, e ele pegou sua respiração com sua boca antes de saquear suas profundidades com sua língua. O sabor dele era selvagem e masculino. Sua língua deslizou ao lado da sua, profunda e quente. Ele mordeu seu lábio inferior, como se quisesse comê-la, e lambeu a pequena mordida com sua língua.

Brandi estava perdida. Ela tinha estado desde o primeiro momento que ele deitou suas mãos nela no Bailys , e o que é mais, ela sabia disso então. Seu corpo tremia e ele a puxou mais íntimo em seu abraço. Sua grande mão estava espalmada sobre as costas dela, os dedos a massageando suavemente. Ele inclinou seus lábios nos dela e a esmagou contra seu tórax. Seus mamilos eram diamantes duros e tão sensíveis, apertados firmemente contra seu tórax grande e musculoso.

A mão ao redor de sua garganta vagou para a nuca, onde ele enfiou seus dedos em seu cabelo. Ele soltou um som, parecido com um grunhido, e ela tragou isto. Seus lábios estavam inchando debaixo dos seus, suavizando. Ela deixou ele levar tudo dela, deixou suas preocupações e seus problemas irem. Ela estava perdida no momento como ela nunca tinha estado antes com um mero beijo.

Um mero beijo? Senhor, mas era muito mais que isto. Ele fez sua cabeça girar até mesmo para contemplar as repercussões desta atração súbita e feroz.

Julian recuou e lambeu seus lábios eroticamente. Ela gemeu e derreteu mais contra ele. Sua mão em forma de xícara moveu-se abaixo suas costas até suas nádegas e ela ofegou. Ela molhou mais a sua calcinha, seu sexo doía, vazio e desolado.

Ele podia a ter tomado naquele momento. Ela não o teria parado. Mas ao invés disso, ele se afastou e tirou as mãos dela da dele. Ele as pegou e beijou suavemente os dedos em cada mão. — Antes que isso possa ir mais longe, eu gostaria de explicar algumas coisas para você. — Sua voz era rota e ligeiramente ofegante.

— O que? — Sua voz era rouca, entranha a seus ouvidos.

— Eu não sei ... — Ele hesitou, parecendo sem palavras. — Pode não ser o momento certo. Se você está tendo dificuldades com a aprendizagem da verdade sobre si mesmo, você vai definitivamente ter problemas com isso.

Brandi não se importou o que ele tinha a dizer. Ela queria mais de seu beijo delicioso. Ela saltou em seu colo e embrulhou suas pernas ao redor dele. Ela pôs a mão em seu cabelo e o puxou em direção a ela. Ela lambeu seus lábios como ele lambeu os dela, sua língua aventurando-se fora e tocando a dela sua mais uma vez. Ela suspirou desenfreadamente. Abrindo a boca para receber a punhalada de sua língua, ela não pôde evitar gemer e apunhalar sua boca em retorno.

Julian beijou seu caminho ao longo de seu queixo, lambendo-la lá.. Sua boca vagada abaixo e acima de sua garganta, onde ele chupou sua pele entre seus dentes. Brandi clamou na mordida de amor, mas não com dor. Ela se esfregou contra ele, notando como incrivelmente grande e duro ele era. Inferno, ele era grande por toda parte, e o tamanho enorme do pênis cativo atrás de sua calça jeans apertada não devia a ter surpreendido. Mas fez, todavia.

Ela o ouviu respirando seu odor com seu rosto apertado contra sua garganta. Sentiu sua língua lambar sua pele. Sentiu suas mãos em suas coxas, segurando-a apertado contra ele. — Oh, Julian, — ela gemeu roucamente. Suas mãos apertaram-na ainda mais.

— Nós temos que parar, — ele disse rispidamente contra sua carne, seu acento pesado e espesso, mas seu aperto sobre ela não cessou apesar de suas palavras.

Brandi podia só choramingar em resposta.

Suas mãos a apertaram mais uma vez, então, relutantemente, deixaram ela ir. Ele a empurrou de seu colo deselegantemente e levantou-se, correndo uma mão pelos longos fios de seu cabelo, que escapou do laço em sua nuca.

Eles ficaram calados enquanto a respiração diminuía a velocidade, sem encontrar o olhar do outro.

— Eu sinto muito, — ela disse vacilante. — Eu não sei por que eu fiz isto. Você é praticamente um estranho. Eu normalmente não sou assim.

— Não se desculpe, — ele disse furiosamente. — Não ouse.

— Seu cabelo está despenteado, — ela assinalou, sorrindo tremulamente.

Julian sorriu, parecendo muito deleitável. — O seu também. — Ele começou a ir em direção à porta da frente. — Eu tenho que ir. Mas existe ainda muito que eu desejo que você saiba. Eu posso pegar você amanhã?

— Você estará montando sua moto?

Ele rolou seus olhos. — Sim.

Ela pensou por um momento e suspirou com resignação. Se ela tivesse que suportar um passeio de moto para estar com ele, então assim seja. Ela estava tendo diversão demais para recuar agora. — Certo. De manhã. Entretanto, venha tarde assim eu posso conseguir um pouco de sono.

— Eu venho aproximadamente às onze. Que tal?

Brandi não podia acreditar, depois daquela explosão selvagem de paixão entre eles, eles estavam falando muito casualmente um com o outro. — Parece ótimo, — ela murmurou.

Sem uma palavra de adeus, ele girou e partiu. Ela ouviu o estrondo de sua bicicleta quando ele foi embora e decidiu que ela precisava tomar um chuveiro muito demorado e muito frio.

Ela só podia esperar que ele se sentisse do mesmo jeito.

Capítulo Oito

Juliano correu pelas ruas como se fosse o dono delas. Ele dirigia sem rumo, tomando pequenas estradas, voando por granjas e pastos sem um olhar a bela paisagem ao redor. Seus pensamentos não estavam no passeio selvagem entre suas pernas, mas no passeio que ele podia ter com Brandi entre elas.

Ele podia a ter tido, ele sabia. Ele podia ter possuído seu quente e pequeno corpo tentador, como ela possuiu seus pensamentos desde o momento que eles se encontraram. Mas ele não podia. Não com tantos segredos ainda entre eles. Ele tinha o sentimento Brandi seria mais do que apenas uma brincadeira entre os lençóis. Ela era tão sensual, tão apaixonada. Ela foi feita para amar permanentemente, não uma pegajosa queda em seu sofá da sala. Não deveria haver nenhum segredo entre eles. Nada deveria ficar no caminho de seu futuro juntos, quando chegasse a esse ponto.

Deus, mas seu pênis estava tão duro que machucava.

Seu corpo inteiro estava duro com necessidade. Era um testamento para sua falta de controle, ele realmente pensou em voltar e tomar o que ela ofereceu inocentemente em sua paixão selvagem. Mas ele meramente acelerou, como se fosse escapar da tentação atrás dele, e rugiu para o infinito, na estrada rural.

O gosto dela ainda estava fresco em sua língua. Seus lábios formigaram com a memória dos dela, mais suaves, apertados contra ele. Ela se sentiu tão bem em seus braços que se assustou um pouco. Ele que não tinha medo de nada, foi derrubado por uma pequena mulher com a boca como uma sereia. Era ridículo, só que ele não tinha vontade de rir de tudo. Ele quase podia a cheirar em sua pele. Estava deixando-o louco.

Com um grunhido animalesco, ele girou sua moto, descascando borracha e indo na direção que ele tinha certeza de que a interestadual estava. Ele voltaria para Atlanta pela noite, e se prepararia para o que ele sabia que viria. Ele precisava usar seus punhos para livrar sua mente de seus pensamentos devassos, mas ele não era nenhum estranho para tal alívio. Mas da próxima vez, ele jurou, ele não estaria em sua mão, mas bem fundo no corpo muito sensual de Brandi.



Na próxima manhã Brandi abriu a porta e saiu em sua varanda, e ficou surpreendida por ver que Julian realmente trouxe um carro em vez de sua motocicleta. — Quietos meu coração, — ela murmurou alegremente.

Julian foi para o lado do passageiro do carro esporte vermelho claro e abriu a porta para ela. Ele estava vestindo seu volumoso casaco preto, e seu coração tropeçou. Ele era tão magnífico que fazia sua boca secar com desejo. Ela empurrou sua vertiginosa resposta a ele para longe e deslizou no carro, notando o interior de couro suave, de luxo, e respirou profundamente o odor de Julian, que ainda restava dentro do pequeno carro. — Onde nós estamos indo? — Ela perguntou quando ele sentou no banco do motorista.

— Atlanta.

Os olhos de Brandi se arregalaram. — Por que Atlanta? Eu odeio esse maldito lugar.

— Porque é onde nós precisamos ir, — ele disse de modo plano.

Ela bufou. — Bem, se é assim. — Ela se debruçou mais perto dele e sorriu diabolicamente. — Você pensou em mim ontem à noite?

Ele friccionou seus dentes e agarrou sua mão no volante, praticamente voando estrada de sujeira abaixo. — Pare de brincar.

Com um suspiro, ela sentou de volta em seu banco, assistindo a estrada passar. Seria pelo menos uma viagem de uma hora para Atlanta, dependendo para que parte da grande cidade ele estivesse indo. Ela esperou que eles não estivessem indo para o centro da cidade, que lugar dava arrepios. Ela preferia muito mais a sua cidade, tranquila e unida do que a cidade grande.

Estava tão silencioso no carro que Brandi logo se achou cochilando. Ela se reclinou no banco e pôs seu braço acima de seus olhos. O sono estava além do alcance dela, ela não dormiu mais que algumas horas à noite anterior, e sentiu-se bem. Ela percebeu com um pequeno choque que ela se sentia totalmente segura com Julian, embora ela apenas o conhecesse. Era fácil para ela relaxar em sua presença. Ela não sentiu nada deste sentimento desde antes de Nick desaparecer.

Como, em tão pouco tempo, ela se tornou tão ligada a este homem? Tão confiante nele? Ela não sabia, mas a atração entre eles eram palpável agora e a tensão sexual podia ter sido cortada com uma faca. Existia algo sobre este homem que alcançava todos os cantos escuros de sua vida, arrastava suas preocupações e medos. Isso assustou um pouco, o poder completo dele. Ela sabia que Julian era capaz de violência. O perigo irradiava dele em ondas. Mas ainda assim, ela o queria.

Ela fechou seus olhos e dormiu, acalmada pelo murmúrio do poderoso motor do carro e pela presença de Julian ao seu lado.

Quando ela despertou, eles estavam estacionados em um estacionamento de um um prédio de tijolos grandes. Ela franziu a testa e olhou em volta. O edifício era muito liso, sem marcas. Era cercado em três lados por bosque denso, espesso. A única entrada era por um portão de volumoso ferro

forjado. Brandi não podia estar certa, mas ela pensou que este lugar era provavelmente um pouco fora do caminho. Tinha um ar de segredo sobre ele que a fez perguntar-se o que poderia acontecer a seguir.

Julian saiu do carro e caminhou para abrir sua porta. Brandi abriu isto às pressas, antes dele poder agarrar a manivela, e saiu, ignorando sua mão estendida. Ela supôs que ela era teimosa assim.

— O que é este é lugar? — Ela perguntou.

— Eu acho que você podia chamar isto de meu escritório, — ele respondeu.

— Por que nós estamos aqui?

— Eu quero que você encontre algumas pessoas.

— Quem?

— Espere e verá. — Ele colocou a mão no bolso e retirou uma pequena e brilhante carteira de couro preto. Ele tirou um cartão e passou pela fechadura eletrônica ao lado da porta da frente do edifício. Houve um clique, e a porta automaticamente abriu ante eles. Ele acenou adiante e a seguiu, fechando a porta com um sonoro clique da fechadura automática atrás deles.

Ele a levou para uma sala grande, com chão de mármore brilhante. Havia um símbolo de uma pirâmide com um olho flutuando acima da ponta incrustado no mármore no centro do quarto. Julian tomou seu braço e a levou a ficar bem no centro daquele símbolo. Eles ficaram lá por uns segundos.

— O que... — Ela cessou bruscamente com um ofego quando o chão em baixo de seus pés começou a descer, como um elevador sem paredes. Ele a aproximou dele, de forma que seu corpo estava apertado contra o dele, do seu ombro até o joelho. O chão afundou para uma segunda câmara subterrânea, onde Julian tomou sua mão e a levou para fora da plataforma.

Ele a guiou para fora da grande sala através de muitos longos corredores sinuosos. Brandi se sentiu completamente desorientada, sabendo que ela teria que confiar somente em Julian para conseguir sair de lá. O complexo era enorme, em uma escala tão grande que ela não podia começar a achar onde eles estavam em relação a sua entrada, deixada muito para trás deles. Ela estava irremediavelmente perdido. Em mais de uma maneira.

Afinal, eles pararam na frente de uma grande porta de madeira esculpida, no final de um longo e sinuoso corredor. Julian bateu e alguém dentro disse que ele entrasse. Eles entraram no quarto juntos, a porta se fechou atrás deles, e Brandi viu um homem de cabelo branco atrás de uma escrivaninha, olhando para eles.

— Meu senhor, eu gostaria que você conhecesse Brandi Carroll, — Julian formalmente disse. — Ela é uma descendente da Ordem. Eu a trouxe aqui hoje para revelar algumas verdades. As verdades que eu acho que ela pode ter dificuldade de acreditar de mim, mas de você eu penso que ela escutará.

Brandi bufou, ficando de repente irritada com os dois homens falando um ao outro como se ela nem estivesse lá.

— Você está certo que isto é sábio? — O homem de cabelo branco perguntou depois de uma pausa longa, durante a qual ele a estudou completamente com seus pálidos olhos cinza.

— Eu acredito. Ela esteve caçando um Bogle que infestou sua cidade e ela tem tido visões, dolorosas. Eu acho que ela poderia florescer completamente se nós a tratarmos com grande cuidado. Eu acredito que é imperativo que ela aprenda mais sobre ela mesma, e nós.

Os olhos do homem alargaram-se. — Você está certo que isto é o que você quer?

— É, — Julian respondeu.

— Ela não parece que estará disposta a escutar.

— Sim, bem. — Julian pigarreou. — Eu acho que a surpreendi com a viagem até aqui.

Brandi acenou para eles. — Eh, eu estou ainda aqui, sabe? Eu posso ouvir tudo que vocês estão dizendo.

Julian suspirou. — Ela é muito teimosa.

— Eu posso ver isto. — Os olhos do homem brilharam. — Muito bem, Brandi Carroll, por favor, sente-se. — Ele acenou para duas cadeiras confortáveis na frente de sua escrivaninha. — Meu nome é Gregori. Eu praticamente executo o lado comercial do que fazemos aqui. Julian normalmente faz o trabalho braçal, pelo que eu sou infinitamente agradecido, — ele riu. — Então. O que você sabe de sua herança, minha querida? — Ele perguntou sem hesitar.

Ela rapidamente pensou em ignorar sua pergunta, mas algo sobre o homem a fez querer ser favorável com ele. Ela sentou na cadeira, Julian sentou na outra ao lado dela. — Só o que Julian me disse, e o pouco que eu me lembro dos meus pais, — ela respondeu afinal.

— Você sabe alguma coisa sobre os Cavaleiros Templários? — Gregori suavemente perguntou, sorrindo benignamente.

Brandi agitou sua cabeça. Ela não podia evitar começar a gostar deste homem. Existia algo muito completamente encantador sobre ele.

— Existe muito mito sobre os Cavaleiros. Muita especulação. Mas nós aqui sabemos a verdade atrás do mistério. Pois todos nós fomos nomeados Cavaleiros.

— Você não quer dizer que você é *descendente* dos Cavaleiros?

Gregori sorriu. — Não. Nós *somos* Cavaleiros. Todos nós aqui.

— Quantos mais de vocês existem?

— Cerca de uma dúzia ou por aí, — Julian respondeu.

— Eu pensei que os Cavaleiros Templários foram dissolvidos na Idade Média. Foi isso que Julian disse.

— No décimo quarto século, sim. Eles eram capturados e torturados, alguns mortos, outros banidos para a prisão perpétua. Mas alguns de nós escapamos do massacre. Nós nos escondemos por séculos, mas nós nunca deixamos nossos deveres para trás.

— O que são esses deveres? — Ela perguntou curiosa.

— Para proteger os inocentes. Para impedir o mal de infestar o mundo. Para preservar a história, ainda nós fazemos isto.

— Eu não vejo o que isso a ver têm comigo. — Ela franziu a testa.

— Você têm o sangue de heróis correndo em suas veias. Certamente você já teve casos em que você pensou no telefone e ele tocou. Quando você sabia que estava prestes a ter uma visita surpresa. Você tem um impulso inegável para proteger os inocentes. Você se sente responsável por seu bem-estar, estranho ou não. Estou certo?

Brandi pensou por um momento e percebeu que Gregori estava certo. — Então o que quer dizer?

— Quer dizer que você tem o mesmo poder que seus antepassados possuíam. Meramente precisam ser cuidadosamente acordados. Com o treinamento adequado, você poderia alcançar isto.

— Isto tudo parece um pouco exagerado, sabe? — Ela não podia evitar parecer cética.

Gregori assentiu. — Eu devo dizer a ela mais, Julian? Esteja certo de que você deseja viajar nessa estrada.

Julian suspirou. — Diga a ela tudo.

— Meus queridos, nós aqui somos mais que apenas guardiões dos inocentes. Muito mais. Nós temos poderes que meros mortais nunca poderiam entender. Nós temos conhecimentos mágicos que muitos matariam para saber.

— Você está falando sobre mágica? — Ela ridicularizou, então parou, por que não mágica? Ela descobriu que coisas estranhas existiam neste mundo de ponta cabeça para baixo.

Gregori sorriu. — Uma demonstração então. Julian, você fará as honras?

Julian assentiu e levantou-se. Ele rolou sua cabeça para ao redor de seus ombros, soltando seus músculos. Ele se acalmou, os olhos azuis glaciais queimando com fogo incandescente. Ele murmurou algo debaixo de sua respiração, algo que Brandi não podia ouvir ou entender. O dedo indicador de sua mão direita desenhou pequenos círculos no ar. Um flash de luz acendeu na sala e quando escureceu, houve uma auréola dourada brilhante em torno do corpo de Julian

— O-o que é isto? — Ela perguntou, incrédula, saltando de sua cadeira em choque.

— Isto é meramente um feitiço de proteção. Eu podia fazer outro, truques mais impressionantes, mas o quarto não é grande o suficiente, — Julian calmamente disse.

— Por que você está me mostrando isso? — Ela exclamou.

— Porque você precisa saber. Porque há coisas maiores no trabalho aqui e você é uma parte disto. Você precisa entender o quão poderoso você pode ser. Com a direção adequada, — Julian respondeu, o halo ainda queimando brilhante ao redor dele.

— Eu não posso acreditar nisto, — ela murmurou, pondo sua mão em sua cabeça para enxugar as súbitas gotas de suor.

Gregori girou para Julian. — Eu não entendo por que você a trouxe aqui. Você podia ter mostrado a ela este truque sem minha ajuda.

O brilho ao redor do corpo de Julian dissipou então desapareceu completamente. — Eu a trouxe porque eu tive. Não havia nenhuma alternativa. Ela precisa saber tanto sobre nós quanto possível, pois ela, — Julian tomou uma grande respiração antes de soltar, — é a sétima chave.

Capítulo Nove

Gregori pareceu surpreso. — Meu deus. Você está certo disso?

— Sim, meu senhor, — Julian movimentou a cabeça. — A princípio eu estava descrente também. Mas não pode ser negado. Ela é a sétima chave.

— Mas como isto pode ser?

— Eu não sei. Mas eu acredito que a verdade será revelada ao seu tempo, — Julian respondeu.

Gregori se debruçou de volta em sua cadeira e apertou seus dedos nos cantos de seus olhos. — Todas as outras chaves eram objetos inanimados, objetos, eu podia entender o uso. O que isto quer dizer, que ela é a sétima e a chave final?

— Quer dizer que ela deve juntar-se a nós na procura pela sexta chave. Quer dizer que ela deve estar lá quando nós abrirmos o portão.

— Sobre o que vocês estão falando? — Brandi perguntou, ficando cada vez mais nervosa com cada palavra.

Julian tomou a cadeira próxima a ela mais uma vez e girou para enfrentá-la. — Nós estamos procurando pelas lendárias Sete Chaves de Solomon, chaves que destrancarão o portão para o inferno.

Olhos de Brandi alargaram-se. — Por que na Terra você quereria fazer algo assim? — Ela ruidosamente exigiu.

Um olhar de paciência infinita apareceu na face de Julian. — Quando nós abrirmos o portão, todos os monstros deste mundo serão chamados de volta, para o inferno, que quer seus servos. Nós os forcemos a voltar para o portão e usaremos as chaves para lacrar fechar atrás deles. Seu monstro, seu Bogle, — ele movimentou a cabeça, — será chamado de volta para o portão e fechado hermeticamente em com o resto das criaturas escuras que escaparam ao longo dos séculos.

— Eu não acredito nisto. Eu não posso. — Brandi agitou sua cabeça enfaticamente. — Portões para o inferno e chaves mágicas, eu sinto muito, mas eu só não posso acreditar nisso.

— Você irá, — Julian prometeu baixinho, ameaçadoramente.

Gregori pigarreou. — Se ela for realmente a sétima chave, então nós devemos protegê-la a todo custo.

— Concordo plenamente, — Julian concordou. — Eu levarei Marduk e Ramiel comigo para protegê-la, enquanto nós continuamos a procurar pela sexta chave, se isto é aceitável para você, meu senhor.

— Muito sábio, — Gregori louvou. — Eu devo os chamar para vir conhecê-la?

Julian assentiu. — Na verdade, mande-os aos meus aposentos, por favor. Há algumas coisas que eu devo fazer antes de ir. Pode ser um pouco antes de eu retornar.

Gregori assentiu. — Como você desejar. Boa sorte para você, meu amigo.

Levantando-se, Julian tomou a mão de Brandi, ele a puxou de sua cadeira.

— Não tenha medo, minha querida, — Gregori disse. — Julian é meu melhor homem. Ele não permitirá que nenhum mal aconteça a você.

Brandi tragou duro e seguiu Julian para a porta. Ele ainda segurava sua mão. Ele a levou por vários corredores sinuosos, completamente a desorientando.

— Como você sabe que eu sou esta chave? — Ela não pôde deixar de perguntar.

Sem diminuir a velocidade, Julian respondeu, — Porque eu senti isto, no momento que eu vi você. Eu apenas demorei porque eu precisava ter certeza antes de eu dizer a você.

— É por isso que você me beijou? Para estar certo? — Ela perguntou com uma ira súbita e ardente.

Julian parou e ela quase tropeçou acima de seus pés. Seus frios olhos azuis queimavam com um fogo interno que ameaçava a derreter quando ele encontrou o olhar dela. — Eu beijei você porque você é muito fodidamente sexy para seu próprio bem, — ele disse roucamente.

— Oh, — ela disse, perplexa.

Ele girou e continuou corredor abaixo. Nenhum deles falou. Depois de muita caminhada, o complexo subterrâneo verdadeiramente era incrivelmente enorme, eles finalmente chegaram a uma porta, que Julian abriu com uma chave de metal brilhante. — Aqui é onde eu vivo quando eu estou longe de casa, — ele disse, empurrando a porta para ela entrar.

— E onde você chama de casa? — Ela perguntou rapidamente.

— Valdosta⁷. É um passeio longo entre aqui e lá, por isso às vezes eu durmo aqui.

⁷ **Valdosta** é uma cidade localizada no estado americano de Geórgia, no Condado de Lowndes. N.T. >> A sede dos Templários é em Atlanta, capital do estado da Geórgia.

Mais que um pouco curioso para ver sua casa longe de casa, Brandi entrou e olhou em volta. Estava escuro até Julian pegar um fósforo e acender alguns castiçais antigos na parede. O que ela viu, então, com a sala iluminada com a luz fraca das tochas, foi de tirar o fôlego. Cores escuras enfeitavam o quarto, que ela assumiu se a sala de estar. Cores vermelhas, ouro e preto estavam em todos os lugares. Texturas de todo tipo estavam em abundância. Os travesseiros de veludo estavam espalhados aqui e lá que como assentos. Parecia a guarida de um sultão.

Ela observou quase no mesmo instante que não havia aparelhos elétricos.

— Não demorarei um minuto, — ele disse. — Sente-se e fique confortável, — ele ofereceu.

Brandi foi para o sofá grande, vermelho aveludado e se sentou, respirando fundo a fragrância Nag Champa que permeava o quarto. As almofadas do sofá a tragaram com a suavidade de um marshmallow e ela recostou-se cansada, tentando clarear seus pensamentos confusos.

Houve um golpe na porta. — Você atenderia, por favor? — Julian gritou de seu quarto, situado, ela achou, bem no fundo do apartamento.

Brandi levantou-se e abriu a porta, completamente desprevenida para o que ela veria no outro lado.

Um homem alto, loiro com olhos de âmbar brilhante a encarava em silêncio, como se ele estivesse muito surpreendido por vê-la. Ele era musculoso, entretanto não era nem metade de Julian, e muito alto. Seus lábios eram o mais bonito que ela já viu em um homem, exuberante e cheio de curvas. Ele tinha a pele cor de bronze e se perguntou ociosamente que nacionalidade ele era. Seu cabelo era longo, tocando seus ombros, e com cachos selvagens. Seu rosto era quase muito bonito. Ele era belo, não havia nenhuma outra palavra para isto.

Ele pigarreou e Brandi percebeu que ela estava o encarando.

— Uh, desculpe. — Ela nervosamente riu. — Eu sou Brandi. Julian está na parte de trás, — ela disse, deixando o homem entrar.

O homem levantou uma sobrancelha, a estudando da cabeça até o dedão do pé. Ele assentiu, então como se ele decidisse, foi em direção ao quarto.

Momentos mais tarde, outro golpe tirou Brandi de seu estupor e ela foi atender mais uma vez. Desta vez ela estava um pouco mais preparada, mas ainda não o suficiente. Ela abriu a porta e se achou olhando fixamente nos olhos mais pretos ela já vira.

Este homem era um pouco mais alto que o primeiro, mas não tanto. Ele era menor que Julian, mas muito mais alto que ela. Sua pele era pálida como nata, e seu cabelo e olhos pretos contrastavam totalmente com sua coloração.

Algo sobre ele, ela não podia dizer o que, a deixava um pouco nervosa. Ele era um predador. Ela podia ver isto em seus olhos estranhos.

Ele entrou sem uma palavra da bem-vinda e elevou-se acima dela. Estava tão perto que ela podia ter se debruçado adiante e beijado seu tórax.

Por alguma razão estranha, alheia, ela teve um desejo poderoso de fazer justamente isto.

O homem pôs seu dedo em sua bochecha e arrastou até sua garganta. Brandi sentiu sua cabeça cair para trás antes dela poder juntar a inteligência para impedi-lo. O homem curvou-se mais perto, descendo sua cabeça até a dela. Ele retraiu uma respiração longa, profunda e Brandi percebeu que ele a estava cheirando. O calor de sua língua arremessou para fora e lambeu sua carne delicadamente. Brandi ficou atordoada e começou a cair desamparadamente contra ele.

— Pare com isso, Ramiel, — Julian rosnou ameaçadoramente por detrás dela.

O homem elevou-se e deu um sorriso convencido. — Ela não tem seu odor nela, — ele calmamente disse, sua voz tão melodiosa que Brandi teria jurado que ela podia ouvir sinos tocando.

— Não obstante, ela está fora dos limites, — Julian insistentemente disse.

— Como quiser, — o homem, Ramiel, disse e afastou-se dela, tirando-a de qualquer feitiço ele lançou sobre ela. Brandi ofegou e tropeçou para trás, de repente querendo tanta distância entre ela e Ramiel quanto possível.

— Brandi, estes são meus amigos, Marduk e Ramiel. — Cada homem assentiu para ela, entretanto, seu olhar ainda estava no escuro Ramiel. — Eles estarão me ajudando a proteger você.

Olhos de Brandi alargaram-se e ela estremeceu, apesar dela mesma. — Eu não preciso de proteção, — ela discutiu.

Julian a ignorou. — Eu preciso dos dois para me acompanhar a MT. Airy, — ele disse para seus colegas. — Nós devemos manter Brandi segura a todo custo.

— Por quê? — Marduk perguntou, olhando-a cautelosamente.

— Porque ela é a sétima chave.

Os olhos de ambos os homens alargaram-se, entretanto Ramiel escondeu isto melhor que Marduk. — Um humano? Eu não entendo. Até agora todas as chaves têm sido objetos inanimados, — Marduk assinalou.

— Eu sei, — Julian disse. — Me surpreendeu também.

— E a sexta chave? — Ramiel suavemente perguntou. Brandi pensou que ele manteve sua voz calma para minimizar a beleza dela. — Você fez algum progresso em recuperá-la?

Julian ficou calado por um longo momento, pensando. — Eu não estou certo ainda. Eu não esperei achar a sétima chave tão depressa. Eu admito, eu fui tão atraído por Brandi que eu não lhe dei toda a minha atenção.

Brandi ruborizou-se até as raízes de seu cabelo ao ouvir isso.

— Mas isso mudará uma vez que você junte-se a nós, — Julian continuou, ignorando-a. — Eu poderei enfocar em outros assuntos, sabendo que ela está segura em sua casa com você dois.

— Eh, espere um minuto. Ninguém está até me perguntando se eles podem ficar comigo ainda, — ela protestou. — E se eu não quero dois estranhos em minha casa, huh?

— Ature, — Julian disse, sem remorso. — Você só terá que lidar com isto.

Brandi estava estupefata. Ela não podia nem começar a pensar como responder a suas palavras arrogantes.

Julian olhou para ela e riu. — Pela primeira vez você está sem palavras, — ele arreliou. — Eu sabia que aconteceria um dia.

Brandi ofegou, e fez uma careta e o atirou um pássaro.

Ele meramente riu e foi fazer as malas. — Marduk, Ramiel, eu sugiro que vocês façam uma bagagem.

— Whoa, espere um minuto! Quanto tempo você pretende ficar comigo? — Ela exclamou.

Julian olhar encontrou o dela sem hesitação. — Enquanto for preciso.

— Não. Não. Eu tenho uma vida... — Ela começou.

— Você têm uma vida fragmentada na melhor das hipóteses, Brandi, e você sabe disso, — ele disse cruelmente. — Você não quer achar um jeito de acabar com isso uma vez por todas?

Brandi mordeu seu lábio e tentou ignorar a dor de suas palavras. — Como isso resolverá as coisas?

— Olhe, ou você está conosco ou contra nós. Trabalhando conosco, você pode salvar o mundo de criaturas escuras como seu Bogle. Trabalhando contra

nós, você nos forçará a tomar medidas drásticas, praticamente manter você prisioneira dentro de sua própria casa.

— Você não ousaria, — ela ofegou.

— Tente-me, — Julian disse de modo plano, a encarando.

— Eu não posso acreditar no que você está dizendo isso para mim, — ela ofegou. — Como ousa tentar assumir o comando de minha vida! Pode estar fragmentada, como você diz, mas é minha. Não sua! Eu acho que eu devia ter alguma coisa a dizer sobre quem fica comigo em minha própria casa.

Ramiel silvou e agarrou seu ombro. — Julian fez sua decisão e você irá cumpri-la, — ele disse, os dentes cerrados.

Brandi pegou um vislumbre de grandes caninos. Ela olhou para cima olhou os olhos, agora ardendo vermelhos de Ramiel, e gritou. — Inferno santo! — Ela tentou arrancar seu ombro seu aperto mas ele era tão forte. Ela teria contusões como prova disto.

— Pare com isso Ramiel, — Julian o advertiu.

O homem de cabelo de ébano imediatamente a soltou, os olhos vermelhos desvanecendo para preto novamente.

— Que diabos você é? — Ela disse sem fôlego, retrocedendo vários passos longe de Ramiel. — Como seus olhos podem fazer isto?

— Acalme-se, Brandi, — Julian ternamente disse. — Ele é um nosferatu.

Brandi riu, notando-se perto da histeria. — Nosferatu? Você está drogado? Não existe tal coisa!

Ramiel sorriu, revelando um muito impressionante, muito mau, conjunto de presas. — Você está errada.

Ela ofegou e pôs mais distância entre eles, quase tropeçando em Marduk no processo. Ele a apoiou suavemente e ela estava agradecida, ou poderia ter caído.

— Ma- mas é luz do dia. Você não deveria estar dormindo em seu caixão? — Ela gaguejou fracamente.

O sorriso de Ramiel desapareceu. — Propaganda. Nós vampiros podemos caminhar de dia. Nossos poderes são debilitados ao sol, é verdade, mas isto é tudo. Nós não queimamos, nós não morremos. Tais coisas são mitos, nada mais.

— Oh meu deus, eu não posso acreditar que eu estou tendo esta conversa, — ela lamentou. — Há alguma outra coisa potencialmente fatal que eu preciso saber, além do Senhor Presas aqui?

— Você não está em perigo, — Julian pacientemente disse. — Ela está, Ramiel?

Ramiel apenas sorriu. O olhar naturalmente perigoso em seu rosto não fez nada para a aplacar.

Brandi fechou seus olhos. — Isto é demais.

— Então você realmente vai odiar *isto*, — Marduk disse a ela. — Eu sou um fantasma.

— Um o que? — Ela franziu a testa.

— Um fantasma. Eu retornei da morte. Durante dois mil anos atrás eu fui sacrificado, então ressuscitei de volta para a vida.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que eu não posso morrer. Não por meios convencionais de qualquer maneira. Quer dizer que eu esbanjo força, agilidade e instintos assassinos. Mas não se preocupe, — ele piscou jovialmente para ela, — você estará segura comigo.

— Oh inferno. — Brandi andou até o sofá e sentou-se pesadamente. — Como tudo isso pode ser possível? Sociedades secretas, criaturas paranormais, meu deus, um *vampiro*! — Ela apontou acusadoramente para Ramiel. — É demais.

— Há mais, — Julian suavemente disse, suavemente, ficando em um joelho no chão ao lado dela.

Brandi gemeu e apertou seus olhos fechados.

— Quando Gregori disse que nós somos Cavaleiros Templários, ele não estava brincando. Você vê, nós somos os Cavaleiros *originais*, Gregori e eu. — Ele pausou e tomou uma respiração. — Eu mesmo sou do décimo terceiro século.

Brandi gritou e pôs as mãos em suas orelhas. Julian suavemente puxou suas mãos para longe e as segurou nas dele. — É verdade. Eu tenho mais ou menos setecentos anos de idade. E eu sou imortal.

Brandi gemeu apertou os olhos fechados, tanto que ela viu estrelas.

Capítulo Dez

No final daquela tarde Brandi estava sentada no banco do passageiro do carro de Julian. Seu cérebro era uma confusão de pensamentos, nenhum deles fazia muito sentido. Ramiel e Marduk seguiam atrás deles em um SUV. Julian estava quieto, aparentemente perdido em seus pensamentos. O passeio para sua casa durava uma hora, e eles já cobriram metade da distância sem dizer uma única palavra um para o outro.

Afinal, Brandi não podia permanecer mais assim. — Como você pode ser imortal? — Ela perguntou com voz fraca.

— Eu bebi do cálice da vida.

— O que?

— O Santo Graal, — ele pacientemente disse.

Sua cabeça girava. — Você está dizendo que isto é real também?

— Tão verdadeiro quanto o azul, — ele respondeu, um canto de sua boca levantado em um sorriso.

— E Gregori bebeu disto? — Quando Julian assentiu ela continuou. — Que tal Marduk e Ramiel?

— Eles foram feitos imortais por outros meios. Marduk foi feito imortal pelos padres que o ressuscitaram na Babilônia dois mil anos atrás. E Ramiel foi feito um vampiro no, uh, décimo oitavo século eu acredito. Ele não dirá como, mas eu acho que uma mulher estava envolvida.

— Eu não posso acreditar quer tudo isso é real. Eu me sinto como a Alice.

— Perdida no buraco do coelho. — Julian sorriu, o olhar suavizando seu rosto angular. — Existem muitos mistérios neste mundo. Muitas criaturas, do bem e do mal. Por que você deveria ficar tão surpreendida com isso? Você viu por você mesmo que existem coisas extraordinárias acontecendo no mundo.

— Eu não sei. Eu só nunca esperei tudo isso. — Ela acenou suas mãos. — Eu admito, eu estou perplexa.

— Você se adaptará antes que você perceba, — Julian assegurou a ela.

— E que tal esta coisa de chave? Como eu posso ser uma chave?

— É isso que nós vamos descobrir.

— Como você sabe que eu sou esta chave? — Ela perguntou.

— Eu posso sentir isto. Eu sinto isto.

— E você confia nesses sentidos?

— Sim, — ele respondeu. — Eles nunca me desviaram antes.

— Minha nossa, isto é inacreditável. Eu não quero ter um papel na abertura de algumas portas para o inferno, — ela desigualmente disse. — É loucura até pensar sobre tal coisa.

— Mas é muito real, não obstante. Você têm o poder para mudar o mundo. Você não está ávida para ver isto feito?

Ela pensou por um longo momento. — Se isso quer, quiser dizer livrar-se deste monstro, então eu suponho que eu quero ver isto feito. Mais cedo ou mais tarde, então eu não perco os nervos, sabe?

Ele assentiu em compreensão. — Eu sinto quase o mesmo.

— Mas você deve ter coragem de sobra, sendo imortal. — Ela quase sufocou com as palavras.

— Todos nós temos nossas dúvidas e nossos medos. Eu não sou nem um pouco diferente de você nesse quesito.

— Mas por que eu preciso ser protegida? Eu fiz tudo direito até agora.

— Porque nós não podemos deixar qualquer coisa acontecer para você. Se nós perdêssemos você, nós perderíamos nossa batalha e nossa procura estaria terminada. O mundo propriamente está em jogo. Você não acha que merece alguma atenção especial?

Ela torceu seus lábios. — Mas eu não confio neles, seus amigos. Especialmente Ramiel.

— Ele não machucará você. Ele está só...bem, francamente, ele é um predador. Ele não pode conter sua natureza. Mas agora que ele sabe como as coisas são, ele não aborrecerá você novamente. E Marduk é provavelmente o homem mais fidedigno que eu já encontrei. Nada significa mais para ele que honra. Ele lutaria até a morte para proteger você.

— Exceto que ele não pode morrer, — ela assinalou.

Julian a surpreendido agitando sua cabeça. — Mesmo que Marduk seja imortal, ele pode ser morto. Normalmente dividir a cabeça ou a coluna espinhal fará isto. O mesmo é verdade de Ramiel.

— E você?

Ele girou para olhar para ela, olhos azuis brilhantes. — Eu não posso morrer. O poder do Graal é absoluto.

Brandi tremeu. — Bogles, vampiros, fantasmas, portões para inferno...eu diria que eu tive um dia cheio, não é? — Bastante sarcasmo gotejava de suas palavras.

Julian riu, o som do aquecendo suas entranhas, apesar de sua intenção de não deixá-lo fazer isso. — Você poderia dizer isto.

— Então o que deve ser feito sobre esta última chave? Eu suponho que você não pode abrir o portão sem isto?

— Não, nós não podemos.

— Você tem alguma idéia de onde poderia estar? — Ela perguntou, mais que um pouco curioso.

— Não ainda, — ele respondeu. — Pode levar algum tempo antes de eu achar isto. Achar você foi acidental, eu estava na trilha da sexta chave, ou então eu pensava. Normalmente me leva semanas ou até meses para localizar uma chave. Mas logo, com sorte, eu saberei mais.

— Você sabe o que a chave é? É outro humano?

Ele a encarou. — Não. É o diamante da Esperança.

Brandi sentiu seus olhos alargarem-se. — O diamante da Esperança? Você está certo?

— Absolutamente.

— Então você sabe onde está, no Smithsonian — ela disse, assinalando o óbvio.

Julian surpreendeu-se mais uma vez agitando sua cabeça. — Nós já fomos lá, o diamante que está atualmente em diante exibição é uma fraude. Nós pensamos que alguém deve ter roubado o original.

— Oh...uau. Isso fede.

— Sim. Então você vê nosso dilema. Podia estar em qualquer lugar. Pode levar algum tempo antes de eu saber onde começar a procurar por isto.

Brandi ficou calada por muito tempo, a mente correndo. — Eu não tenho certeza se quero falar disso, mas você lembra quando você me disse que eu provavelmente selei o armário do meu quarto sem me dar conta?

— Sim.

— Bem, algumas noites atrás eu estava sentada lá esperando pelo Bogle, quando um homem saiu do armário. Ele usava uma máscara, assim eu não vi seu rosto, e ele correu antes de eu ter uma chance de encurralá-lo. Como ele saiu se o armário estava fechado hermeticamente? E como ele poderia até mesmo ir tão longe se ele era apenas um ser humano?

Agora foram os olhos de Julian que se alargaram com surpresa. — Por que você não me disse isso mais cedo? — Ele exclamou.

— Tantas coisas estranhas aconteceram desde então, que eu acabei esquecendo, — ela disse, meio se desculpando. — Eu tinha as câmeras gravando, mas só registraram estática do tempo que o homem apareceu até que ele correu do quarto, — ela apressou-se a dizer a ele. — Você pode ver se quiser. Não fará qualquer diferença.

Julian franziu a testa. — Eu terei que pensar sobre este novo desenvolvimento, — ele disse. — É muito inesperado. Enquanto isso, se qualquer coisa como isto acontecer novamente, diga a mim imediatamente, compreendido?

— Deus você é mandão, não é? — Ela bufou. — Mas sim, eu direi a você se eu vir qualquer outra coisa estranha.

— Bom. — Julian debruço-se adiante e ligou o rádio. Pelo resto da viagem eles escutaram um CD do Hooverphonic⁸. Uma coisa era certa, Brandi pensou. Julian tinha gosto excelente para música.

Quando eles finalmente pararam na calçada de Brandi, ela não estava nem um pouco contente por notar o carro do policial estacionado em sua casa.

— Merda, — ela murmurou, saindo do carro. — Justo o que eu precisava.

O policial Little deu a volta em torno da esquina da casa. Brandi não gostou de pensar que ele poderia ter estado bisbilhotando em sua propriedade, mas o pensamento predominava em sua mente de todo jeito. — O que traz você aqui hoje, policial? — Ela perguntou a modo de saudação, com uma leveza que ela não sentia.

— Brandi, eu estou tão contente que eu achei você. O xerife quer ver você imediatamente.

Brandi fez uma careta. — Por que, o que aconteceu?

O policial corou. — Eu não estou certo. Eu só sei que eu deveria levar você para a delegacia.

⁸ **Hooverphonic** é um trio belga formado no ano de 1995, que mistura música eletrônica com elementos de pop, trip-hop e ambiente.

Julian surgiu atrás dela e pôs uma mão em seu ombro. Por alguma razão o pequeno gesto fez um mundo de diferença. Ela imediatamente relaxou.

— Estaria bem se nós dirigíssemos para lá, Oficial? — Julian perguntou.
— Eu estou certo de que Brandi não gostaria de ser vista andando na traseira do seu carro da polícia muito frequentemente.

O policial Little assentiu. — Sim. Certo. Mas você têm que vir agora.

Julian girou e foi para o SUV que estacionou atrás de seu carro. Ele disse a Marduk, o motorista, mover o carro, assim eles poderiam sair. Marduk fez com muita eficiência, manobrando sobre o enorme gramado de Brandi.

— Eu posso ter as chaves de sua casa? — Julian gritou para ela.

Brandi alcançou em sua bolsa e recuperou as chaves, entregando-as para Julian. Ele deu as chaves para Marduk. — Dê uma olhada ao redor, se você quiser, — Julian disse a ele. — Talvez você veja algo interessante.

Brandi quase se ofendeu com isso. Ela não queria dois estranhos vasculhando suas coisas. Mas ela sabia que eles estavam aqui para protegê-la e se isso significava familiarizar-se com sua casa e tudo isto, então ela sabia que ela teria que aguentar. Ela decidiu que realmente não queria permanecer em eu caminho, em qualquer caso.

Julian tomou seu braço suavemente em sua mão e a levou de volta para o carro esporte. Ele a ajudou a subir, ligou o motor e voltou abaixo a longa calçada, pondo sua mão ao longo da parte de trás de sua cadeira enquanto ele girava para guiar seu progresso. Uma vez na estrada, eles pausaram para deixar o deputado tomar a iniciativa e seguirem ele docilmente para a cidade.

Quando eles alcançaram delegacia, Brandi girou para Julian. — Deixe-me lidar com isto, — ela disse. — Você é um estranho aqui. Poderia fazer as coisas mais difíceis.

Julian a olhou como se ele desejasse discutir. — Certo, — ele concedeu.
— Mas se você me precisar, eu estarei esperando aqui mesmo.

Brandi sorriu o deixando saber que seu gesto era apreciado e saiu do carro. O policial Little andou ao lado dela. — Quem é aquele homem? — Ele suavemente perguntou.

Ela soube que Julian e sua tripulação seriam um tópico notável para as pessoas de MT. Airy. Era uma cidade tão pequena que qualquer coisa incomum normalmente fazia os círculos de conversação. — Julian é um amigo.

— Seu namorado?

— Não. — Ela riu nervosamente e lambeu seu de repente seus lábios secos.

— E os outros dois?

— Eles são amigos de Julian. Por quê? — Ela já sabia a resposta para isso.

— Só curiosidade, — ele disse, orelhas avermelhando. — Eu sinto muito se eu estiver sendo muito pessoal.

— Não há problema, — ela disse facilmente.

— Eles estão aqui por causa de...por causa de seu monstro, — ele sufocou, o rosto avermelhando mais.

Por um pouco de razão, Brandi sentiu uma compulsão para mentir a ele sobre isto. Realmente não era da conta dele. E algo a advertiu para não agitar o ninho de vespas. Se o xerife descobrisse a razão real pela que eles estavam aqui, seria um inferno. — Não. Eles são apenas visitantes de fora da cidade, — ela mentiu facilmente.

O policial assentiu como se satisfeito com sua resposta. Ele a levou mais uma vez para a sala de interrogatório e a deixou com uma piscada e um sorriso. Alguns minutos mais tarde o xerife entrou com um pacote pequeno em sua mão e sentou em uma cadeira do outro lado da mesa áspera entre eles.

— Houve outro desaparecimento, — ele disse sem preâmbulo.

Brandi sentiu suas entranhas apertarem com medo para o pequeno perdido. — Por que você está desperdiçando seu tempo dizendo isso a *mim*? Por que você não deixa o FBI lidar com isto? — Ela perguntou incrédula.

O xerife Adams juntou os dedos. — Então você está admitindo que há um sequestrador em série solto em nossa cidade?

— Não. Eu estou só dizendo, que o FBI deveria estar envolvido. Mais cedo ou mais tarde eles terão que estar cientes de tudo isso, se eles já não estiverem, e quanto mais você esperar, pior vai parecer. Nossos conterrâneos não podem manter em segredo mais. E talvez, se nós formos sortudos, o me FBI escutará. Talvez eles podem achar um jeito de parar o monstro.

O xerife Adams suspirou fortemente. Ele pôs o pacote pequeno que ele tinha levado com ele na mesa. — Eu consegui isso de sua casa hoje, eu tinha um mandado e você pode ver por si mesma, — ele a assegurou. — Você sabe o que isto é?

Brandi fez uma careta. Estava embrulhado em papel pardo. — Eu posso abrir isto? — Ela perguntou.

— Vá em frente.

Ela rasgou o papel com dedos instáveis. Aconchegado dentro estava um fita de vídeo não identificada. Ela sentiu algo no interior dela afundar, temerosa do que ela soube que viria.

— Você reconhece isto? — Ele perguntou a ela.

Brandi meramente encontrou caladamente seu olhar.

— É outra de suas fitas tolas. Eu assisti isto, e o que eu vi fez meu sangue ferver. Como você aprendeu a fazer tais efeitos especiais tão realistas? Você nunca deixou a cidade para ir à faculdade, você foi à faculdade comunitária daqui, e eu sei que eles não ensinam essas coisas que eu vi na fita. Como você fez isto?

— Não são efeitos especiais, — ela friccionou, a ira subindo.

— Essa gravação é um exemplo das que você tem mostrado às pessoas desta cidade, ou você fez vários diferentes para fazer isso tudo parecer mais legítimo?

— Eu não estou enganando estas pobres famílias, — ela rosnou, a raiva continuamente subindo. — O que você vê na fita é real. Tão real quanto você pode entender.

— Eu devo dizer, você soa convincente até para mim, — ele ridicularizou.

Brandi tomou uma profunda, e afiada respiração. — Olhe, como você acha que eu fiz a fita parecer tão real então? Eu não tenho o conhecimento ou os recursos para falsificar algo assim, você mesmo disse isso, e se você só pensasse por um momento você saberia que eu falo nada além da verdade.

O xerife suspirou fortemente. — Eu trouxe você aqui para dizer a você que os Greenways perderam seu filho Tommy ontem à noite. Eles estão agoniados, como você pode imaginar. Eu estou advertindo a você agora, antes que saiba por eles, se eles chamarem você e implorarem para você fazer isto, você ficará presa até que eu possa pensar em algo melhor para fazer com você. Compreendido?

Brandi friccionou seus dentes contra o desejo de dizer a ele exatamente o que ela sentia sobre essa “advertência”. — Bem. Eu posso ir agora? — Ela perguntou, apenas se contendo.

— Eu estarei observando você, — ele calmamente disse. — Eu estarei assistindo você como um falcão.

— Que seja, — ela estalou. — Eu posso ir? — Ela perguntou novamente, belicosamente.

— Certo. Vá. Mas lembre-se do que eu disse.

— Sim, sim, eu entendi. — Ela lançou a fita de volta para ele, notando com satisfação como ele vacilou. Ela deixou o quarto sem olhar atrás e pisou o seu caminho através da delegacia até que ela estava fora ao ar fresco, mais uma vez. Ela respirou fundo, mas ele não fez nada para tranquilizar seus nervos desfiados. — *Foda-se!* — Ela gritou fora sua frustração no topo de seus pulmões, insensível aos prováveis dúzias de pares de olhos assistindo-a e escutando.

Julian veio para ao lado dela, a preocupação claramente escrita em seu bonito rosto. — O que aconteceu?

Brandi prendeu a respiração. — Nada. Só o xerife de Podunk⁹ tentando me tirar novamente, — ela rosnou.

— Houve outro desaparecimento, não foi? — Ele conscientemente perguntou.

Brandi fez uma careta. — Como você sabe disso?

— Eu posso ver escrito nas linhas em seu rosto, — ele disse.

Ela tomou essa deixa. — Foi menino pequeno. Por alguma razão este monstro parece gostar mais de meninos do que meninas. Ele tem levado muitos mais meninos que meninas. Você acha que isto é significativo?

— Quem pode dizer? Ninguém conhece a mente de um monstro. Mas eu provavelmente não acharia. O monstro é, na maior parte, apenas uma entidade irracional no caminho do mal. É coincidência provavelmente apenas isso.

— Sim. Você provavelmente tem razão, — ela concordou. Ela correu suas mãos pelo cabelo cansadamente. — Eu só desejo que esta coisa fosse embora e deixasse nossa cidade .

— Nós pararemos isto, — Julian suavemente prometeu. — Nós poremos um fim a tudo isso.

— Mas e as crianças desaparecidas? Eles estão perdidas para sempre?

Os olhos de Julian estavam cobertos. — Eu acredito nisso. Eu sinto muito, mas eu não acho que há algo que possamos fazer para ajudá-los, se eles ainda estiverem vivos. Os Bogles vivem em um reino além deste aqui, alimentando-se de vida onde possa. É improvável que quaisquer das crianças sobreviveram.

— Vamos, — ela disse com um suspiro pesado, sincero. — Leve-me para casa.

⁹ Uma pequena vila ou cidade insignificante. Essa gíria foi popularizada pelo filme “ Operação França” em 1971, estrelado por Gene Hackman.

Julian não disse nada, abrindo a porta do carro para ela. Ele a deixou com seus pensamentos no passeio para casa, pelo que ela estava imensamente agradecida.

Capítulo Onze

Ramiel cheirou o mau que ainda permeava o quarto. Ele estava acostumado a tais odores, mas este aqui o abalava. Uma criança tinha sido tirada deste lugar. Ele teria sabido disso mesmo ainda que ele já não tivesse sido informado.

Antes de deixar a sede, Julian os informou do estado da cidade e de Brandi, sua sétima chave. Ramiel escutou, mas ele supôs que ele não escutou o bastante. A malignidade que prevalecente na casa, muito mais no quarto dos fundos, o surpreendia e alarmava. Ele não sabia como Brandi podia até viver aqui, muito menos dormir.

Ele estudou o equipamento de vídeo e se impressionou. A mulher realmente conhecia dispositivos tecnológicos, isso era certo. Não havia modo de o Bogle passar pelo portal daqui sem ser filmado. Ramiel maravilhou-se da coragem e ingenuidade da mulher em face do perigo inegável.

— Eu pesquisei a área. Este lugar é um reduto do mal, — Marduk disse, entrando no quarto.

Ramiel concordou. — Foi aqui que o Bogle apareceu pela primeira vez.

— Isso explicaria, — Marduk assentiu. — Esta casa devia ser demolida e a terra queimada.

— De acordo com Julian, esta é a única casa que Brandi tem. Se ela pode tolerar a escuridão deste lugar, então nós deveríamos também. Afinal, nós também não somos criaturas da escuridão?

— Fale por você mesmo, Ramiel. Eu sou uma criatura de luz e sempre tenho sido.

— Isso você diz, — Ramiel sorriu, relampejando as presas.

— Cale-se, — Marduk disse, batendo amigavelmente no ombro de Ramiel. — Então nós estamos aqui para observar esta mulher mortal. Você acha que Julian gosta dela?

— Quem não iria com todo aquele longo cabelo escuro e aqueles olhos cinzentos brilhantes? Ela certamente atinge os sentidos. E além disso, ela é a sétima chave. Ela precisa ser protegida, você não concorda?

— Como ela pode ser uma chave? — Marduk impressionou-se pela centésima vez.

Ramiel encolheu os ombros. — Eu não sei. Mas eu confio no julgamento de Julian. Ela deve ser uma chave.

— Você sabe, eu acho que isso é mais do que eu já ouvi você falar de uma só vez, — Marduk riu.

— Deve ser todo esse ar rural fresco, — Ramiel jocosamente disse, mais uma vez relampejando suas longas presas afiadas.

— Então onde você acha que a chave perdida pode ser achada? — Marduk perguntou, ficando sério. — Alguma idéia?

Ramiel ficou sóbrio. — Eu não tenho uma pista. Poderia estar em qualquer lugar. Em qualquer lugar no mundo. Levará algum tempo para achar isto, da mesma maneira que ele nos levou tempo para achar todas as outras chaves. De uma coisa eu estou certo, é de que isto não será uma busca fácil.

— Eu sinto a mesma coisa, irmão. E eu não gosto disto, — Marduk cuspiu. — Nem um pouco. Eu estou pronto para terminar com este negócio.

— Você tem medo de abrir o portão? — Ramiel perguntou.

— Não. Por quê?

Ramiel ficou calado por um momento longo então pareceu agitar-se e se livrar de um sentimento desagradável. — Quando o portão abrir-se sob nosso comando, todo o mau que foi solto no mundo será chamado de volta para a Cova. Nós também não somos do mal? Nós não estaremos sujeitos ao poder do portão?

— Eu nunca pensei muito nisso antes. Mas eu suponho que você poderia estar certo. Entretanto novamente, talvez não. Talvez o bem que reside em nossos corações nos protegerá de alguma maneira.

— Eu não tenho bondade em meu coração, — Ramiel rosnou.

— Você não pensa assim, mas olhe para onde nós estamos. Nós estamos protegendo uma mulher que nós não conhecemos. Nós nos sacrificamos no altar do destino para achar estas malditas chaves. E para que? Para salvar o mundo. Seguramente ganhamos alguns pontinhos, como eles dizem.

Ramiel desviou o olhar para o armário aberto. — Eu admito, eu estou temeroso do portão. Eu sou um vampiro, uma das criaturas mais escuras da natureza. Eu pertenço s Cova. Seguramente chamará por mim.

— Mas você é verdadeiro de coração, você não pode negar isto, eu posso ver isso em você. Eu não acho que você estará em risco. E mesmo se você fosse, você acha que eu iria deixá-lo solto no desconhecido sozinho? Nunca, meu amigo. Nunca.

— Nós veremos, — Ramiel suspirou. — Eu não posso evitar perguntar-me, entretanto. Especialmente aqui, onde existe tanto do mal nos rodeia. Esta cidade está cheia com ele. Eu sei, em meu coração, que o portão deve ser aberto. Mas eu temo por minha própria vida, e a sua também.

— Nós estaremos bem, enquanto ficarmos juntos. Eu estou certo disto.

— Nós veremos, — Ramiel disse novamente.

— Sim nós iremos, e você se sentirá tolo por temer isto. — Marduk sorriu no que ele esperou fosse de uma maneira tranquilizante. — Ramiel, não importa o que você acha, você não é um homem ruim. Eu conheço seu coração e sei que é realmente verdade. Você não tem nada a temer.

— Eu me divirto com o que eu sou. Eu nunca odiei isto. Eu sou um vampiro e eu nunca fui mais feliz. Seguramente isto é um pecado negro o suficiente para me condenar.

— Você é um vampiro, mas você não é um assassino. Você nunca foi. E assassinato é a maior marca negra que eu conheço de que poderia manchar alma de alguém. Você é um Cavaleiro Templário agora, da mesma maneira que eu sou. E tudo que é santo sobre essa honra deve protegê-lo da Cova, — Marduk enfaticamente disse. — Você não tem nada a temer, — ele declarou novamente, firmemente.

— Se você disser isso, então eu devo acreditar em você, meu amigo.

— Eu digo isso. — Marduk sorriu novamente, revelando uma fila de muitos retos, dentes muito brancos.

Ramiel retornou seu sorriso. — Eu ouço o carro de Julian é carro chegando. Vamos sair e ver o que aconteceu com eles na delegacia.

O carro de Julian, na verdade, estava a mais de um quilômetro e meio de distância, a audição de Ramiel era realmente aguda. Mas quando eles saíram para a varanda da frente de Brandi, o carro de esporte vermelho parava na longa calçada de pedregulho. Julian deveria ter estado dirigindo bastante rápido.

Brandi foi a primeiro a sair do carro. Sem uma palavra para um ou outro homem, ela passou por eles e entrou em sua casa, batendo a porta de tela atrás dela. Julian saiu do carro e foi ficar ao lado de seus amigos.

— O xerife está sendo realmente duro com ela, — ele explicou.

— O que ele quer com ela? — Ramiel perguntou.

— Brandi, abençoada, tem pouca malícia. Ela contou a verdade sobre o primeiro Bogle. Agora a cidade inteira pensa que ela é louca e a polícia viu a gravação que ela faz das visitas do Bogle. Eles pensam que ela está usando-as, para tirar algo das vítimas.

— Por que ela não apenas não mentiu sobre o Bogle? Ela podia ter salvado a pele se ela tivesse, — Marduk curiosamente observou.

Julian agitou sua cabeça. — Eu acho que nunca ocorreu para ela mentir sobre isto. Desde o início, ela é sabia que o Bogle era perigoso. Ela tentou da melhor maneira advertir aos outros, mas sem proveito. Ninguém queira escutar ela. Isso é, ninguém em posição de fazer algo ela. Ela está presa aqui sozinha com esse conhecimento terrível há três anos.

O trio ficou calado por um momento longo, cada um perguntando-se o como deve ser saber a verdade e todo mundo achar que você era louco por causa disto.

— Nós precisamos achar a sexta chave. Rápido, — Marduk disse afinal.

— Eu concordo sinceramente e eu começarei a procurar imediatamente, — Julian disse. — Enquanto isso, quando eu não estiver ao redor, eu estou confiando a segurança de Brandi para você dois.

— Nós vamos cuidar bem dela, — Marduk assegurou a ele.

— Eu vou até o café na cidade, é o único lugar que eu conheço com acesso livre a internet por aqui e eu quero assistir os habitantes da cidade, ter uma idéia de como eles estão vivendo na sombra do presente Bogle. Eu não voltarei até tarde hoje à noite, eu irei explorar esta área como melhor eu possa antes de voltar. Eu quero conhecer todos os cantos deste lugar, tão bem como Brandi.

— O que nós deveríamos fazer em sua ausência? — Ramiel perguntou quando Julian voltou para seu carro. — Há alguma coisa que nós podemos fazer para ajudar você?

— Não faça nada no momento. Apenas proteja Brandi. Mantê-la longe de problemas, em si deve ser um trabalho árduo. — Ele riu apesar dele mesmo. — Eu farei todo o trabalho duro aqui.

Julian os deixou de pé lá, subiu em seu carro, acelerou ruidosamente o motor então acelerou para e dirigiu calçada abaixo.

Marduk e Ramiel se entreolharam. — Eu o pressentimento horrível de que essa vai ser uma longa noite, — Marduk disse com um sorriso.

— Realmente, — Ramiel suspirou e girou para entrar na casa. — Maldição. Eu nunca pensei que eu acabaria como um baby-sitter, — ele disse debaixo de sua respiração.

Marduk meramente riu. — Vamos, meu amigo, vamos conseguir que Brandi nos cozinhe alguma coisa, nós devemos? Bem...para mim de qualquer maneira.

Ramiel riu, sua voz soando como o tocar de sinos de cristal.



Brandi sentiu uma boca quente e molhada puxar seu mamilo eroticamente. Ela deu um gemido ofegante, um som de rendição que a chocou, arqueando-se desenfreadamente no toque daquela boca faminta. Uma mão grande, morna corria pelo seu corpo, do pescoço até o joelho, acariciando-a como um gatinho amado. Um peso descansava contra ela, cobrindo-a, a fazendo sentir-se segura pela primeira vez em três anos.

A boca moveu-se abaixo de seu tórax, mais baixo para seu estômago, e uma língua mergulhou em seu umbigo. Dedos grandes, masculinos vagavam por toda parte de seu corpo, acariciando e arreliando até que ela estava inconsciente para qualquer coisa exceto o *sentimento*. Seu corpo tremia, doía por mais da tortura deliciosa daquelas mãos hábeis.

Os dedos puxaram seus mamilos quando uma boca quente explorou seu umbigo. Seus mamilos estavam duros como diamantes, tão brilhantemente quentes quanto estrelas. Seu sexo estava inchado e dolorido, molhado e quente, implorando para ser tocado. Ela nunca esteve tão excitada.

A boca ergueu e ela gemeu sua decepção. Mas ele foi um gemido pequeno para a boca que povoou acima da sua, a língua cavando profundamente seus segredos, a beijando como se ela nunca tivesse sido beijada antes. Uma bolha de alegria a fez suspirar em sua boca e lágrimas encheram seus olhos, vazando dos cantos para cair contra as têmporas. Tinha sido tanto tempo desde que alguém, qualquer um, a segurou em seus braços assim.

Ela esteve tão só, por tanto tempo.

Se só ela pudesse encher seu coração com carinho. Então ela nunca se sentiria sozinha nunca mais.

Mas o que era amor sem confiança? Ela podia nunca amar alguém que não acreditasse nela, acreditar *nela*. *Era inconcebível. Impossível.*

As mãos espalharam suas pernas, abrindo-as bem. Quadril forte, musculoso situou-se entre eles, um pênis enorme, duro descansava contra seu calor molhado. Mas a realidade se intrometeu e Brandi resistiu contra isto,

tentando derrubar seu sedutor. Era inútil. O galo caiu em posição e começou a apertar inexoravelmente mais fundo nela...

Ela despertou com um ofego, atirando-se cima na cama.

Ela e a cama estavam encharcadas de suor. Ela estremeceu, tomando respirações rotas. Não havia ninguém na cama com ela.

Mas o sonho pareceu tão real. Ela mais do que meio esperava ver alguém no quarto com ela, mas estava vazio, salvo por ela. Seus mamilos ainda estavam duros e seu sexo estava doendo, vazio, desolado. Mas só tinha sido um sonho. E sonhos, ela sabia, eventualmente enfraqueciam.

Brandi balançou suas pernas para fora da cama e levantou-se vacilante. Ela estava vestida somente com uma camisa super grande e calcinha de algodão. Agarrando um roupão, ela o pôs e foi para a porta, abrindo uma rachadura e espiando para fora. Não parecia ter ninguém por cima e por aí. Brandi realmente não queria chocar-se com ninguém em seu estado de espírito presente. Mas ela decidiu arriscar uma viagem rápida para a cozinha para um copo de leite.

Seus pés nus sussurraram no chão. Ela viu Marduk quase imediatamente, adormecido em seu sofá. Ela andou nas pontas dos pés passou por ele e entrou na cozinha. Ela abriu o refrigerador, curvou-se e pegou uma caixa de leite já meio vazio da estante. Ela sabia que teria que comprar mais amanhã. Maldição. Ela verdadeiramente odiava entrar na cidade.

Um barulho pegou sua atenção e ela girou. Seu nariz deu com Ramiel, que estava em pé a algumas escassas polegadas longe dela. Ela sem querer deu um grito e recuou para o refrigerador. — O-o que você quer? — Ela nervosamente perguntou.

Os olhos de Ramiel ardiam vermelhos, assustando Brandi até seus dedos do pé.

— Você devia estar na cama, — ele suavemente disse, sua voz um contraste gentil, melódico para o olhar feroz em seus olhos.

Brandi não podia ter concordado com ele mais. — Eu estava s-só conseguindo algo para beber, — ela desigualmente explicou.

Ramiel assentiu e, no tempo que levou Brandi para piscar seus olhos, ele desapareceu. Ela ficou lá calada por um longo momento então violentamente saiu do choque. Ela deu uma respiração trêmula, abriu o leite e bebeu diretamente da caixa, não ligando se alguém a visse fazendo isto. Maldição, era sua casa. Ela beberia tudo que quisesse, ela obstinadamente pensou.

Ela ouviu um barulho fora de e cautelosamente foi investigar. Ela não queria chocar-se com Ramiel novamente, ele a assustava muito facilmente. Mas não era Ramiel, e ela deu um suspiro de alívio. Julian estava em sua

varanda, só, debruçando-se graciosamente contra uma das colunas. As fivelas brilhantes de suas botas brilhavam no luar. Ela abriu a porta de tela e saiu silenciosamente.

— Por que você não está dormindo? — Ela perguntou a ele.

Julian girou sua cabeça e piscou para ela. — Eu não podia. Meu cérebro ainda está indo um milhão de milhas por hora.

— Eu sei como você se sente. — Ela torceu seus lábios irônicamente.

— Evocê? Por que você não está na cama?

Brandi levantou o leite quase vazio. — Eu estava conseguindo algo para beber. Quer?

Julian estendeu a mão e aceitou a caixa. Ele levantou isto e bebeu profundamente, esvaziando. — Obrigado, — ele disse, devolvendo para ela.

Brandi segurou a caixa nervosamente. — Sabe, eu frequentemente pergunto-me sobre a primeira pessoa a beber leite de vaca. O quanto deve ter gostado, — ela riu. — O que possuiu ele, ou ela, a beber leite de um algum animal em primeiro lugar, muito menos de uma grande vaca muda que só faz “muuuu”?

Julian riu. — Isto é um quebra-cabeça, — ele concordou.

Brandi permaneceu ao lado dele, olhando para a escuridão por um longo tempo. — Você lembra do sujeito que saiu do meu armário? — Julian assentiu e ela continuou. — Quem você acha que ele era? E como ele fez isto, eu pergunto-me?

— Eu acho que ele é a pessoa que roubou o diamante, — Julian disse devagar. — Mas eu não posso estar certo. Faria sentido, qualquer uma das chaves nos permitir se teletransportar pelo vazio dos mundos se utilizada para esse fim. Mas ele teria que ter um pouco de sangue de Templário em suas veias ou então a chave não funcionaria. Eu não sei. É um mistério. Um que eu quero resolvido assim que possível.

Brandi sinceramente concordou com ele. Ela tremeu no ar da noite fresca. Julian a viu e puxou-a para dentro do círculo de seus braços. Ele suavemente a girou de forma que suas costas ficaram apertadas contra seu tórax, e ele descansou seu queixo em sua cabeça, seus braços a envolvendo. Ele era tão morno. Ela não podia resistir a aconchegar-se em seu abraço.

Ele abaixou sua cabeça e respirou profundamente. — Você cheira divinamente. — ele sussurrou contra a concha de sua orelha.

Brandi tremeu, e dessa vez não teve nada a ver com o frescor do ar ao redor dela. Pareceu ter de repente ficado bastante morno, realmente.

— O luar transforma você, — ele continuou. — Dá a você um ar misterioso que eu acho bastante...atraente.

Seus braços apertaram sobre ela, segurando-a mais perto dele. Seus mamilos endureceram contra seu braço e ela se contorceu timidamente. — Você deve estar mais cansado do que você pensou, — ela impertinentemente disse, não sentindo nada perto de impertinente mesmo.

Seus lábios sussurraram até seu pescoço e ficou. — Você tem alguma idéia do que você faz para mim? — Ele perguntou com uma intensidade feroz que fez seus joelhos enfraquecerem. — Você não faz não é? Deus. — Seus braços esticaram e seu corpo pressionou duramente contra o dela, seu pênis um peso, grosso e pesado nas costas dela. — Você me deixa louco. — Ele apertou seus lábios contra seu pescoço e ela quase desmaiou contra ele.

— Não faça, — ela sufocou, nem mesmo sabendo o que a palavra queria dizer.

— Eu devo, — ele sussurrou e a girou em seus braços. Ele apertou um beijo gentil, puro, na sua fronte e emoldurou seu rosto em suas mãos. Ele olhou profundamente seus olhos e ela sentiu suas bochechas queimarem contra suas palmas. Seu corpo a empurrava, afundando nela, fazendo-a respirar irregularmente. Suas costas estavam contra a coluna agora, a madeira apertando a pele de suas nádegas e coxas.

Julian agarrado um de suas pernas e enganchou acima de seu quadril, abrindo-a. Ele apertou seus quadris nela, seu pênis sobressaindo em sua suavidade, duro como pedra. Ele abaixou sua cabeça de forma que seus lábios apenas tocaram os dela. — Eu tenho que saborear você, — ele murmurou contra sua boca e ela suavemente ofegou. Ele tomou a oportunidade e reivindicou sua boca, sua língua procurando profundamente.

Sua mão vagou para seu cabelo e segurou um punhado, mantendo-a presa para seu beijo. A outra mão segurou a sua coxa dela, afundando os dedos em sua carne quase contundindo com a intensidade. Ela gemeu em sua boca e ele tragou o som antes de traçar os lábios dela com sua língua.

Os planos duros do corpo dele embalaram a suavidade dela, como se moldados somente para ela e ele. Seu musculoso tórax apertou contra seus doloridos peitos, seus quadris encaixando-se nos dela. Sua boca abriu acima de ela, e ela estava perdida. Ela deslizou sua língua através dos lábios dele, saboreando-o profundamente. Ele fez um som áspero, rouco e a esmagou mais apertado contra ele.

— Eu posso cheirar seu desejo, — ele sussurrou entrecortadamente contra sua boca.

Brandi ofegou. Ele pegou sua respiração e deu a dele em retorno. Seus lábios inclinaram sobre os dela, seu beijo ficou mais profundo, imprimindo ele mesmo nela.

Um ramo estalou ruidosamente na noite além deles e eles depressa, quase culpadamente, se separaram.

Julian respirava irregularmente e o som aqueceu o interior de Brandi. Alguns momentos depois ele recuperou a voz. — Você deveria ir tentar dormir, — ele aproximadamente disse.

— Você está certo. Eu acho que eu irei, — ela disse com voz rouca. Ela girou e abriu a porta de tela então parou, olhando de volta para ele. Ela fechou a porta firmemente mais uma vez e girou para ele. — Diga-me uma coisa.

— O que? — Ele perguntou.

— Você diz que tem mais de setecentos anos de idade, — ela começou.

— Algo assim, sim.

— Então como era, antigamente? — Ela curiosamente perguntou.

Julian sorriu. — Mais simples, — ele disse. — Mais fácil em alguns modos, mais difícil em outros.

— Você sente falta do modo como as coisas eram?

— Às vezes, — ele pensativamente disse. — Mas não sempre. Você esquece, eu tive bastante tempo para me ajustar ao modo de como coisas mudaram ao longo dos anos.

Brandi pensou caladamente por um longo momento. — Às vezes eu desejo que eu tivesse nascido em um século diferente. Qualquer menos este aqui.

— Todo mundo sente desse modo uma vez ou outra.

— Eu sei. Mas eu só não sinto como se eu encaixasse aqui, sabe? — Ela perguntou.

Julian assentiu. — Você se sente presa pelas circunstâncias cercando você. Não é nenhuma surpresa de que você se sinta assim.

— Eu desejo poder ter visto o modo como as coisas costumavam ser, antigamente, — ela disse. — Só para ter algo para comparar com este tempo.

— Confie em mim, você não perdeu muito. Uma coisa que eu notei é que não importa que tempo você se acha, você nunca sente como o tempo certo.

Brandi sorriu um pouco. — Boa noite, Julian, — ela disse, voltando para a porta.

— Brandi, — ele disse atrás dela, detendo-a. Ele hesitou, parecendo estar procurando palavras e afinal ele suspirou. — Bons sonhos, — ele disse.

Ela entrou na casa sem olhar atrás.

Capítulo Doze

Marduk ofereceu para ir com ela em sua viagem para o supermercado da cidade. Quando ela tentou recusar sua oferta para acompanhá-la, ele disse a ela que ela não tinha escolha. Ele tinha sido instruído para mantê-la em sua vista a toda hora, e isso era exatamente o que ele tinha intenção de fazer. Ela o deixou ter a seu modo, reconhecendo uma pessoa teimosa quando ela via uma, e o levou com ela. Mas ela não falou com ele o caminho inteiro, e ele pareceu propenso a deixar o silêncio.

Quando eles chegaram à loja, Brandi imediatamente sentiu que algo estava errado. Havia uma pequena multidão na frente do mercado, uma visão incomum, no mínimo. Brandi saiu de sua caminhonete e andou para a multidão.

— O que está acontecendo? — Ela perguntou gentilmente a Sra. Apple, uma senhora de idade avançada e cabelos grisalhos, que estava entre os outros.

— A casa Tracey Bib foi arrombada ontem à noite.

— Realmente? — Brandi perguntou, chocada. Não houve um roubo em MT. Airy desde que ela podia lembrar.

— Sim. Ela voltou para casa para jantar e estava trocando de roupa quando um homem saiu de seu armário e saiu correndo da casa.

Os nervos de Brandi ficaram em alerta de imediato. — Do armário, você diz?

— Sim. Ele devia ter estado lá, provavelmente espiando a pobre Tracey se vestir como o sujo espreitador do Tom. O que esta cidade está virando ?

Brandi deu um olhar significativo para Marduk, que assentiu caladamente em compreensão. Eles dois sabiam que isto não era só um arrombamento normal. Ela sabia que tinha que ser o ladrão de diamante com suas habilidades recém descobertas. Viajando através do vazio, sem dúvida, deixando todo o tipo de devastação em seu rastro.

Pelo menos tinha sido ele e não o Bogle a sair do armário de Tracey, Brandi pensou com alívio.

Ela queria conversar com Tracey, perguntar a ela algumas coisas, mas ela não ousou. Tracey era uma das pessoas que pensavam que ela era culpada de matar seu sobrinho. De jeito nenhum ela falaria com Brandi. De jeito nenhum ela escutaria a verdade.

Brandi fez sua passagem entre a multidão, intencionalmente ignorando Tracey à medida que ela passou. Ela entrou na loja, agarrando uma cesta para suas compras. Ela levantou um caixa de leite, lembrou o quanto Julian gostava de beber isto e tomou uma segunda. Ela agarrou algumas outras coisas, principalmente comida, algumas batatas e nozes e rosquinhas, e foi para o caixa.

Marduk seguiu todos seus movimentos, colado em seus calcanhares. A fez sentir mais que um pouco desconfortável. Especialmente quando ela sabia que ela estava sendo observada por dúzias de pares de olhos, sem dúvida nenhuma todo mundo pensava que ele era seu amante. Ela fez seu melhor para ignorá-lo, sabendo que ele estava lá só para sua segurança. Mas era difícil. Marduk não era um homem fácil de ignorar.

Ela achou-se desejando que tivesse sido Julian a acompanhá-la para a cidade. Mas ele saiu cedo aquela manhã, de acordo com o Ramiel, bem antes de ela acordar. Ele partiu para começar a procurar pela chave perdida, e Brandi só podia esperar até que ele a achasse. Ela odiava mais que qualquer coisa, sua inabilidade para fazer algo útil.

Mas ela confiava Julian. Ela não sabia por quê. Era verdade que ela apenas o conhecia, mas ela confiava nele implicitamente. Ela não tinha dúvida de que ele acharia a chave perdida e que ele de alguma maneira a ajudaria a parar o reinado de terror do Bogle em sua cidade.

Ela não podia evitar perguntar-se se o Bogle poderia atacar novamente, antes de Julian achar a sexta chave. Brandi não esperava. Ela realmente não achava que a cidade poderia suportar o peso de outra criança desaparecida.

Sorrindo educadamente, ela deixou suas compras ante o balconista e esperou para ser verificado.

— Você acha que o intruso de Tracey poderia ser o sequestrador? — Melissa, a caixa, perguntou.

Brandi encolheu os ombros. — Eu não sei, — ela respondeu evasivamente.

— Poderia ser. Mas Tracey não tem quaisquer crianças assim eu não posso ver por que o sequestrador estaria em sua casa. Oh! Você ouviu que o FBI está na cidade? O xerife finalmente os chamou para ajudar com o caso.

Brandi sentiu seus olhos alargarem-se com choque. — Realmente? Eu achei que ele nunca chegaria a fazer isto.

— Nenhum de nós achava. Mas nós estávamos errados, agradeço ao Bom Senhor. Eles chegaram aqui esta manhã. Pelo que eu ouvi eles têm o departamento do xerife inteiro em um alvoroço. Eles são estão nem um pouco felizes de que nós esperamos tanto tempo para chamá-los.

— Eu disse a Rob uma dúzia de vezes que ele deveria chamar o FBI. Eu disse a ele que quanto mais ele esperasse, pior seria. Mas você sabe como ele é. Ele realmente não escuta ninguém além dele mesmo.

— Ele é um teimoso, eu direi a você isto. Mas pelo menos a ajuda finalmente chegou. Eu estarei contente por ouvir o que o FBI pensa sobre nossa situação, — Melissa disse.

— Sim, — Brandi concordou, tomando suas bolsas de mantimentos. — Os próximos dias serão bem interessantes.

— Amém para isso, — Melissa riu. Ela acenou a cabeça em direção a Marduk. — Quem é seu amigo?

— Marduk. Marduk, essa é Melissa Holmes. Ela é uma das poucas pessoas restantes que não pensa que eu sou louca.

Melissa riu. — Bem, não completamente de qualquer maneira, — ela suavemente arreliou. — Que nome interessante, Marduk. O que traz você aqui para nossa pequena cidade querida?

— Porque, todas as bonitas senhoras, claro. — Ele piscou para Melissa e empurrou Brandi para perto dele, abraçando-a.

Melissa riu e corou.

Brandi rolou seus olhos e cutucou Marduk para longe dela, precariamente equilibrando os mantimentos em seus braços. Ele levantou a mão e primorosamente tomou seu fardo dela, levando-os muito facilmente, como se as bolsas pesadas não fossem mais do que um saco de penas. Era desconcertante sua força fácil, deixando nervos de Brandi por um fio.

Dando um adeus para Melissa, Brandi agarrou o braço de Marduk e o levou fora do supermercado. Ela pulou em seu caminhão, bateu a porta, e moveu o carro no momento que Marduk sentou-se no banco próximo a ela.

— O que está errado? — Ele perguntou depois de alguns momentos de condução muito rápida, a voz sutilmente aprazível e despretensiosa.

Brandi friccionou seus dentes. Ela odiava ter que se explicar, especialmente para um estranho. Ela esteve só por tanto tempo que simplesmente não se sentia bem. Mas ela sabia que Julian confiava em Marduk e ela se sentiu que deveria fazer o mesmo. Afinal, ele estava aqui para ajudar, não é? — Eu não suponho que você acha que o FBI querará ouvir meu

lado das coisas, relativo a aquelas crianças perdidas, não é? — Ela perguntou finalmente.

Marduk suspirou e girou o olhar para ela. Brandi manteve seus olhos resolutamente adiante na estrada, mas ela podia sentir seus estranhos olhos de âmbar queimando nela. Ela perguntou-se à toa se ele poderia ler sua mente. Não a teria surpreendido, não depois de tudo que ela aprendeu nos passados dias. Só para testar isto, ela pensou sobre algo particularmente feio, a palavra mais suja que ela conhecia, e ela sabia algumas bem sujas. Quando Marduk não reagiu, ela assumiu que isso significava que não, ele não podia ler mentes. Isso era um alívio.

— Por que você sente que você precisa dizer a qualquer um sobre o Bogle em primeiro lugar? Você deve saber que ninguém acreditará em você. Ainda que você tivesse uma montanha de evidências para provar sua reivindicação, eu duvido seriamente que alguém acreditaria sem ver o espírito em primeira mão. Por que você põe-se na linha de fogo assim? — Ele perguntou com grande interesse.

Foi a vez de Brandi suspirar. — Eu...bem, eu... — Ela hesitou e tentou novamente. — Eu só tenho que dizer a verdade. Isto é tudo. Só porque ninguém acredita em mim não significa que eu deveria manter segredo de todo mundo. Além disso, algumas pessoas acreditam em mim. E talvez o FBI já tivesse alguma experiência com estas coisas. Pode se esperar, certo? — Ela riu sem humor.

— Eu duvido seriamente que eles têm. Este tipo de coisa normalmente cai na jurisdição das pessoas como eu, Julian e Ramiel. Não existem muitas pessoas como nós que tivemos muita experiência com estes tipos de problemas, eu sinto muito dizer, — ele explicou, felizmente tendo seu intenso olhar fixo para fora da janela.

— Mas é possível.

— Brandi, eu não penso que dizer isso para o FBI vai ajudar em qualquer coisa. Especialmente dada à situação que você está. Você já tem o xerife da cidade respirando em seu pescoço. Você quer que os federais suspeitem de você também? Porque eles irão, uma vez que eles ouvirem sua história. Como está, eu estou certo de que você estará no topo da lista de suspeitos de qualquer maneira, uma vez que eles descobrirem o que você tem feito aqui pelos últimos três anos, — ele assinalou.

Brandi rosnou e bateu seu punho contra o volante. — O que você quer que eu faça, Marduk? Huh? Você quer apenas que eu fique atrás e assista enquanto tantas coisas más estão acontecendo ao meu redor? Eu não posso. Eu *não irei*. Se os federais perguntarem, eu *direi* a eles a verdade. Eu não me importo com o que eles fizerem para mim. Eles todos eventualmente verão a verdade, eu estou certa disto. Eu *tenho* que estar certa. — Suas palavras terminaram em um sussurro sufocado.

— Até no risco de arriscar nossa missão? Primeiro, eu estou certo de que eu não preciso lembrar a você, é de importância vital, não só para nós, mas para todo o mundo. Nós precisamos de você.

Brandi estremeceu. — Eu só não sei o que fazer mais.

— Eu não quis chatear você, — Marduk suavemente disse. — Você é uma humana estranha. Eu não entendo você. Eu tive experiências com pessoas não põem eles mesmos na linha de fogo como você. Nem mesmo por causa da verdade.

— Então você esteve em torno das pessoas erradas. — ela rebateu.

— Talvez você esteja certa, — ele concedeu, soando como se sua própria admissão o surpreendesse.

Eles ficaram em silêncio, ambos perdidos em pensamentos, e Brandi fez a última viagem para casa em uma velocidade mais confortável.



Aquela noite, Julian retornou para casa. Ele, Marduk e Ramiel saíram para a varanda dianteira e conversaram por uns longos momentos. Quando Brandi levou copos de chá doce para eles, um vampiro podia beber chá? Eles ficaram mudos, como se não quisessem que ela escutasse sua conversa. Não que Brandi se importasse. Ela precisava de um tempo para ela mesma de qualquer maneira; Ela não estava acostumada a estar ao redor de tantas pessoas.

Ela enrolou-se no sofá da sala e assistiu *Invasor Zim*, o desenho animado favorito dela, e ignorou as vozes murmuradas de seus convidados na varanda. Estava escuro lá fora e os grilos e sapos fizeram suas chamadas em voz alta para a lua, uma música que sempre ajudou a acalmar os nervos de Brandi. O *invasor Zim* terminou sendo substituído por *Bob Esponja* e Brandi, apesar dela mesma, caiu em um cochilo leve.

Ela despertou com um salto quando a porta de tela que levava a varanda dianteira bateu com um estrondo. Julian estava de pé, acima dela, seus olhos duros e sérios.

— Nós precisamos conversar.

Brandi se sentou e esfregou o sono de seus olhos. — E?

— Venha do lado de fora comigo. Me faz desconfortável estar aqui.

Ela assentiu, entendendo como ele se sentia, e saiu para a varanda com ele. Marduk e Ramiel estavam ausentes, mas Brandi não sabia a que distância eles estavam. — Onde os sujeitos foram?

— Eu os mandei ... fazer umas incumbências.

— Eu ouvi essa hesitação. Você está certo de que estas incumbências não têm nada a ver comigo? Quero dizer, você diria a mim se tivessem, não?

— Não têm a ver com você, pelo menos não diretamente. — Ele deu a ela um sorriso inclinado para um lado, seus dentes brilhantes na escuridão. — Eles foram à cidade durante algum tempo.

— Oh. Certo. Bem, sobre o que você quer conversar? — Ela perguntou, sentando em sua cadeira de balanço de carvalho favorito. Ele situou-se acima dela e ela teve que inclinar seu pescoço para o olhar no olho, assim invés, ela optou por desviar a vista para a expansão de seu jardim e as árvores que além dele.

— Eu acho que eu tenho uma idéia de onde a sexta chave pode estar.

Os olhos do Brandi voaram de volta para seu rosto. — Por que você não se senta? — ela rosnou e esperou até que ele sentou para continuar. — Onde você acha que está então?

Ele ficou mudo por um momento, sentado em sua cadeira de balanço, como se escolhendo suas palavras cuidadosamente. Ele encolheu os ombros e respirou fundo. — Eu acho que está aqui mesmo. Nesta cidade.

Brandi estava incrédula. — Aqui? Mas como?

Julian agitou sua cabeça. — Eu não sei. Mas eu estou quase certo de que está aqui.

— Quais são as chances de achar duas chaves no mesmo lugar? — Ela não podia evitar perguntar.

— Muito poucas, — ele respondeu.

— Mas onde poderia estar? Eu pensei que você disse que tinha sido roubada.

— Disse. E se meus instintos são corretos então o ladrão está aqui e ele ,ou ela, ainda tem a pedra em sua posseção.

— Como você definirá seu local? Você baterá em toda porta na cidade?

— Eu estava esperando que eu não tivesse. De fato, eu esperei que você pudesse me dar alguma idéia de onde começar a procurar. Mas se não é possível, então sim, assim seja, ainda que eu tenha que visitar toda casa nesta cidade inteira. — Seu frios olhos azuis eram duros como diamantes.

— Como eu deveria saber por onde você precisa começar a olhar?

— Você conhece esta cidade como a palma de sua mão. Pense. Existe qualquer um que você poderia acreditar que poderia possuir a pedra?

Brandi pensou por um longo momento. — Não, — ela respondeu finalmente. — Eu não posso pensar sobre qualquer um.

— Tente mais. Considere cuidadosamente isto pelo próximo par de dias enquanto eu e meus homens fazemos nossa própria busca. Mais cedo ou mais tarde nós conseguiremos uma pista e quando nós fizermos, nós teremos todas as sete chaves.

— O que você fará uma vez que você as tenha?

— Nós vamos fazer uma viagem para Paris. Para Montmartre, e Sacré-Coeur, a basílica católica no topo da colina com vista para a cidade. Está lá, nas catacumbas embaixo da igreja, nós acharemos o portão para o inferno. Lá que nós devemos fazer nossa luta contra o mal.

— Paris. É tão longe, — ela disse como se para ela mesma. — Eu nunca estive tão longe de casa antes.

— Deve ser feito, — Julian firmemente disse. — Nós não temos nenhuma escolha.

Brandi sentiu seus lábios apertarem-se em uma linha apertada. Parecia que ela não tinha nenhuma escolha mesmo, não desde o desaparecimento de seu sobrinho. O destino tinha um domínio forte um sobre ela. Ela perguntou-se quando, se finalmente a deixaria livre. E se ela até lá estaria viva para ver isto.

— Você é da França, não é? — Ela perguntou.

— Eu fui uma vez. Há muito tempo atrás.

— Eu ainda posso ouvir o rastro de um acento em suas palavras, — ela assinalou.

— Algumas coisas são difíceis de deixar ir, — ele disse.

— Eu que o diga. — Ela riu. Brandi levantou-se da cadeira e caminhou para a extremidade da varanda, olhando as estrelas. A noite era brilhante, das cintilantes estrelas e o brilho da lua, e Brandi podia ver jardas ao longe, além das árvores que flanquearam sua casa. — Você está absolutamente certo de que eu sou a sétima chave? — Ela teve que perguntar.

— Eu sei que você é. — Julian foi para trás dela e colocou uma mão grande, forte em seu ombro e a girou para o enfrentar. — Não pode haver nenhuma dúvida disto.

Brandi tentou e falhou para não ser pega em seu olhar fixo intensamente azul. Ele tinha os olhos mais surpreendentes. Os olhos que uma mulher

poderia afogar-se se não fosse cuidadosa. Os olhos que podiam fazer uma mulher fazer qualquer coisa se Julian quisesse, sem dúvida, e sem qualquer protesto.

Espere. Ela estava sendo fantasiosa novamente. Algo sobre Julian tirava isso dela e ela não estava certa de que gostasse disto.

O dedo de Julian arrastou suavemente lado abaixo de sua bochecha. Ela tremeu.

— Seus olhos parecem fumaça no luar, — ele sussurrou, sua respiração de canela saía de sua boca de forma que ela quase podia quase saborear isto. Ambos seus braços a emolduravam, descansando contra a grade de varanda atrás dela, encerrando-a eficazmente.

Brandi sentiu seu pulso correr irregularmente com sua proximidade. Ela tentou e falhou em afastar o olhar do dele. Seu odor sem igual, como incenso Nag Champa misturado com o sabor de canela de sua respiração, a encantava e ela pegou-se respirando isto no fundo de seus pulmões como se o segurasse dentro dela. Seu ser sendo penetrando em sua pele, sua olfato, tato e paladar. Era como se eles já fossem parte um do outro.

Ela queria tocá-lo. Oh como desesperadamente ela queria pôr seus braços ao redor dele. Mas ela não fez. Não podia. Ela estava com muito medo do que poderia acontecer a seguir. Com Muito medo...e muito ansiosa ao mesmo tempo.

Ela estava em perigo e ela sabia disso. Mesmo se Julian pretendesse ser ou não, ele era tentação demais em um só homem. Ela passou por debaixo do braço dele e correu para longe, desesperadamente tentando pegar uma respiração que não cheirasse a ele.

Mas Julian tinha idéias diferentes. Ele pegou sua mão antes dela poder pará-lo e a puxou para ele. Mais e mais perto, até que eles se tocaram do peito até o joelho. Ele era alto, tão grande e forte, ele quase a tornava anã. Brandi se sentiu tão frágil quanto uma traça pega em sua chama, não mais capaz de negar a atração deste homem magnífico.

Ele esfregou suas grandes mãos acima e abaixo seus braços, deixando calafrios ao seu passo. Os peitos dela moviam com sua respiração ofegante, roçando delicadamente através de seu tórax, até que seus mamilos estavam agradavelmente duros e doloridos.

— Você não sabe o quão atraente você é para mim, — Julian disse, apertando seus lábios ligeiramente contra sua têmpora, sua respiração abanando mechas de seu cabelo. — Eu me acho pensando sobre você mais do que eu deveria. Você está interferindo em minha missão, minha vida. E ainda assim você não tem idéia de como realmente você é bonita.

— Eu não sou bonita, — ela protestou automaticamente.

Julian pôs um dedo embaixo de seu queixo e ergueu seu rosto até que seu olhar estava mais uma vez pego ao dele. — Você é. Mas sua beleza é muito mais do que apenas o seu lindo exterior. Você tem uma bela alma dentro de você, Brandi. Uma coisa rara e maravilhosa que só me faz querer mais você. Você tira meu fôlego, moça. — A cadência francesa em suas palavras era pesado e pronunciado.

Ela afastou o queixo e evitou seu olhar intenso. — Você não me quer, — ela disse, mas suas palavras eram trêmulas e ofegantes. — Pare de dizer tais coisas.

— Por quê? Elas não são nada além da verdade, algo que eu sei que você tem em alta estima. E eu estou sendo tão gentil quanto eu sei ser. Se eu dissesse a você tudo que estava em minha mente agora mesmo eu chocaria você até seus dedões do pé.

Brandi trouxe duro, nervosamente, e pôs suas mãos em seu tórax, maravilhando-se na dureza dos músculos que ela achou lá, quando ela tentou em vão o afastar.

Julian a puxou mais perto, até que seus corpos mais abaixo estiveram apertados juntos. Não havia como não entender que ele a queria. A prova estava pesada e dura contra sua barriga. Isso fez com que ela perdesse o fôlego que tinha, deixando-a tonta e seu sexo ficou úmido e pesado com necessidade. Antes dela poder conter o som revelador, ela gemeu roucamente e imediatamente enrubesceu sob seu quente olhar fixo.

— Você é casado? — Ela perguntou, desesperada para mudar o assunto. — Seguramente em todos os anos que você viveu, você foi casado pelo menos uma vez.

Julian conscientemente sorriu. — Eu não sou casado. Nunca estive, entretanto eu quase fiz uma vez, há muito tempo atrás. Mas, não era para ser. Eu nunca encontrei minha alma gêmea, se é isso que você quer saber. Você não vai sair dessa fácil minha querida. Não, eu sou definitivamente solteiro.

Brandi xingou baixinho. Ele era muito arrogante. Mas então, era mais excitante, essa dança com as palavras e carinhos pequenos. Julian era realmente um sujeito muito esperto. Ele conhecia este jogo muito bem e jogava como o sátiro que ele sem dúvida nenhuma era e tinha sido por centenas de anos. Brandi só podia imaginar como as mulheres de tempos antigos lidaram com um homem tão atrevido.

Ou talvez ele só fosse atrevido com ela. O pensamento fez seu coração triplicar sua batida.

— Eu quero você, — ele suspirou e curvou-se para beijar a concha de sua orelha, correndo sua língua ao longo do cume sensível de carne.

Ela tremeu. — Não diga essas coisas.

— Ah Brandi, minha destemida. Você enfrentou valentemente o perigo do monstro mais escuro, as más línguas, mas eu que te faço cautelosa. Muito desapontador. Mas também muito interessante, você não acha?

— Eu não tenho medo de você, — ela rebateu.

— Então do que você tem medo, hmm? Seus olhos e seu coração gritam sim, mas sua mente diz não para mim e eu quero saber por que. Eu assusto você ou é o pensamento de eu possuir seu corpo que assusta você muito?

— Cale-se, — ela gritou, finalmente conseguindo empurrar ele para longe. — Eu não tenho medo de você. Eu não tenho medo de nada, — ela praticamente gritou na escuridão.

— Então você não terá medo de procurar pelas pessoas de sua cidade até que nós achemos o diamante. — Um canto de sua boca ergueu-se em um sorriso convencido.

Oh, mas ele jogava bem, ela teve que admitir isto. Ela quase acreditou nele por um momento. Mas não, nenhum homem como este poderia realmente a querer. Não tão desesperadamente quanto ele disse que fazia, de qualquer maneira. Ela sabia disso muito bem, mas de nenhuma maneira diminuiu a decepção que ela sentiu. Ele meramente estava a guiando em direção a seu objetivo principal.

— Você me quer só para ir de porta em porta e perguntar pelo diamante?
— Ela perguntou, um pouco esvaziada.

— Eu quero que você mantenha seus olhos e orelhas atentos. Algo nos apontará eventualmente na direção certa.

Brandi suspirou e girou para entrar na casa. Julian pegou sua mão mais uma vez e a girou para enfrentá-lo. — Eu chateei você.

— Não, — ela protestou, mentindo. — Eu estou bem.

— Eu não queria aborrecer você, — ele suavemente disse. — Mas eu não consigo evitar. Quando eu estou ao seu redor todo pensamento racional deixa minha cabeça.

— Não comece com isso novamente. Você conseguiu que eu concordasse em ser sua espiã, não há necessidade de continuar a charada.

Os frios olhos azuis de Julian alargaram com algo que parecia quase choque. — Você não acredita em mim? Você acha que eu disse todas estas coisas para fazer você fazer o meu pedido? Não. Não, pequena. Eu quis dizer todas as palavras que eu disse aqui hoje à noite. Todas. E você não esqueça isto, nem por um segundo. — Dois de seus dedos acariciaram seu pulso. — Nós conversaremos sobre isso novamente, você e eu. Sem dúvidas.

Ele a soltou e Brandi voltou-se e fugiu para as trevas de sua casa, rezando para seu coração parar de bater selvagememente.

Era quase amanhecer quando ela conseguiu dormir e Julian esteve vigiando em sua varanda a noite toda. Estranhamente, não a fez sentir-se mais segura.

Capítulo Treze

Uma semana mais tarde...

Brandi empurrou espátula nas profundezas da terra e sentou-se sobre os calcanhares, limpando a sujeira das suas mãos sobre as coxas da calça jeans surrada. Ela nunca trabalhou com luvas, não no jardim de qualquer maneira. Ela gostava de sentir a sujeira entre seus dedos. Este era seu próprio jardim para cuidar, não era de mais ninguém, e ela estava contente com que via.

Ela tinha uma plantação saudável. Tomates, feijões verdes, quiabo e milho. Cenouras, rabanetes e cebolas Vidalia¹⁰, que não seriam nem a metade doce se fossem cultivada fora de Vidalia na Geórgia, mas Brandi gostava delas mesmo assim, completavam o último de suas colheitas. Cada um de sabor fresco cultivado sob o sol quente de Geórgia. Era garantido que no barro vermelho era difícil de crescer coisas, mas Brandi, afortunadamente, tinha uma polegada de verde e seus jardins sempre renderam legumes bastante frescos para ela e alguns de seus vizinhos pelos meses do inverno. Brandi sempre compartilhou seu cultivos, foi boa sorte a fazê-lo depois de tudo. E ela precisava de toda a boa sorte que ela pudesse conseguir.

Marduk estava atrás dela, sentando em uma cadeira no gramado com um livro de aparência antiga aberto em suas mãos. Levou algum tempo, mas Brandi se acostumou à presença de pelo menos um de seus vigias sempre ao seu lado. Não era como se ela tivesse uma escolha de qualquer maneira. Eles nunca a deixaram só, exceto para dormir e usar o banheiro, nem um segundo a mais.

Até agora não houve sinal da sexta chave e Brandi sabia que os homens estavam ficando impacientes por notícias, quaisquer notícias, isso poderia ajudá-los em sua busca. Brandi fez como Julian pediu, mantendo seus olhos e orelhas atentos para quaisquer pistas que poderiam levá-los a pedra, perguntando a algumas pessoas pertinentes, escutando as fofocas, mas até agora ela não soube de nada útil a eles.

¹⁰ A **cebola de Vidalia** é uma cebola doce de certas variedades, cultivadas em área de produção definido por lei em Geórgia e pela United States Code of Federal Regulations (CFR). As cebolas foram primeiramente cultivadas perto de Vidalia, Georgia, em 1930. É uma variedade de cebola unusualmente doce, devido à baixa quantidade de enxofre no solo em que as cebolas são cultivadas.

O único desenvolvimento, até onde Brandi estava ciente, era que Julian definiu um grupo de apartamentos como objetivo para procurar. Ele estava certo de que a jóia estava lá, mas existiam dúzias de residentes para questionar, investigar, e ele não fez muito progresso até agora. A reputação de Brandi teve um rápido desgaste por causa três homens, Marduk especialmente, desde que todo mundo agora pensava que eles eram amantes, graças a seu comportamento na cidade, e poucos habitantes da cidade confiava neles o suficiente para cooperar as perguntas peculiares de Julian.

Sem o conhecimento de seus três protetores, Brandi ainda se sentava toda noite no quarto do seu sobrinho, esperando o Bogle aparecer mais uma vez. Mas claro, foi sem sucesso. Seja qual for o selo que ela conseguiu colocar no portal para o submundo era forte e ela não tinha idéia de como atravessar. Foi muito desanimando.

Os dias se passaram de forma preguiçosa e sem eventualidade. Ela tinha se afeiçoado a Marduk, por ele ser um homem interessante e frequentemente encantador. Ramiel ela via muito pouco e estava certa de que era porque Julian o advertiu para ficar longe. De qualquer jeito ele era muito predador para o gosto dela, então a ponte entre eles era bem-vinda para ela. E quanto a Julian... Julian raramente falava com ela mais. Ele desaparecia da manhã até o crepúsculo e eles só realmente viam um ao outro no jantar, onde toda conversação era mantida educada e amigável.

Estava deixando-a louca.

Depois das palavras apaixonadas que eles trocaram, Julian fechou-se como um tambor. Ele não mencionou os eventos daquela noite na varanda, nem ela fez. Mas estava lá entre eles e todo momento que ela passava em sua presença parecia carregado com tal tensão sexual que quase roubava sua respiração. Eles dois estavam bem cientes, isso ela sabia, pois tinha visto o olhar ardente de desejo nos olhos de Julian mais de uma vez, mas nenhum dos dois ousou agir.

Ainda.

Brandi esteve esperando por uma brecha. Por Julian fazer outro avanço. Por ele dizer ou fazer algo um pouco escandaloso. Qualquer coisa para quebrar esta trégua estranha entre eles. E por alguma razão estranha que ela não podia entender, Brandi realmente queria que aquela trégua terminasse. Ela queria o intenso e perigoso homem que ela sabia que ardia sob a fachada dele. Ela o queria.

Ela não podia mais negar isto. Ainda que ela quisesse, o que ela não fez. Sempre que ela via Julian por um momento, seu coração saltava em sua garganta e suas palmas começavam a suar. Só pegando uma trilha leve de seu intoxicante odor fazia sua cabeça rodopiar e era tudo que ela podia fazer para não saltar sobre ele e exigir que a tomasse naquele mesmo lugar.

Mas ela não era tão corajosa, pelo menos não ainda. Entretanto quando tivesse o suficiente desta charada amigável, sem confrontos que eles estavam jogando, ela seria capaz de fazê-lo. Ela estava ficando desesperada com a situação. Era muito.

A noite estava quase chegando e ela ficou em pé com um estremecimento. Suas pernas estavam dormentes. Quanto tempo ela ficou lá, devaneando? Ela espanou suas mãos uma última vez e foi fazer o jantar para três, Ramiel, claro, não comia comida. De fato, até onde ela sabia, os Templários mantinham Ramiel bem provido de sangue doado. Ela estremeceu só de pensar sobre isto.

Marduk a seguiu para casa, longe dela o suficiente para que ela não precisasse conversar com ele se não quisesse. Marduk não era nada se não diplomaticamente educado, ela notou. Ele se sentou na frente da TV enquanto ela foi preparar a comida. Ela fez galinha frita, purê de batatas e serviu com milho doce de seu jardim. Logo a casa cheirava densamente a comida, e ela disse que Marduk fosse buscar Julian onde quer que ele estivesse, assim todos eles podiam comer.

Enquanto Marduk deixou a casa, Brandi tomou a oportunidade para ir para seu quarto e verificar seu equipamento auditivo e visual. Ela teve certeza de que tudo estava trabalhando corretamente e eficazmente. Ela abriu o armário e entrou, empurrando as paredes, somente para ter certeza de que tudo estava como deveria estar, e suspirou fracamente. Ela perguntou-se se este pesadelo acabaria e soube que não iria, não até que ela achasse um caminho para destruir o Bogle.

E talvez, só talvez, se ela fosse sortuda, ela acharia um jeito para salvar as crianças. Se elas ainda vivessem. Brandi mordeu seu lábio até que sangrou e deixou seu quarto escuro tão rapidamente quanto suas pernas a podiam levar.

Marduk voltou com Julian a reboque e todos eles sentaram na mesa de jantar de Brandi para comer. A conversa era dispersa no melhor dos casos, mas Brandi não se importava. Ela sabia que era porque os dois homens em sua mesa apreciavam muito sua comida. Eles dificilmente podiam dizer uma palavra entre mordidas e logo tudo na mesa foi consumido. Aqueceu seu coração saber que eles gostavam da comida dela e a fez se sentir bem por alimentá-los. Eles eram, afinal, seus convidados e ela não era nada além de uma menina rural no coração, e era seu desejo mais feliz entreter homens famintos com grandes apetites com seus esforços culinários.

Era quase fácil para ela imaginar que estes dois homens estavam aqui sob circunstâncias diferentes. Que eles eram amigos simplesmente visitando, como ela tinha dito a toda cidade, que sem dúvida não acreditaram em uma palavra que ela disse até agora. Mas eles não eram amigos, entretanto ela estava começando a gostar de ambos como tal, e eles não estavam só de visita.

— Você descobriu algo novo hoje, Julian? — Ela perguntou, abordando o assunto com paciência. Sua curiosidade sempre levou a vantagem.

Julian suspirou e pôs seu guardanapo na mesa, dando um último gole do leite em seu copo. — Nada importante, — ele disse e terminou sua bebida.

— Você ainda acha que alguém dos Apartamentos Edge Water está envolvido? — Ela perguntou.

Julian assentiu. — Eu já comecei a fazer perguntas, mas não eu estou chegando a algum lugar. Parece que sua reputação já afetou a minha aqui e a maior parte das pessoas em MT. Airy desconfia de mim a princípio, eu acho. Vai levar algum tempo, mas eu acredito, eventualmente, que verei ou ouvirei algo que me levará para a pessoa em posse da jóia. Da qual eu tenho uma pequena dúvida.

— Quanto mais tempo nós procuramos, mais do mal entra no mundo, — Marduk assinalou, falando com a boca cheia de um bocado de batatas.

— Eu sei. — Julian correu frustradamente uma mão por seu cabelo. — Eu sei. Mas eu estou me movendo tão rápido quanto eu posso. Esta cidade mantém seus segredos, que você sabe simplesmente notando quanto tempo eles esperaram para alertar o FBI sobre os desaparecimentos, e não é fácil descobrir quaisquer informações úteis. As pessoas aqui mantêm para eles mesmos, e eles não gostam de um estranho intrometendo-se em seus negócios.

— Talvez eu devesse ir fazer algumas perguntas. Eu sou mais provável de conseguir uma resposta direta do que você, de qualquer maneira, — Brandi assinalou.

Julian pareceu pensar em suas palavras por um longo momento. Então ele assentiu. — Talvez você esteja certa. Certamente não poderia machucar.

Brandi levantou e foi buscar mais leite para encher o copo de Julian. Ela reabasteceu a jarra de chá de Marduk que já estava na mesa. Ela era uma boa anfitriã; Pelo menos ela tinha que orgulhar-se disso. — Eu posso começar amanhã se você quiser.

— Eu irei com você, — Julian disse com firmeza.

Brandi fez uma careta. — Não poderia ser uma boa idéia. Se as pessoas com quem eu conversar virem você, eles poderiam acabar sendo um pouco mais relutantes do que se eu fosse só.

— Eu não deixarei você só, — ele firmemente disse.

Brandi pôs uma mão em seu quadril e encarou-o rígida. — Querido, eu estive por mim mesma por muito tempo e não aconteceu nada para mim ainda. Acalme-se. Eu vou ficar bem sem você.

— Não.

Ela bufou. — Faça o que quiser então. Mas não fique surpreso se nós não chegarmos a lugar algum. — Com essa afirmação, Brandi empilhou os pratos agora vazios, ignorando a tentativa de Julian para ajudar, levou para a pia da cozinha. Ela gastou os próximos vinte minutos limpando a bagunça gordurosa que sobrou da galinha e carregando a lavadora com seus muitos pratos sujos.

Já estava escuro quando Brandi acabou e Marduk sem nenhuma dúvida foi juntar-se a Ramiel na sua expedição noturna em torno da cidade. Brandi não sabia o que eles esperavam achar vagando na noite em segredo, mas ela estava agradecida de que pelo menos ela não seria forçada a entreter eles. Ela não se sentia muito bem para entretê-los o hoje à noite.

Julian estava sentando em sua varanda, o último de seu copo de leite embalado suavemente em sua mão grande. Ela saiu e juntou-se a ele, desfrutando da brisa fresca que soprava cachos de cabelo sobre seu rosto, secando o suor de sua sobrancelha. — O que você está fazendo hoje à noite? — Ela perguntou.

— Esperando você, na verdade.

Brandi viu o flash de seus dentes muito brancos. — Realmente? Para que?

— Você sabe para que, bebê.

Seu coração saltou uma batida. — Você não é sutil mesmo, não é, Julian?

— A sutileza desperdiça tempo.

Apesar de seu nervosismo em ascensão ela riu. Era gostava muito de Julian para pensar sobre tal coisa masculina e arrogante para dizer.

— Venha aqui, — ele disse, a voz rouca e convidativa.

Brandi andou até que ela estava de pé ao lado dele. — É isso que você queria?

Julian moveu-se tão rápido que ela não viu ele vindo. Ele agarrou sua mão, a empurrou para estar na frente dele então girou e a ergueu, sentando-a sobre seu colo. — Assim é muito melhor, — ele disse, lambendo a concha de sua orelha delicadamente, puxando seus quadris para trás assim eles eram embalados pelos dele.

O peso muito real de sua estimulação apertou contra sua bunda como uma marca e ela teve que lutar contra o desejo de ondular contra ele como uma devassa. — O que você está fazendo? — Ela gritou, muito para seu embaraço com sua pulsação dobrada.

— Isso, — ele disse e pôs ambos seus braços ao redor dela. Ele segurou um peito em cada mão e amassou a carne tenra suavemente. — E isso, — ele disse, deixando uma mão vagar abaixo até que apertou calorosamente em forma de xícara contra seu sexo.

Brandi mordeu de volta um gemido quando suas mãos inteligentes a amassaram em uma dor feroz e súbita. — Julian. — Sua voz era um sussurro esganiçado na escuridão crescente.

— Brandi, — ele retornou, seu hálito fazendo cócegas em seu ouvido. — Você está tremendo. Você está com frio?

Ela não estava fria e ela sabia bem pelo tom muito satisfeito de Julian que ele sabia disso também. — Pare de brincar, — ela disse roucamente.

— Eu não percebi que eu estava brincando, — ele lindamente mentiu. — Eu sinto muito. Você prefere que eu faça isto? — Sua mão deslizou por baixo sua camisa e puxou o sutiã dela até seu peito caiu livre na palma da mão. — Ou isto? — Sua outra mão abriu sua calça jeans e mergulhou em suas calcinhas, e seu sexo nu foi pressionado firmemente contra os dedos.

— Julian, pare... — Ela lutou sem entusiasmo em seu abraço. — Os outros poderiam voltar e ver...

— Relaxe, moça. — Ele a segurou mais apertado contra ele. — Eles não voltarão hoje à noite, — ele densamente disse, apertando um beijo quente na curva de sua garganta e ombro.

Sua mão apalpou seu peito e seus dedos brincaram com seu mamilo duro. O índice e dedo mediano de sua outra mão cavaram nos lábios lisos de sua vagina, buscando e achando o botão duro de seu inchado clitóris. Ele apertou contra ela, roçando seu clitóris até que ela viu estrelas atrás de suas pálpebras fechadas.

— Sua vagina é tão lisa. Tão suave. — Ele estremeceu contra suas costas e seu pênis apertou mais contra suas nádegas.

— Eu depilei com cera, — ela disse sem fôlego.

— Eu nunca soube disso até agora, doce, mas eu sou um homem que ama uma vagina lisinha. Ou talvez seja só que você me escraviza muito. — Seus dedos ficaram mais corajosos, correram nas dobras molhadas de sua carne até que eles empurraram no fundo de seu canal dolorido. — Entretanto eu queria muito ver a cor de seu cabelo aqui. — Brandi tentou e falhou em conter um gemido áspero e ela instintivamente abriu suas pernas mais largas, empurrando seus quadris adiante.

Tudo estava silencioso exceto o som de sua respiração rota. . Mesmo os insetos e as criaturas da floresta se calaram.. Os quadris do Brandi começaram um ritmo lento e intenso enquanto os dedos apunhalavam dentro e fora de seu

corpo trêmulo. Julian moveu suas costas contra ele de tal modo que todo movimento que seu corpo fazia também apertava contra seu espesso e pulsante pênis, e logo ambos estavam gemendo suavemente com cada subida e caída de seus corpos um contra o outro.

O corpo inteiro de Brandi pulsava com cada batida pesada de seu coração. Sua cabeça caiu molemente contra o largo ombro de Julian, e os poderosos lábios dele arrastaram abaixo a linha exposta de sua garganta. Ele puxou um pouco de sua pele em sua boca e chupou, deixando uma marca de amor com seus esforços, que Brandi sabia que teria que disfarçar por dias. O cheiro de orvalho da noite, misturado com o odor sem igual de Julian, a intoxicou até que sua cabeça cambaleou tonta. Todo o seu ser sentia consumido, encantado com a magia que era apenas de Julian. O desejo elétrico dançava ao longo de suas extremidades e criava um zumbido gentil que a fez cambalear bêbada para trás contra ele.

— Julian, — ela ofegou elevando seu corpo em direção ao indescritível e desejoso cume.

— Shh. Deixe acontecer, moça, — ele sussurrou perversamente em sua orelha, O acento francês espesso enquanto seus dedos deslizavam de um lado para outro no canal molhado de sua dolorida vagina. — Não lute. Não lute contra mim.

Ela sentiu como uma estranha em sua própria pele. Seu corpo cantou como nunca cantou antes. Ninguém, ninguém em sua vida inteira, a fez sentir do modo como Julian fazia. Em seus braços, ela se sentiu incandescente com tais emoções estranhas que sentiu como se seu coração pudesse estourar antes dela poder conseguir se controlar. Mas controle era algo que ela nunca teve quando estava com Julian. Ela percebeu isto enquanto ela se rendia completamente para a magia de seu toque hábil.

Montando sua mão, ondulando contra sua estimulação, Brandi se sentiu imbuída de uma poderosa magia que não tinha nada e tudo a ver com o auge de seu corpo alcançando muito desesperadamente. Ela percebeu que tinha seus olhos apertados firmemente fechados e ela abriu com um ofego.

Luz.

Luz infinita.

Seus corpos estavam banhados em uma luz dourada brilhante que chegou em um círculo ao seu redor, colocando-os sob os raios de protecção da magia templária de Julian. Brandi ofegou e instintivamente endureceu contra Julian. Mas os dedos rolando seu mamilo a fez ofegar muito mais duro.

— Julian, — ela arquejou. — O que está acontecendo?

— Você faz-me perder controle, — ele disse com voz rouca contra a pele de sua garganta. — Não se preocupe sobre isto. Minha mágica nunca poderia machucar você. *Eu* nunca poderia machucar você.

Brandi não estava preocupada sobre ser machucada. Pelo menos não pelo brilho morno de sua magia protetora. Mas parecia tão estranho estar com este homem, que era centenas de anos mais velho que ela, e tão poderoso que ele guardasse os segredos do universo dentro da palma de sua mão. Brandi nunca acreditou em mágica. Nem mesmo o Bogle balançou aquela convicção. Mas Julian, sem nem tentar, estava a mostrando um mundo de magia que ela não tinha defesa alguma.

Seus braços a aproximaram mais e seus dedos diabólicos uma vez mais acharam seu clitóris, de forma que dentro de segundos ela estava mais uma vez precariamente balançando na beira do abismo de êxtase total. Brandi gemeu e deixou seu corpo tomar sua jornada, resistindo contra a mão entre suas pernas, roçadura sua bunda devassamente contra seu pênis.

Julian ecoou seu gemido e estremeceu em suas costas um segundo antes de mandá-la subindo rapidamente em seu próprio clímax. Eles tremeram fracamente um contra o outro, montando as ondas da paixão. O corpo do Brandi parecia sem ossos e uma vez que ela pôde recuperar o fôlego, ela desmoronou de volta contra o tórax de Julian. A luz que consumia ambos estava enfraquecendo e só a noite foi deixada para trás.

Um terror primitivo a consumiu quando seu corpo flutuava de volta para a Terra.

Ela estava perdendo seu coração para este homem.

E não havia nada que ela pudesse fazer para parar isto.

Brandi tirou as mãos dele de seu corpo e levantou-se. Ela balançou embriagadamente por um momento quando os últimos calafrios de êxtase montaram por ela. Ela agitou sua cabeça para limpá-la e afastou-se de Julian, caminhando de volta para a porta que a levaria para o casulo escuro de sua casa. — Não faça isto novamente, — ela disse ofegante.

Os frios olhos azuis de Julian brilharam na escuridão. — Ambos sabemos que eu não posso fazer essa promessa. E ambos sabemos que você realmente não quer que faça.

Seu coração bateu duramente e ela agitou sua cabeça, negando o que ela já sabia que era totalmente verdade. Que ela tinha caído, e caído duro. — Só afaste-se de mim, Julian. — Ela voltou os últimos poucos passos para a porta.

Julian levantou da cadeira. Havia uma mancha de coloração escura e úmida da frente da calça e Brandi não conseguia arrancar os olhos longe da visão. — Você achou prazer em meus braços, — ele disse em tom acusador.

— Eu fiz, — ela sussurrou, incapaz de mentir para ele ou ela. — Mas eu não quero fazer isto novamente. Você é muito... demais para eu lidar agora mesmo, Julian.

Os olhos de Julian nunca deixaram os dela, parecendo olhar no fundo de sua alma. Para escapar dele e de seus próprios desejos traiçoeiros, ela voltou-se e fugiu para a casa, sem uma vez olhar para trás e ver se ele a seguia.

Ele não fez.

Capítulo Quatorze

Déjà vu.

Brandi despertou com o som de batidas em sua porta da frente. Ela olhou em torno da sala de estar e não viu nenhum sinal de seus três convidados. Ela levantou-se e foi responder seu precoce visitante matutino, que ela sabia que era cedo ainda porque ela apenas fechara seus olhos para ir dormir antes de ser tão rudemente acordada.

Ela abriu a porta e deu de cara com dois cavalheiros vestidos de negro.

— Eu posso ajudar vocês? — Ela empurrou sonolentemente seu cabelo fora de seu rosto.

— Senhorita Carroll?

— Sim, sou eu. — ela disse e fungou. — Eu ganhei o desenho Publishers Clearing House¹¹ ou algo assim?

— Não, Senhorita Carroll, nós estamos aqui para fazer algumas perguntas.

— Quem são vocês? — Ela suspeitosamente perguntou, seriamente.

Um dos homens colocou a mão no bolso do peito de sua jaqueta esporte e tirou sua identificação. — Eu sou o Agente Thread e este é o Agente Perez. Nós somos do FBI. Eu fui informado de que você tem uma teoria sobre quem está atrás de todos os desaparecimentos aqui em MT. Airy. Eu gostaria de ouvir o que você tem a dizer.

¹¹ Publishers Clearing House é uma empresa de marketing com canal direto que oferece desconto, assinaturas de revistas e mercadorias para os consumidores domésticos com a chance de entrar para ganhar um dos muitos concursos em andamento.

Brandi apenas mordeu de volta um gemido de pura frustração. — Certo. Entre, — ela disse, retrocedendo e permitindo a eles entrarem. Ela perguntou-se onde Julian estava já que ele não entrou ontem à noite. Ela sentiu falta de vê-lo esta manhã.

Ela empurrou os pensamentos sobre Julian e sua última reunião de sua mente. Ela necessitaria toda sua inteligência se ela fosse tentar explicar a verdade para estes agentes. E ela iria tentar, mesmo sabendo que não havia como estes dois homens acreditarem uma palavra de sua história.

Ela acenou para seus convidados sentarem-se na sala de estar e os seguiu. — Eu suponho que você já ouviu minha versão dos acontecimentos do Xerife Adams?

— Nós fizemos, mas eu não estou certo de que eu entendo todos os detalhes, — O agente Thread disse. — O xerife disse que você tem provas gravadas em vídeo do que você diz que acontece. Nós podemos dar uma olhada nelas?

Brandi bufou. — Esse foi um modo muito diplomático de pôr isto. Você não quer dizer que o xerife pensa que eu sou uma louca disposta a extorquir algo das famílias das vítimas?

— Eu não quis pôr isto em tal modo, mas sim, você está certa, foi exatamente o que ele nos disse. Você pode nos dizer algo diferente?

Brandi tomou uma respiração profunda e calmante. — Tudo que eu posso dizer a você é a verdade. Meu sobrinho foi o primeiro a ser tomado. Eu o vi sendo arrastado por esta grande figura obscura que veio do buraco negro que costumava ser o armário de Nick. — Ela tragou e contou a história que ela disse tantas vezes antes. — Eu não sabia o que era, mas eu senti um medo tão primitivo só de ver isto. O que eu vi tomar meu sobrinho de seu quarto não era nada deste mundo, e eu soube isto imediatamente. Eu imediatamente pensei sobre o bicho-papão. — Ela suspirou. — Bem, a porta de armário fechou antes de eu poder agarrar Nick, e quando eu abri a porta novamente não existia nada no armário, nenhum modo para seguir o espectro e salvar meu sobrinho. Mas a próxima noite, depois que os policiais partiram e tudo se acalmou para uma calma, eu me sentei e esperei na frente de armário do Nick. Eu não soube se seria bem sucedida. Mas eu queria tentar.

— A coisa veio por ali? — O agente Perez perguntou.

— Sim. A sombra voltou e eu o mandei de volta com a luz. Mais que qualquer coisa, parecia odiar a luz.

— E você registrou a prova desta interação com o...uh, — O agente Thread pigarreou, — bicho-papão?

Brandi assentiu e foi para quarto do seu sobrinho para pegar alguns DVDs e fitas de vídeo para os agentes. Ela os deu, assistindo cuidadosamente a

resposta dos agentes. Ela sabia que eles não acreditaram em sua história, mas ela também sabia que eles estavam muito interessados em sua prova. Talvez eles a escutassem, onde a polícia local não iria.

Os dois homens levantaram de suas cadeiras. — Nós estaremos indo no momento, mas, por favor, Senhorita Carroll, tente ficar na cidade pelos próximos dias.

Brandi assentiu, não esperando menos deles. — Eu estou dizendo a verdade, sabe, — ela se sentiu compelida a dizer uma última vez.

— Nós falaremos novamente. — O agente Thread apertou sua mão antes de ele e seu parceiro partirem.

Brandi assistiu como eles foram embora e desejou pela a milionésima vez que ela nunca tivesse colocado os olhos no maldito bogle.



Julian se sentou no capô de seu carro esporte e olhou para o céu da manhã brilhante. Ele dirigiu a maior parte da noite, rondando as quietas ruas de Mt. Airy até que ele conheceu o caminho ao redor da cidade como a palma de sua mão. E mesmo todas essas horas que ele gastou na estrada, ele não podia impedir seus pensamentos de desviarem-se para Brandi. Ultimamente seus pensamentos centraram somente na mulher, e agora, depois de ontem à noite, ele se sentiu completamente obcecado com ela.

Ele podia cheirá-la. Em suas roupas, em suas mãos e dedos. Ele não a beijou ontem à noite. Ele perguntou-se se tivesse sido capaz de impedir-se de possuí-la completamente se ele cedesse ao desejo de tomar sua boca. Provavelmente não.

Agora ele estava sentado, estacionado no meio de um grande pasto circular, longe de olhares indiscretos, juntando seus pensamentos da melhor maneira possível. Não foi fácil levar o carro até aqui, e ele sabia que seria necessário um milagre para tirá-lo, mas agora ele não se importava. Não poderia se importar. Ele tinha muito mais em sua mente.

Quando esta busca virou de procurar as sete chaves para seduzir a sétima chave na carne? Ele não sabia. Mas de alguma maneira, de algum jeito, ele perdeu de vista o quadro maior e enfocou-se somente em Brandi ao invés. Ele precisava conseguir tirá-la de sua mente. Precisava voltar para a meta principal e achar a sexta chave assim que possível.

Mas como exorcizar Brandi de seus pensamentos, mesmo que por um momento?

Seu corpo era tenso, dissolvido. Ele tinha estado em um estado de excitação, desde o quase gozo em sua calça jeans na noite anterior. Ele limpou

a bagunça de sua debilidade, mas não ajudou acalmar sua excessiva libido nem um pouco. De fato, a visão de sua semente em sua roupa só o fez querer gastar o resto de sua essência dentro do pequeno quente corpo de Brandi.

Uma brisa fresca brincou com seu cabelo e ele assistiu um rebanho de gansos voando. Uma coisa era certa, a paisagem que esta cidade oferecia era espetacular. Julian fechou seus olhos por uns passageiros segundos e foi assaltado com a visão dos olhos cinzentos de Brandi afogados em paixão. Seus olhos abriram-se e ele rosnou uma maldição no silencioso ambiente.

Só havia uma maneira de livrar-se deste urso em suas costas.

Ele abriu a calça jeans e liberou seu espesso pênis, pesada para a carícia de sua mão e o ar fresco da manhã. Ele fechou seus olhos e deixou ir, deixou sua mente pintar um retrato vívido de Brandi presa na agonia de paixão, como ela tinha estado ontem à noite em seus braços. Sua bonita pele cremosa pareceu arder, mesmo sem sua perda de controle de sua própria magia vívida. Ela esteve magnífica.

Com um gemido, ele segurou seu pênis e começou um golpe fixo, rítmico que ele logo soube que ajudaria a dispersar um pouco de sua agressão e paixão retida. Ele imaginou Brandi sobre ele, as pernas espalhadas, montando ele com doçura, um sorriso suave em seu rosto e ele gemeu novamente. Ela tremeria como fez ontem à noite, escrava de seu domínio sensual? Seus gemidos seriam suaves e abafados ou altos e triunfantes?

Ele jurou que de uma forma ou de outra ele descobriria. Logo. Senão ele corria o risco muito real de perder sua mente.



Brandi foi capinar canteiro sua frente quando ouviu o carro parar em sua garagem. Ela olhou para cima, esperando ver Julian ou um dos outros homens. Mas foi um carro de polícia que estacionou a poucos metros dela.

— Policial Little, — ela o saudou cautelosamente quando ele saiu do carro. — O que traz você aqui, como se eu não pudesse adivinhar?

— Por favor me chame Brian, Brandi. Eu vim para perguntar como sua reunião com o FBI foi esta manhã. — O policial corou sob seu intenso olhar e Brandi desviou a vista culpada. Ela sabia que o policial tinha boas intenções, mas ela não tinha sido capaz de deixar de encará-lo de qualquer maneira. Ela não queria mais visitantes hoje.

— Bem, eles não acreditaram que uma palavra do que eu disse, como se você não pudesse ter descoberto isso por conta própria. — Ela curvou-se e recomeçou a capinar.

Brian ficou ao lado dela. Ela olhou para cima e viu brilhar seus sapatos pretos e rolou seus olhos.

— Eu assisti às fitas que você deu a eles.

— Bom para você, — ela grunhiu e arrancou em uma erva daninha particularmente teimosa.

— Eu quis que você soubesse que eu...que eu acredito em você, — ele disse hesitante.

Brandi acalmou-se e olhou para ele elevado acima dela na luz solar da tarde. — Se você diz.

— É verdade. Eu não tinha nenhuma idéia, Brandi, eu juro para você. Eu realmente pensei que você estava mentindo. Mas não há modo de que você pudesse ter falsificado aquelas fitas. Nenhum modo pelo que eu posso ver, de qualquer maneira. Eu apenas quis dizer a você isto.

Brandi não podia achar palavras para expressar seu alívio de que finalmente, alguém em sua pequena cidade acreditou nela.

Ela levantou-se e balançou em seus pés, o sangue apressando para sua cabeça. Brian estendeu a mão e a segurou. Suas mãos demoraram em seus ombros e ela fez força para não recuar para longe. — Obrigado. Por acreditar em mim, — ela respondeu finalmente. — Realmente significa muito.

— O que você planeja fazer agora? — Ele perguntou não sem uma pequena quantia de curiosidade.

— Eu não sei, — ela honestamente disse. — Nós só teremos que esperar e ver.

— O FBI vai naturalmente girar para você como uma suspeita, — ele assinalou.

Brandi suspirou. — Eu sei. Não há nada que eu possa fazer sobre isto.

— Eles não foram severos com você esta manhã, foram?

— Não, não por isso, — ela disse com uma carranca.

— Bom. Eu não gosto deles bisbilhotando ao redor de nossa cidade. — Ele fez uma careta.

— Você só esteve nessa cidade pelos últimos três anos, — ela riu.

Brian sorriu timidamente. — Sim, bem, é fácil adotar este lugar como meu próprio. E eu como é calmo por aqui, não é?

— O silêncio é tudo que eu gosto mais daqui, — ela riu. — Mas eu estarei contente quando o FBI partir. Se eles forem. Eles não vão achar o sequestrador de mentira. O que mais eles podem fazer aqui?

— Demais, se você me perguntar, — Brian bufou. — Mas não se preocupe, eu não deixarei eles prenderem você. Não quando eu sei que você é inocente.

— Obrigado Brian, mas eu não acho que haja muito que você possa fazer.

— Bem, se você precisar de qualquer ajuda, só me avise. Eu quero ver toda essa bagunça acabada, quanto mais rápido melhor.

— Você e eu, — ela riu.

Brian inclinou e beijou-a na bochecha. Brandi tentou não tremer com seu avanço indesejado e engoliu em seco para manter a reação negativa para si mesma.

Algo importunava atrás de sua mente. Em seguida foi embora. Oh bem, viria para ela eventualmente.

Ela afastou-se do policial e encolheu os ombros para afastar a sensação de seus dedos ainda em seus ombros. — Obrigado por vir, — ela disse em um esforço para vê-lo a caminho.

Brian a soltou e voltou para seu carro de patrulha. — Lembre, dê-me um telefonema se você precisar de qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo, certo? Nós estamos juntos nisso agora.

Brandi bufou para ela mesma, assentiu e acenou quando ele entrou o carro e afastou-se. Quando ele estava longe da vista, ela esfregou a sensação de seu beijo de sua bochecha com uma mão encardida, ela preferia muito mais a sujeira ao sentimento morno que seus lábios deixaram para trás.

Ela olhou fixamente à distância por um longo momento, pensando. Depois de vários minutos ela decidiu entrar e fazer alguns telefonemas importantes.

Capítulo Quinze

Aquela noite, os homens reuniram-se em sua sala de estar, tentando resolver o quebra-cabeça do diamante perdido. Deixando-os decidirem sozinhos, Brandi continuou retornando ao quarto de seu sobrinho, obcecada com o Bogle de anos antes. Ela os ouviu discutindo e sabia que eles não achariam a jóia, não a menos que eles fossem realmente sortudos. Eles

sabiam o lugar certo para olhar, mas não tinham nenhuma idéia de quem poderia tê-lo.

Ela sabia. E estava na hora de pôr aquele conhecimento em teste.

Se ela pudesse chamar o Bogle pelo portal, ela tinha certeza de que ela podia chamar o esquivo possuidor do diamante. Ela conferiu todo seu equipamento de gravação, mesmo sabendo que os mecanismos provavelmente não registrariam muito, se registrasse alguma coisa, nos próximos momentos. Era, até agora, um hábito para ela fazer isso.

Debruçada ao pé de sua cama, segurando seu taco de beisebol de alumínio, ela olhou para a porta fechada do armário e tentou limpar sua mente. Ela não estava certa de como fazer isto, mas algo dentro dela lhe disse que ela não tinha necessidade de entendê-la conscientemente. Instintivamente ela veria esta coisa feita, de uma forma ou de outra, ela tinha certeza disto.

Com um suspiro profundo, sincero, ela enfocou somente na porta do armário. Ela imaginou que seus pensamentos eram uma espada, fatiando a distância além do reino físico. Imaginou que o vazio se abriu para ela, deixando ela cavar no fundo de seus muitos segredos antigos. O desespero negro a encheu e ela soube instintivamente que ela tocou o vazio afinal. Ela se concentrou mais, estreitando os olhos, sobrancelhas enrugadas. Algo pesado pareceu apertar contra seus pulmões, cortando seu ar. Ela ofegou para respirar, mas foi cuidadosa para não perder seu enfoque.

— Vamos. Eu sei que você está lá fora em algum lugar.

Dessa vez ela não queria o Bogle. Ela queria o homem que possuía a pedra aparecesse. Ele fez isto uma vez antes, enquanto ela esperava pelo espírito, e ela sabia que ele podia fazer isto novamente.

— Por favor. Venha para mim, — ela sussurrou e pareceu que suas palavras aceleraram no mundo externo antes de ecoar assustadoramente de volta para suas orelhas. — *Vamos.* — Ela deu um empurrão forte mental, usando toda sua força para focar com intensidade ardente a porta do armário.

Um frio chocante encheu o quarto. Brandi podia ver a névoa de sua respiração saindo de seus lábios e tremeu delicadamente, calafrios formigamento por suas extremidades. O cheiro de mofo, velho e estagnado, encheu suas narinas. E uma brisa estranha, silenciosa tocou seu cabelo.

A maçaneta girou, oh, muito ligeiramente, e Brandi soube que ela o tinha. Ela levantou-se rapidamente, estendendo suas pernas para se afiançar, levantando o bastão acima do ombro. Ela tomou várias respirações estabilizadoras, sentindo a adrenalina correr em sua circulação sanguínea. Era ele. Ela sabia disso em seus ossos.

A porta de armário explodiu, voando contra a parede com um estrondo. O vazio, um nada preto, a encarava maldosamente. Um vento a sugou, puxando-

a inexoravelmente para mais perto do armário. Ela tentou e falhou em lutar contra o desejo de dar alguns passos mais adiante. A negridão era absoluta. Outro mundo estava aberto ante ela. Segundos mais tarde, ela viu uma figura vir rapidamente em direção a ela e apressou-se para encontrá-lo.

O homem em preto caiu no quarto. Hesitando menos que uma batida do coração, Brandi levantou o bastão e atacou as partes de trás de seus joelhos. Ele desmoronou sobre o chão com um rugido de dor e indignação. Ela balançou o bastão novamente, com um poderoso esforço, e atingiu a traseira de sua cabeça com um barulho chocante alto. Ele afundou em um montão, não se mexia.

Brandi sorriu e curvou-se selvagememente sobre seu adversário caído. Ela se abaixou e tirou a máscara preta que o homem usava. Ela já tinha suspeitas do que ela veria. Suas suspeitas foram corretas.

— Bastardo escorregadio, — ela disse. Ela ficou de joelhos, o virou sobre suas costas e viu o brilho intenso do diamante em uma grossa corda de seda preta ao redor de seu pescoço. Sua beleza a cegou por um perigoso momento e ela teve que desviar o olhar a fim de reunir mais coragem.

Ela se abaixou para tomar a pedra dele.

— Pare! — A porta do quarto colidiu para dentro, lascando. Sem ver, ela sabia que era Julian. Ele parecia ter uma vingança contra todas as portas.

— É o policial Little, — ela disse, as endorfinas diminuindo, fazendo-a sentir-se tonta e triunfante.

— Eu sei. Nós estávamos em seu apartamento procurando por ele.

— Eu o chamei, — ela disse sem fôlego.

— Você não deveria ter feito isto, — ele rosnou. — Você poderia ter sido morta! — Suas últimas palavras elevaram-se em um rugido.

Brandi bufou. — Eu tinha que fazer *algo*. Ficar sentada conversando não estava ajudando em nada.

— Você procura o perigo como o cortejo de um amante, — ele disse a ela. — Você nem sabe o significado da palavra precaução, mulher?

— Não converse comigo como se eu fosse uma criança, — ela rosnou, o triunfo virando ira.

— Quando você age como uma? Como eu não posso?

Brandi assobiou e levantou-se. — Foda-se.

— Eu estou muito furioso agora mesmo, — ele estalou de volta.

Sem seu consentimento uma bolha de riso quebrou livre de sua garganta. Soou histérico até para suas orelhas. — Por que você está tão abalado? Nada de ruim aconteceu. — Ela curvou-se e estendeu a mão novamente para a o diamante da Esperança.

Julian a interceptou, erguendo-a do chão e a deixando mais longe da forma inerte de Brian. — Não toque a pedra, — ele a advertiu.

— Por que não? — Ela fez uma careta.

— Você não sabe nada sobre o diamante da Esperança? É amaldiçoado. Você não deve tocar isto com sua pele nua.

Brandi tremeu. — Realmente é amaldiçoado? Eu pensei que era só uma lenda.

— acredite nisto. As maldições são reais, e a colocada nesta pedra é muito poderosa e mortal.

Os olhos de Brandi se alargaram e ela encarou na pedra, dessa vez cautelosamente. — Eu não sabia, — ela disse de forma irregular.

— Agradeça destino que eu cheguei aqui a tempo de manter você longe disto, — ele disse.

Ele girou em direção à porta. Ramiel e Marduk entraram no quarto e, usando um pano para tocar a pedra, Ramiel removeu do pescoço de Brian.

— Você estava certo, Julian. Eu não pensei que ele estaria aqui, mas você estava certo. Como você soube? — Marduk curiosamente perguntou.

Julian agitou sua cabeça. — Eu acabei de saber. Deixei isto para nossa Brandi achar um jeito de revelar o ladrão.

Os dois homens olharam para Brandi. Marduk deu um típico sorriso dele e Ramiel meramente a olhou com seus frios olhos pretos. — Muito bem, Brandi, — Marduk disse afinal, segurando a pedra longe de seu corpo como se fosse um animal morto.

Ramiel arrastou a forma inerte do policial do quarto. Marduk girou e partiu com ele, fechando a porta atrás dele, deixando Brandi só uma vez mais com Julian. Ela girou para o armário, esperando talvez ver o vazio ainda lá, mas não havia nada, apenas a parte de trás do armário a encarava. — O caminho fechou atrás dele, — ela disse, desapontada.

— Você esperava o contrário? — Julian perguntou.

— Bem, sim, algo assim.

— O que importa agora? Nós temos as sete chaves. Nós podemos finalmente pôr fim nessa situação perigosa. O mundo estará seguro, nós veremos isso.

Brandi suspirou. — O policial está vivo? — Ela realmente não se importava e isso a assustou bastante.

— Ele sobreviverá, mas ele terá uma enxaqueca infernal quando acordar. — Julian girou para ela, uma paixão perigosa queimando em seus olhos. — Eu pensei que eu disse a você para nunca tentar chamar o Bogle novamente?

— Eu não estava chamando o Bogle. Não exatamente. Eu estava chamando o policial Brian Little.

Julian fez uma careta. — Como você podia ter sabido especificamente que era para chamá-lo?

— Bem, ele veio para aqui de D.C., e eu fiz alguns telefonemas para as fofoqueiras na cidade e eu descobri que ele era um guarda costas para um museu antes de vir aqui. Então eu chamei o Smithsonian, que era o museu onde ele era empregado. Eu soube que era muita coincidência. Ele era provavelmente a pessoa que tomou o diamante, — ela disse a ele rapidamente. — Você sabe que... — Ela procurou por suas próximas palavras. — Eu pergunto-me por que a maldição não funcionou nele?

— Ele é descendente dos Templários. Ele tem que ter tido algum conhecimento mágico para fazer suas viagens pelo vazio. Se ele tivesse este conhecimento, ele seguramente deve ter conhecimento da maldição. Sem dúvida ele teve grande cuidado de não deixar o diamante tocar em sua pele.

— Deus. — Ela agitou sua cabeça, impressionada do quão perto ela esteve de ser pega na maldição mortal da pedra. — Então o que nós fazemos agora?

— Nós vamos para Paris e poremos um fim para tudo isso do mal assim que possível, — ele disse a ela.

— Paris, — ela respirou. — Isso é tão longe e eu nunca estive fora do país. Eu não tenho passaporte nem nada.

— Mas ainda assim nós devemos ir.

— Oh, eu sei, — ela o assegurou. — Eu sei. Você está certo. E quanto mais cedo melhor. Eu não quero mais crianças desaparecidas.

Julian a puxou para ele com uma força súbita. Seu corpo inteiro apertado contra o dele, ele curvou e respirou fundo em seu cabelo. — Nunca faça qualquer coisa tão tola novamente, — ele advertiu em uma voz gutural. — Você me assustou até a morte, mulher.

Brandi não podia achar sua própria voz, assim ela assentiu sua aquiescência ao invés, roçando sua bochecha contra o tórax duro e musculoso. Ele cheirava divinamente, como uma combinação sensual de incenso, canela e homem. Seu odor a intoxicava, fazendo seus joelhos fracos e seu coração bater mais rápido.

Julian tomou seu rosto em suas mãos, levantou e apertou seus lábios quentes contra os dela. Seu dedo polegar deslizou no canto de sua boca, abrindo o caminho para sua língua aveludada. Ele a beijou como se quisesse rastejar em sua boca e a devorar pelo lado de dentro. Nada os separou, nem mesmo respiração. O deslizamento perverso de sua língua contra sua derreteu seu corpo de forma que ela caiu contra ele e teria caído se ele não a agarrasse contra ele.

Seus punhos cerrados em suas costas, levantando a camisa e descobrindo a pele de suas costas para o ar fresco. Seu corpo parecia queimar, a paixão atravessando suas veias em uma tempestade que a fez cambalear bêbada. Ela deixou suas mãos amassarem a protuberância espessa de músculos em seus braços e abriu sua boca largamente para seu beijo, dando a ele tudo que ela tinha que dar.

O cume de seus dentes pegou a abundância de seu lábio inferior e ele o puxou para sua boca para chupá-lo. As mãos de Brandi elevaram-se e capturaram a suavidade de seu sexy cabelo escuro, roçando entre seus dedos, maravilhando-se em sua textura lisa. As mãos em suas costas deslizaram mais baixo e seguraram as bochechas de sua bunda, amassando suavemente e a erguendo contra ele até que a evidência espessa de sua excitação pesava contra sua próprio sexo dolorido. Ela gemeu incontrolavelmente em sua boca, insensível ao fato de que seus pés oscilavam acima do chão.

As mãos peritas de Julian puxaram sua camisa acima de sua cabeça antes dela até saber o que estava acontecendo. Ele ficou de joelhos na frente dela e tomou seu peito em sua boca com sutiã e tudo. Seu beijo a queimou, a sucção do mamilo ereto através da renda a fez tomar fôlego e tremer incontrolavelmente contra ele. Sua boca fez um barulho de sucção molhado quando ele mudou-se de um mamilo ao outro. Ele empurrou seus peitos juntos e enterrou seu rosto em sua divisão, respirando profundamente seu odor. Ele esfregou seu rosto contra ela, a sombra áspera de sua barba de noite arranhou deliciosamente contra sua pele tenra, deixando minúsculas raias rosadas para trás.

Forte sensualidade enchia tudo que ele fazia para ela. Ele levantou-se e a ergueu novamente, de forma que seus peitos estavam ao nível de seu olhar. — Embrulhe suas pernas ao redor de minha cintura, — ele comandou. Ela fez, enganchando seus tornozelos na parte baixa de suas costas, gemendo quando ele apertou seu pênis mais fundo em sua suavidade.

A barreira de sua roupa logo se tornou uma tortura que ela não pôde mais aguentar. — Dispa-me. — Ela arquejou as palavras mesmo sem saber o que ela queria dizer.

Julian plantou seus pés de volta no chão e pôs suas mãos ao redor dela para achar o fecho de seu sutiã. Um mero segundo mais tarde o sutiã flutuava para seus pés. Brandi o ouviu ofegar e seu olhar voou para o dele. Mas ele não a estava olhando nos olhos, oh, não. Sua atenção estava totalmente cravada na visão dos seios dela empurrados para seu prazer. Suas mãos subiram e embalaram seus peitos, testando seu peso e textura, os dedos polegares sussurrando acima de seus mamilos novamente até que eles estavam duros como pérolas.

As mãos de Brandi desabotoaram a camisa de Julian e empurraram longe de seus ombros. Ele pausou sua adulação de seus peitos só tempo o suficiente para encolher os ombros e tirar a camisa. A visão de seu tórax nu fez o pulso dela bater em dobro. Ele era realmente um belo exemplar de homem. Ela sabia que ele era forte, e que tinha músculos salientes, mas ela não tinha nenhuma idéia realmente de como ele seria lindo. Seu tórax era grande e seus mamilos escuros. Ele tinha um tórax liso com muito pouco cabelo, e este só serviu para fazer seus músculos parecerem muito maiores, mais fortes, mais impressionantes.

Ele tomou sua boca novamente, correndo sua língua profundamente, saboreando todos seus segredos. Seus dedos puxando seus mamilos, fazendo-a arquear-se contra ele em convite para uma carícia mais profunda. Toda vez que ele comprimia ou puxava seus mamilos, algo dentro dela pulsava e então derretia. Seu corpo era um estranho para ela. Ela nunca se sentira tão excitada e não havia nada que pudesse fazer para se proteger daquele fato.

Os dedos dele vagaram até a abertura da calça jeans dela. Em segundos ele tinha suas calças ao redor de seus tornozelos e ela saiu delas avidamente, chutando-as longe com seu pé. Tudo que ela usava agora era um fio dental rosa. Ela parou um momento para agradecer a sua estrela da sorte por ela estar vestindo uma calcinha sensual. Então Julian as notou, ficando completamente quieto contra ela.

— Mulher, você é uma ameaça, — ele rosnou. Assombrando-a, ele afundou em seus joelhos novamente e apertou seu rosto no vértice de suas coxas. Ela sentiu a carícia quente de sua língua pela barreira magra de seda, encontrando e pressionando contra a pedra dura de seu clitóris até que ela gemia descontroladamente, as mãos em punhos em seu cabelo

Ele enganchou seus dentes na renda e puxou para baixo isto que ela estava completamente nua para ele. — Mulher, você tem a vagina mais bonita, — ele disse bruscamente, olhando fixamente. Ele enterrou seu rosto entre suas pernas novamente, mas agora não existia nenhuma barreira para seu beijo perverso. Ele a lambeu, chupando nas dobras de seus lábios, usando seus dentes suavemente em seu clitóris. Brandi teria desmoronado sobre o chão, mas ele a segurou com suas mãos fortes, fazendo-a gozar cada segundo que sua boca tocou sua vagina.

— Tire suas calças, — ela falou entre gemidos e ofêgos.

Julian riu contra ela, o som vibrando sem eu clitóris de forma que Brandi deu um pequeno grito de surpresa. Com um último, demorado beijo, ele levantou-se e fez como ela pediu, tirando a calça jeans e a roupa preta íntima em tempo recorde.

Ele tinha o maior pênis que ela já vira. Longo e espesso, santo deus ele era grosso, a ponta brilhava com pré-sêmen que Brandi queria provar.

— Se apresse, — ela disse, agarrando ele novamente.

Ele a ergueu e ela embrulhou suas pernas ao redor dele novamente. Ele os levou para o chão, suavemente a deitando embaixo dele. Ele povoou facilmente entre suas pernas com seu gancho de tornozelos atrás de suas costas, segurando sua preciosa querida. Suas mãos se moveram embaixo dela, segurando as bochechas de seu traseiro, puxando-a impossivelmente mais perto contra ele.

— Você está pronta, moça? — Ele perguntou, o azul claro de seu olhar sondando-a.

Brandi só pôde movimentar a cabeça, então ofegou quando ele posicionou a cabeça de seu pênis contra sua abertura. Ele era tão grande, maior do que ela achava. Ele deslizou nela, estirando impossivelmente, e Brandi clamou.

— Eu machuquei você? — Ele perguntou, preocupado, o corpo ficando absolutamente quieto acima do dela.

— Não, — ela ofegou. Ela cavou suas unhas nos músculos da bunda dele. — Não pare.

Com sorriso selvagem que exibiu seus dentes muito brancos, lembrando a Brandi do lobo em *Chapeuzinho Vermelho*, ele mergulhou e tomou um de seus peitos profundamente na boca. Ele rolou seu mamilo dolorido ao redor com sua língua e dentes, a fazendo arquear-se contra ele, o que a sua vez fez seu grosso pênis a empalar seu um pouco mais fundo. Eles dois gemeram. Julian moveu seus quadris, ondulando-os, ele estava deslizando mais profundamente no centro dela. Doeu um pouco, mas a dor só serviu como um afrodisíaco potente que a fez querer tudo que ele tinha para dar a ela.

Ele tinha só um quarto do tamanho dentro, ela achou. Brandi queria ele todo, enterrado até o punho dentro de seu corpo. Ela ziguezagueou e se contorceu embaixo dele, mas pareceu Julian queria tomar seu tempo. Ela estava frenética quando ele começou a mover-se muito mais fundo nela. — Sim, — ela gemeu impotente, segurando sua cabeça contra seu peito enquanto ele continuava a amamentar.

— Esteja pronta, moça. Aqui vou eu, — ele a advertiu. Antes dela poder pensar sobre uma resposta ele empurrou forte, estirando além dos limites, até que as bolas dele estavam acomodadas no fundo do seu calor, úmido

acolhedor. — Assim. Tome tudo de mim, bebê. — Ele deu a ela alguns momentos para se ajustar a invasão de seu corpo, e quando ele sentiu seus músculos suavizarem contra ele, derretendo e dando bem-vinda ele, ele começou um passeio lento as pernas dela.

— Oh *deus*, — ela ofegou e moveu com ele, ondulando seus quadris contra ele até que ele também estava gemendo um juramento entre dentes trincados. Uma gota de suor caiu de sua sobrancelha sobre seus lábios e sua língua arremessada para fora para capturar seu sabor salgado.

Eles balançaram juntos, os quadris movendo no mesmo ritmo, suas respirações ofegantes o único som quebrando o silêncio. Ele rolou seus quadris e seu pênis, então enterrou profundamente, esfregando maldosamente contra o ponto G dela. Brandi viu estrelas e gritou de modo selvagem, cavando suas unhas em suas largas, fortes costas e ombros. Ele repetiu a carícia e outra vez, até que a pele de Brandi parecia como se pudesse dividir em pedaços. Ela nunca se sentiu deste modo, nem sequer sonhou que fosse possível. Estava deixando-a inconsciente para tudo exceto a sensação, gosto e odor deste homem que a segurava como se nunca pudesse deixá-la ir.

Os movimentos de seu corpo ficaram mais rápidos, mais desesperados, e Brandi deu boas-vindas a força e velocidade de suas estocadas profundas no centro de seu ser. Ela maravilhou-se na sensação estranha e ainda completamente certa de estar em seus braços, sendo montada como um garanhão selvagem poderia montar uma égua. Nada poderia tê-la preparado para a realidade pura e esplêndida da posse de Julian.

Julian pôs um de seus dedos em sua boca e o tirou brilhando com sua saliva. Então ele alcançou embaixo dela e suavemente deslizou aquele dedo no buraco de seu ânus. Brandi gritou, mas de surpresa, não revulsão. Parecia maravilhoso demais para chocá-la por muito tempo e ela relaxou debaixo dele, sentindo seu pênis mover-se tão fluidamente dentro e fora dela enquanto seu dedo apunhalava em sua carne muito sensível.

Ele a ergueu, só um pouco, de forma que sua pélvis estava inclinada para cima drasticamente e permitiu que ele deslizasse muito mais fundo em seu corpo com cada punhalada. Brandi sentiu a respiração a deixa em uma corrida. Seu couro cabeludo arrepiou, sentiu os lábios inchados de paixão e seus seios saltaram contra seu peito, provocando os mamilos doloridos na dureza com cada movimento da pele sobre a pele.

Era demais.

Brandi deu um grito áspero quando seu corpo apertou, tremeu e aqueceu. Ela resistiu debaixo dele, exigindo uma penetração mais funda. Julian moveu-se mais rápido contra ela, bombeando nela até que seu corpo fez sons molhados com cada punhalada e retirada. Com um último empurrão poderoso, ele penetrou seu traseiro profundamente com seu dedo e mandou a ela subir rapidamente.

Gritos alcançaram suas orelhas e ela percebeu que eles eram seus. Mas não havia como detê-los, seu corpo parecia um milhão de estrelas explodindo no espaço e gritar, foi tudo que ela poderia fazer para ficar sã. Ela sentiu Julian tremer contra ela com um grunhido, e ela sentiu o salpico quente de seu esperma batendo em seu útero.

Os movimentos dele diminuíram a velocidade e suavizaram. Seus corpos estavam molhados com suor e gozo, deslizando decadente um contra o outro. Sua respiração pesada, eventualmente, desacelerou e Julian desabou sobre ela, seu peso, uma coisa bem-vinda quando ela o embalou mais perto. As lágrimas vazaram do canto de seus olhos e ela percebeu que mais foi mais que apenas sexo o que aconteceu aqui. Eles tinham sido um naqueles breves momentos de luxúria. Completos e juntos. Eles fizeram um amor espetacular no chão de seu quarto...e ela sabia que nada seria o mesmo novamente.

Capítulo Dezesseis

Julian, já completamente vestido, a cutucou. Ela estava adormecida no chão, Julian pôs um cobertor acima dela para proteger sua nudez e ela estava agradecida, e não podiam ter sido nem uma metade de hora desde que eles fizeram amor. Ela podia ainda sentir a sombra dele dentro dela, enchendo-a profundamente. Ela deve ter adormecido logo depois, para não lembrar de muita coisa depois de fazerem amor.

— O que é? — Ela murmurou turvamente.

— Nós não podemos dormir aqui, eu odeio a mancha escura nesta casa. Vamos. Eu tenho o lugar perfeito. — Ele a ajudou a levantar e empacotou o cobertor ao redor dela. — Não, não tente se vestir. Fique como você está. Eu gosto de saber que seu corpo deleitável está nu embaixo dessa fina barreira. — Ele sorriu e era um sorriso tenro que ela nunca vira em seu rosto antes. O conhecimento de que foi ela que pôs aquela ternura lá aqueceu seu interior.

Brandi e Julian colocaram suas cabeças para fora do quarto e, não vendo ninguém, eles rastejaram para fora da casa e dirigiram-se ao carro de Julian. Ele a empacotou, abrindo a porta para ela e dobrando o cobertor ao redor dela protetoramente. Ele fechou sua porta e deu a volta para o lado do motorista, subindo no carro, dobrando suas longas pernas de forma que ele podia se ajustar no veículo pequeno. Ele ligou o carro e começou a descer a longa calçada.

— Onde nós estamos indo? — Ela perguntou. — Existe só um hotel na cidade e é o Lisa Green com cama e café da manhã. Confie em mim, nós não queremos aparecer lá juntos, estará por toda parte da cidade amanhã.

— Nós não estamos indo para um hotel, — ele disse a ela com uma piscada.

Brandi sabia que era melhor não perguntar exatamente para onde eles estavam indo. Era óbvio pelo comportamento de Julian que ele desejava a surpreender. Então se recostou em seu casulo de cobertor e apreciou o passeio, confiando nele implicitamente.

A noite estava bem adiantada e ninguém estava acordado. As estradas estavam desertas e das poucas casas que eles passaram todas estavam com janelas escuras. Estava estranhamente tranquilo, e a escuridão era absoluta além da iluminação dos faróis do carro de Julian iluminando o caminho. Eles dirigiram por longos minutos, pondo milhas e milhas atrás deles. Brandi afundou em um leve cochilo, acalmada pelo retumbar do motor do carro e a presença bem-vinda de Julian ao lado dela.

Quando o carro parou, Brandi estava chocada de ver pelo relógio digital no painel do carro, que eles tinham dirigido por quase uma hora. Ela perguntou-se onde eles possivelmente podiam estar e tentou olhar além da janela escurecida, mas podia não ver nada na noite impenetrável. — Onde nós estamos? — Ela perguntou.

Julian correu a mão em seu cabelo, escovando fora de seus olhos. — Em algum lugar especial, — ele sussurrou antes de deitar seus lábios contra o lado de sua garganta. Brandi se debruçou na carícia e quase caiu quando Julian a afastou abruptamente e saiu do carro. Ela bufou sua decepção e agarrou sua própria maçaneta, mas Julian foi mais rápido, abrindo a porta para ela, tomando sua mão e a ajudando a descer do carro.

Ele beijou sua mão e olhou no fundo de seus olhos. — Eu quero mostrar a você algo, — ele disse a ela. Ele pôs seu braço ao redor dela e levou mais profundamente na noite. Do chão em seus pés, Brandi soube que eles estavam em um pasto, longe do caminho batido. De fato, olhando atrás deles, Brandi não podia ver a estrada e nenhum barulho de trânsito alcançou suas orelhas. Eles devem, realmente, estarem isolados aqui.

A idéia tinha algumas possibilidades fabulosas. Ela quase deu uma risadinha.

Julian ficou na frente e fez alguns desenhos girando as pontas do dedo no ar. Uma labareda brilhante de luz dourada explodiu, a cegando. O brilho os cercou em um círculo, movendo em sinfonia com cada passo que eles davam, iluminando seu caminho. O brilho de luz quente e acolhedor. Brandi cheirou o odor forte de canela no ar, e soube que a magia de Julian carregava a essência dele. Ela respirou fundo o odor, misturado com o fresco ar rural, e suspirou felizmente.

Eles caminharam abaixo uma grande colina gramada, por um vale minúsculo onde um murmúrio de um riacho deu boas-vindas a eles. Os pés nus de Brandi afundaram no fundo da grama suave e a brisa fresca do ar brincava

com seu longo cabelo pesado. Grilos gorjeavam e rãs coaxavam, de forma que o ar ao redor deles estava vivo com som. Ela nunca se sentiu tão perto da natureza como ela fez agora, e ela havia crescido no país verde, viveu lá toda a sua vida. Mas isto era diferente. Tão diferente que ela estava muda com temor. A noite estava viva com mágica.

Julian traçou mais desenhos no ar diante dele e mais círculos de luz dourada espalharam-se pela terra. Brandi sentiu um estranho tipo de cócega de eletricidade acima dela, fazendo sua carne ter calafrios inesperadamente e o cabelo atrás de sua nuca eriçar. Julian a puxou para perto e debruçou até capturar sua boca. O ouro brilhante de sua mágica fluía de sua boca para ela, iluminando-a do lado de dentro. Seus olhos estavam momentaneamente cegos pela luz. Todo seu ser estava quente e leviano enquanto ela se afogava em seu poder estranho.

Julian a beijado como se fosse comê-la viva, usando seus lábios, dentes e língua para dar prazer a ambos. Brandi não podia pegar uma respiração, que ele roubou isto dela. Então ele respirou para ela, em sua boca, enchendo seus pulmões com o odor e o gosto dele, e as manchas pretas que começaram a dançar nos cantos de sua visão desapareceram. Ela ofegou e abriu sua boca mais larga quando seu beijo ficou cada vez mais apaixonado, dando-se para ele completamente, sem restrição.

Seu cobertor caiu longe e seu corpo ficou descoberto para o beijo fresco da brisa da noite. Ela nunca tinha estado nua do lado de fora, não desde que ela era um bebê, e parecia deliciosamente perverso estar assim agora, aqui nos braços de Julian. Seu cabelo acariciou seus peitos até que seus mamilos apunhalavam exigentes no tórax de Julian. Brandi quebrou o beijo e os lábios de Julian vagaram abaixo sua mandíbula, para sua garganta. Ela rasgou suas roupas, precisando dele tão nu quanto ela. Sua camisa caiu longe, os botões estalando e voando em toda direção quando ela empurrou o material impacientemente. Com um suspiro, ela afundou em seu tórax grande, nu e acariciou seus peitorais com sua boca.

Julian gemeu e a segurou apertada contra ele, apertando-a mais uma vez antes de deixá-la ir. Ela quase tropeçou sem seus braços ao redor dela, mas ela estava aliviada ao ver seu movimento das mãos na abertura de sua calça comprida, removendo com movimentos rápidos e eficientes.

Quando ele estava tão nu quanto ela, ele a ergueu e suavemente a pôs no meio do riacho. A água alcançava até suas panturrilhas, tão fria que tirou sua respiração, e ela não podia conter um ofego. Julian ficou na frente dela, olhando para ela, a água girando em torno de suas pernas, brincando, e um brilho lindo âmbar iluminou os olhos, aquecendo suas entranhas.

— A água é o sangue da Terra, você sabia disso? — Ele sussurrou.

Brandi agitou sua cabeça.

Julian a agarrou e apertou seu comprimento contra o dela. — Meu poder é maior aqui fora onde a natureza prospera, — ele disse a ela. A luz que os cercou brilhou subitamente, chamuscando com intensidade. Ele a ergueu facilmente, como se ela pesasse não mais do que uma pena, e persuadiu que ela embrulhasse suas pernas ao redor da cintura dele. Ela fez, e suspirou com felicidade quando seu pênis apertou duro contra seu sexo vulnerável. — Eu sou tão forte agora mesmo que eu poderia facilmente esmagar você, — ele disse, as palavras fazendo cócegas na garganta dela com sua respiração. — Mas você não tem nada a temer de mim. Eu sempre mantereí você segura, — ele jurou. — Até de mim mesmo. — Ele sorriu maldosamente.

Um vento forte, impregnado com o odor de verde, e plantas crescendo, soprou sobre eles, arrepiando seus cabelos. O longo cabelo escuro dele emaranhou com os dela, ligando-os juntos.

— Faça amor comigo, — ela sussurrou contra sua boca, arremessando sua língua para fora para o saborear.

Julian beijou sua boca e a ergueu mais alto contra ele. Seus peitos indo para cima e para baixo na frente de seu rosto e ele inclinaram-se para chupar um de seus mamilos, tomando sua carne profundamente, lambendo e mordiscando até que ela estava mais uma vez ofegante em seu abraço.

Ele a moveu contra ele e começou a penetrá-la com seu pênis. Brandi ofegou e contorceu-se incontrolavelmente contra ele. Seu clitóris estava inchado e dolorido, apertando contra ele quando ele afundava mais profundamente.

— *Oh deus*, — ela ofegou, sentindo ele bem no fundo, uma parte dela. — *Oh deus*.

— Monte-me, — ele comandou, seu acento francês espesso. Ele pôs suas palmas em baixo da abundância de seu traseiro e a ergueu. — Monte em mim e ache o êxtase, amor.

Brandi, com a ajuda das mãos de Julian, começou uma punhalada e retirada lenta de seus quadris. Ela estava tão molhada que seus corpos fizeram eróticos sons molhados com cada movimento de pele com pele. Seu pênis era tão grande que a estirou além dos limites, mas Brandi deu boas-vindas a abundância. Ela nunca se sentiu tão inteira quanto ela fazia agora, nos braços de Julian, e ela queria catalogar cada nuance de sentimento e apreciar em sua memória nos dias que viriam.

Julian assumiu o comando, empurrando mais forte no centro dela. Ele gemeu e amamentou exigente em seu mamilo. Seus dedos cavados na carne de sua bunda, erguendo e separando, fazendo vulnerável para a curiosidade da brisa. Ela clamou e sentiu seu corpo apertar fortemente seu espesso pênis. Era o momento mais importante, diferente de qualquer coisa que ela conhecia. Ela estava inconsciente quando a luxúria assumiu o comando, dirigindo ambos em um frenesi.

— Mais forte, — ela arquejou. — Mais forte, *por favor*.

Julian rosnou e a segurou com mais força, batendo nela com tal força que seus dentes clicaram juntos. Ela mordeu a língua, tirando sangue, mas deu boas-vindas a dor como ela deu boas-vindas a cada estocada exigente de corpo do seu amante. Julian tomou sua boca com a dele, saboreando seu sangue, a essência dela, beijando-a tão profundamente que ele parecia uma parte dela. Uma extensão dela mesma.

A luz dourada a cegou. A energia elétrica dançava acima de sua pele, até que foi tão sensível que o próprio ar que a cutucou para liberação. Ela tomou uma respiração e foi afogada no odor e gosto de canela na brisa que ainda soprava sobre eles. Seu corpo parecia inchado, maduro e pronto para o clímax. Seu clitóris bateu contra ele quando ele empurrou nela e ela estava perdida.

Ela ouviu Julian clamar, o sentiu pulsar ardentemente dentro dela, enchendo-a com seu esperma. Seu clímax a tomou tão duro e tão fundo que ela não podia abrir seus olhos para ver, assistir rosto do seu amor à medida que ele gozava. Mas ela o sentiu, dentro e fora, cheirou, saboreou, e isso era suficiente. Seu corpo estava em chamas com uma chama interna que rivalizava com a luz dourada protetora da magia Julian que ainda estava ao seu redor. A brisa tocou sobre eles como cócegas de mil dedos amorosos. O murmúrio do riacho tocou uma música selvagem, desinibida que a encantou. Tudo naquele momento era perfeito.

Absolutamente perfeito.

Brandi sentiu seus lábios estenderem-se com um sorriso contente, excitado. Ela riu, sentindo os últimos tremores de Julian bem no fundo dela. Ela nunca se sentiu tão feliz. Ela riu novamente, incapaz de parar, e ela abraçou Julian apertado contra ela, nunca querendo deixá-lo ir. Julian juntou-se a seu riso, tão ofegante quanto ela estava, e os girou em círculos, espirrando água, segurando-a apertado contra ele. — Você me agrada, mulher, — ele grunhiu. Era o momento mais romântico de sua vida. Ela riu novamente e ele pegou o som com sua boca, beijando-a ruidosamente. — Você me agrada muito, — ele disse, sorrindo, as palavras ritimadas como música.

Eles seguraram um ao outro firmemente por um longo momento, lânguido. Gotas de água espirravam em sua pele, água que não tinha nada a ver com o riacho em seus pés. Brandi olhou para cima e viu a lua obscurecida por nuvens escuras. Um som de trovão alcançou suas orelhas e segundos mais tarde começou a chover.

Julian a desceu e foi pegar seu cobertor descartado de onde deixou na grama. Ele voltou e a embrulhou nele, erguendo ela contra ele como uma criança. Ele a levou para o carro enquanto a chuva batia em suas cabeças. — Nós dormiremos aqui hoje à noite, com o som da chuva para nos acalmar, — ele disse, deixando ela dentro do carro.

— Julian, — ela sussurrou depois que longos momentos passaram.

— Sim? — Ele sussurrou de volta, sua respiração abanando seu cabelo.

— Como você virou um Templário? — Ela perguntou, curiosa.

— Quando eu era um menino, eu fui o terceiro de sete crianças. Minha família não era pobre, mas nem era rica. Eu fui enviado a Notre Dame para estudar os caminhos do clero. Eu treinei do meu quinto ano até meus primeiros vinte anos para me tornar um monge na grande igreja. Era comum para os homens na minha posição a assumir essa formação.

— Então o quê? Como você se tornou um Cavaleiro depois de gastar tanto tempo preparando-se para tomar votos? — Ela perguntou.

— Eu e muitos outros fomos a uma peregrinação para Jerusalém. No caminho nosso grupo foi atacado por bandidos. Muitos dos meus irmãos do clero foram mortos. Eu matei um dos bandidos com minhas mãos nuas e peguei sua espada quando ele caiu. Eu usei a espada como se tivesse nascido para isso, afastando nossos atacantes, mas não antes de muitos morrerem. Eu nunca tomei uma vida antes. Eu estava em choque. Eu vaguei só por dias. Então, quando eu estava no auge do meu desespero, sabendo que eu nunca poderia dedicar minha vida para a igreja depois de meus pecados, um grupo de Templários me achou. Eles tinham procurado por mim desde o ataque. Gregori era um dos Cavaleiros. Ele me levou debaixo de sua asa e me treinou nos caminhos dos Templários. Eu fui um guerreiro dali em diante.

— Você viveu em um tempo tão violento, — ela disse, maravilhada com sua história. — Eu só não posso ver você como um monge.

Julian riu, o som agitando seu tórax, vibrando contra seus peitos. — Não era para ser. Meu destino estava em outro lugar. Eu soube disso no momento que eu tomei a vida de meu primeiro inimigo. Depois disto, não havia como negar onde meu caminho em vida estava.

— Eu posso imaginar, — ela disse alegremente, um sorriso arrastado nos cantos de sua boca. — Você está cheio de surpresas, Julian.

— Eu tento manter você surpresa.

O riso de Brandi aquietou-se para um sorriso e ela sentiu o sono rebocá-la, abraçá-la e consumi-la. A última coisa que ela viu foi o morno brilho dourado que ainda os cercava, e os olhos de Julian suavizados de amor quando eles dormiram olhando um para o outro.



Quando eles retornaram a sua casa, Brandi esteve surpreendida de ver Ramiel esperando por eles. Ela corou até as raízes de seu cabelo e juntou seu cobertor mais apertado ao redor dela, passando por ele na varanda quando ela entrou para achar uma roupa mais decente. Mas antes da porta fechar atrás

dela, ela ouviu sussurro de Ramiel para Julian, — Ela cheira a você... — o rubor de Brandi intensificou.

Brandi foi para seu guarda-roupa e vestiu-se, e pela primeira vez em três anos ela não se aborreceu para verificar seu equipamento de vigilância de vídeo. Ela intencionalmente ignorou o armário. Faminta, ela foi para a cozinha para achar algo para comer. Depois de uma longa noite e manhã de amor, Brandi precisava de energia rápida. Ela agarrou uma banana e devorou em segundos, seguindo com um gole generoso de leite diretamente da embalagem. Ela podia ouvir Julian e Ramiel que murmurando fora na varanda e decidiu deixar eles com seu isolamento.

Algo cintilou no canto de seu olho. Ela olhou para a mesa da cozinha e ofegou ao ver o diamante da Esperança lá, piscando para ela. Por que infernos Ramiel e Marduk não levaram a pedra para sua sede? Talvez eles não quisessem fazer a longa viagem ... Ela olhou o diamante com fome.

Seria possível? *Poderia?*

Seus dedos coçaram para tocar a pedra, mas ela lembrou na hora certa de agarrar um trapo da pia antes de levantar ele. Brilhava ao sol da manhã, lançando matizes de arco-íris no teto que a cegou. Brandi respirou fundo para acalmar as repentinas batidas de seu coração, e apertou a pedra contra o peito.

Ela era descendente dos Cavaleiros Templários, da mesma maneira que o policial Little tinha sido. Ela soube que funcionaria. Tinha que funcionar.

Houve uma dor no coração dela quando percebeu o quão zangado e ferido Julian estaria quando soubesse o que ela tinha planejado. Mas ela tinha medo de que ele a impediria de fazer o que ela estava certa do que tinha que ser feito. Era precipitado e perigoso, mas tanta tragédia aconteceu sua cidade natal e se ela pudesse diminuir de qualquer forma, ou até trazer um toque de compreensão para a situação, ela tinha que tentar.

Correndo para seu quarto, Brandi foi diretamente para o armário e abriu a porta. Ela agarrou o diamante em seu punho e tentou enfocar sua vontade. — Abra para mim, — ela sussurrou repetidas vezes baixinho. — *Abra agora.*

Nada aconteceu.

Vários minutos passaram.

— Abra para mim. — Ela fez disso um mantra, repetindo as palavras novamente.

Ainda assim, nada aconteceu.

Com um grunhido revoltado, Brandi bateu a porta do armário e fechou novamente. — Foda-se, — ela cuspiu. — Por que você não vai mais abrir?

Veio barulho de um sussurro de dentro do armário. Brandi sentiu sua respiração prender. Sua mão lentamente levantou para a maçaneta mais uma vez e girou. Ela abriu um pouquinho a porta.

Uma mão preta e sombria arremessou para fora para agarrá-la.

A porta de armário escancarou e Brandi estava no aperto do bicho-papão. Seu funesto toque a adoeceu, fazendo-a sentir um frio glacial ao longo de seu corpo. Ela pegou a pedra e instintivamente levantou isto para trás no rosto do monstro, estremecendo quando ele gritou e retirou-se, desaparecendo no nulo.

Brandi deu uma última profunda respiração e mergulhado no vazio.

Capítulo Dezassete

Era mais escuro que a cova mais funda do inferno. Por vários momentos ela sentiu falta de ar, a escuridão era impenetrável. Era tão absoluta que Brandi perdeu de vista a abertura do armário em suas costas, a luz solar matutina que fluía fracamente da janela do quarto foi substituída pela negridão do vazio. Não havia modo de sair.

— Não fique em pânico, — ela se advertiu. Suas palavras ecoaram na quietude. — Só fique tranquila e tente achar as crianças. Então nós nos preocuparemos sobre como voltar. — Ela sabia, ela acabou de saber, que ela acharia as crianças desaparecidas aqui em algum lugar. Além da lógica e da razão, ela sentiu seu propósito aqui fortemente. Ela acharia aquelas crianças. Apavoradas e sem dúvida nenhuma debilitadas, mas ainda vivas. Ela sabia disso. Se só ela pudesse manter seu próprio terror à distância, ela poderia, finalmente, achá-las aqui. Ela deu um passo cego, depois outro e começou a correr tropeçando.

— Crianças! — Ela clamou. — Nick! Onde está você, bebê? Fale comigo. Sou eu, Tia Brandi. Nick!

O tempo passava. Quanto, Brandi não podia saber. Pareciam horas. Ela correu até que teve câimbras e seus pulmões queimavam. Pegando a jóia em sua mão tão firmemente que suas juntas estavam brancas, ela hesitou e pausou para tomar uma respiração.

— Nick, — ela gritou, repetidas vezes. Mas não houve nenhuma resposta.

Ela girou em círculos, incapaz de se localizar. — Maldito, Nickolas Andrew Dill, me responda! — Ela trovejou.

Houve um ruído de dentro do fundo da escuridão.

Era pequeno, mas ela definitivamente ouviu algo. Ela correu cegamente, esperando que estivesse indo na direção certa, quando o som voltou, à frente dela, e ela começou a correr. Estava mais que um pouco desorientada, não sendo capaz de ver qualquer coisa a frente, mesmo a terra a seus pés batia audivelmente por diante. Ela nunca tinha visto nada tão ... vazio.

Tentáculos dispararam na escuridão, agarrando e a envolvendo. Brandi sentiu o toque glacial do Bogle e gritou. Sua boca sentiu o toque frio e algo dentro dela torceu dolorosamente. Ela sentiu sua força drenar e soube que o Bogle estava se alimentando dela, drenando sua força vitalícia. Ela lutou com cada grama de força em seu corpo, arrancando-se das garras do monstro, desajeitadamente afastando-se dele tão rápido quanto seus pés podiam levá-la.

Ela correu diretamente para um corpo grande, duro e caiu de bunda com um soluço.

— Mulher, você não tem nenhuma sanidade?! — As palavras de Julian eram o mais bem-vindo que ela já ouviria em sua vida.

— Oh Julian! Ajude-me. Nós temos que achar as crianças!

— Brandi, — ele suavemente disse, endireitando ela com mãos firmes — eu não penso que elas estão aqui. Elas foram consumidos. O Bogle não deixaria elas sobreviverem por tanto tempo.

— Eu não acredito em você, — ela arquejou. Ela se pegou cegamente a ele e o segurou apertado. — Eles precisam estar aqui.

— Nós devíamos partir antes do Bogle nos achar, — Julian advertiu. — Nós não estamos seguros aqui. este é seu domínio. — Ele suavemente tomou o diamante coberto com trapo de sua mão.

Brandi ofegou quando uma iluminação brilhante, branca brotava da pedra, iluminando o vazio à frente deles. Julian ziguezagueou seus dedos no ar e o brilho dourado de sua mágica protetora envolveu ambos. Não fez tanta coisa. A luz só penetrava a pouca distância. Mas a luz, mesmo pequena, era uma presença bem-vinda na frieza em torno deles. — Isto deve ajudar a manter o Bogle à distância até que nós possamos conseguir sair daqui, — ele disse, dando o diamante de volta para ela.

— Nick, — ela gritou novamente, desesperada. — Onde você está?

Veio um barulho à frente deles e Brandi correu em direção a ele, ignorando as tentativas de Julian de mantê-la ao seu lado. Desistindo de persuadi-la a voltar, ele correu para o lado dela e adicionou seus gritos aos dela, agarrando sua mão e segurando quando eles voaram juntos em direção ao som.

Veio o fraco som de voz de criança.

Seu coração quase parou e até os gritos de Julian silenciaram com incredulidade.

— Tia Brandi, — eles ouviram pelo vazio.

— Eu estou maldito, — Julian disse com temor. — Não pode ser. Pode ser isto? É ele. Não é?

— Nick, bebê, onde você está? — Brandi clamou mais uma vez, perscrutando a escuridão.

— Eu estou aqui, — veio sua resposta fraca. — Eu ouço você. Mas eu não posso ver.

Ela seguiu sua voz. — Continue conversando, abóbora. Eu estou indo.

Ele gritou por ela inúmeras vezes.

Achado alguma reserva escondida de força, Brandi correu mais rápido, soltando a mão de Julian. E então, de repente, seu sobrinho estava em seus braços.

— Oh bebê! — Ela chorou, beijando ele por toda parte de seu rosto. Ele estava da mesma maneira que ela lembrava. Seu rosto no brilho da luz de Julian era o mesmo rosto doce que ela vira pela última vez três anos atrás.

Apesar dos anos, dor, medo e preocupação que ele deve ter experimentado, ele não envelheceu um dia.

— Existem outras crianças aqui. Você sabe onde elas estão? — Ela perguntou.

Movimentando a cabeça, seus olhos ociosos beberam. — Perdidas, — ele disse com franqueza inocente. — Elas estão perdidas.

Brandi segurou apertado contra ela. — Eles estão aqui ainda, eles estão ainda vivos?

Nick agitou sua cabeça e afundou no abraço dela como só uma criança podia ter feito. — Eles todos se foram. Eu sou o único que ficou, — ele disse. — Eu quis partir com eles. Mas...eu continuei pensando em você. Eu soube que você estava me procurando. Eu continuei desejando que você me achasse e me levasse de volta para casa. — Ele soluçou fracamente. — Onde está Mamãe?

Brandi o beijou ferozmente na bochecha. — A mamãe estará com você logo, bebê.

— Promete?

— Eu prometo, — ela jurou, segurando ele mais apertado.

A mão forte de Julian apoiou nas costas dela, emprestando sua força. — Ele tem seu sangue de Templário nele. Você chamou por essa parte dele por três anos e o segurou aqui, manteve ele aqui, protegidos dos apetites do Bogle. — O temor era claro em seu tom. — Eu nunca pensei que tal coisa fosse possível, mas você fez isto.

— Nós temos que sair daqui, — ela disse, embalando seu sobrinho contra ela, determinada de que nada, nem mesmo a morte, os separasse agora.

— Venha comigo, — Julian disse. — Eu não tenho certeza se vamos sair, mas eu sinto o nosso caminho nessa direção. — Ele agarrou seu braço e a levou na escuridão.

Eles correram até que ficaram ofegantes. O tempo passava. E finalmente, houve uma luz fraca os esperando no fim do vazio.

Brandi foi primeiro. Ela caiu adiante sobre o chão frio, rolando de forma que Nick foi protegido de sua queda. Uma luz brilhante, branca encheu sua visão. Então Julian estava com eles.

Eles tinham saído no armário de limpeza do supermercado da cidade. Julian ajudou Brandi a levantar. Houve o som de uma dúzia de ofegos e Brandi soube que eles estavam em apuros.

— B-Brandi? — Melissa Holmes, a caixa, disse.

A loja estourou em caos. Nick se aconchegou mais nos braços de Brandi, assustado com o barulho e a agitação ao redor dele. Ela o acalmou, beijando seu suave cabelo e encarando os clientes ao redor. — Eu tenho que chegar em casa, — ela disse a eles. Ela girou para Julian. — Eu tenho tirar Nick daqui.

Julian assentiu e abriu um caminho pela multidão. Em segundos eles estavam do lado de fora sob os brilhantes e mornos raios do sol.

— Quanto tempo nós ficamos fora? — Ela perguntou Julian.

— Horas, — ele disse. — É tarde já.

Nick mexeu em seus braços.

— Ele é muito pesado? — Julian perguntou.

— Não, ele é perfeito, — Brandi disse, lágrimas em sua voz.

— Dê ele para mim, Brandi.

— Não. — Ela afastou-se das mãos estendidas de Julian.

— Eu preciso mexer com sua memória.

— O que você quer dizer, com mexer? — Ela defensivamente perguntou.
— O machucará?

— Eu posso fazer ele esquecer seu medo e dor, aqueles três anos no vazio. Eu devo, as memórias podem eventualmente o deixar louco se não forem apagadas. Deixe-me.

Brandi relutantemente deu seu sobrinho e assistiu como Julian desenhava no ar. A luz dourada cercou ambos, ele e a criança, e Julian curvou-se para sussurrar palavras na orelha de Nick. Nick caiu e relaxou contra ele e Brandi ofegou. — Não se preocupe, — Julian a assegurou. — Ele só está adormecido.

— Quando ele despertar ... — Ela hesitou.

— Ele não se lembrará de nada. E o que ele lembrar será vago, nebuloso. Ele não sofrerá muito.

— Eu tenho que chamar Gail. Eu tenho que a deixar saber que ele está bem.

— Primeiro nós precisamos chegar em casa. Longe de todas estas pessoas. — Foi então que Brandi notou a pequena multidão que juntou ao redor deles. Ela perguntou-se se eles viram a mágica Julian e decidiu que não se importava. Deixe-os estarem chocados e pasmos, ela tolerou seu escárnio por três anos. Julian chamou Marduk com seu celular e disse a ele onde os pegarem e começaram a caminharem rua abaixo, longe da turba.

Sirenas soaram ao longe, ficando mais altas. Dois carros de polícia, com luzes piscando, pararam na frente deles. O agente Perez e o agente Thread saíram de um dos veículos e foram em direção a eles.

— Você está presa, Sra. Carroll, por sequestro, — Perez disse, brandindo um par de algemas.

— Ela é inocente, — Julian protestou.

— Então o que essa criança, desaparecida por três anos, está fazendo em sua custódia? — Thread perguntou.

— Nós o achamos. No vazio. — Brandi disse a verdade sem hesitar. — Mas nós não pudemos achar os outros.

— Você tem o direito de permanecer calada...

— Você está prendendo a pessoa errada, — Julian disse.

— E você quem é? — Thread perguntou furiosamente.

Julian suspirou. — Eu sou um amigo da Sra. Carroll. E sou eu quem você deveria ser preso. Não Brandi.

Brandi ofegou. — Não, Julian, — ela começou, mas ele a interrompeu. Ele murmurou muito baixo para os outros ouvirem. — Você é mais importante. Devolva o diamante para Ramiel e Marduk. Eles vão levá-la o resto do caminho. Nós precisamos nos mover depressa se nós formos salvar mais vidas inocentes.

Thread olhou para ele e agitou sua cabeça. — Eu apenas prenderei você dois, — ele disse.

— Não, — Julian firmemente disse. — Ela não tem nenhuma idéia real do que aconteceu. Ela é completamente inocente. Só a escute e você saberá que eu estou certo. Ela está delirante, não quer admitir a verdade nem para ela mesma. Sou eu quem você quer. Eu sou a pessoa que levou as crianças. — Algo na voz de Julian ecoou e compeliu. Brandi instintivamente soube, sem dúvida, que ele estava usando sua mágica nos agentes, os forçando a acreditar nele. — Você tem minha confissão, a deixe ir.

O agente Thread e o agente Perez entreolharam, como se silenciosamente considerando o que fazer. Brandi ofegou quando o agente Thread agarrou as mãos de Julian algemou e então o escoltou para uma das patrulhas em espera. O agente Perez veio e tomou Nick dela, apesar de sua luta para mantê-lo. Ele levou a criança ainda adormecida para o outro carro e entrou com Nick em seus braços, deixando Brandi lá, só e ofuscada na rua enquanto eles partiam.



— Nós temos que conseguir tirá-lo de lá, — Brandi disse sem preâmbulos.

Marduk e Ramiel sentavam-se em sua mesa da cozinha, assistindo-a caminhar de um lado para o outro. — Como nós faríamos isto? — Marduk perguntou.

— Eu não sei. Crie uma distração ou algo. Dê uma de Houdini, você não assiste televisão? Você não pode pensar em algo? —

— Tudo que eu posso pensar é o quão importante é fazer como diz Julian e levá-la direto para Montmartre.

Brandi bufou. — Eu não irei para qualquer lugar sem Julian.

Ramiel e Marduk compartilharam um olhar. — Brandi, eu não vejo como nós... — Marduk começou, antes de Ramiel interferir.

— Eu acredito que eu possa tirá-lo se você fosse criar uma diversão, — ele disse a eles, a voz tinindo como o coro de cem sinos.

— Que truque nós poderíamos fazer que tirasse a atenção de todos em Julian? — Marduk perguntou.

Brandi pensou por um momento e então a inspiração a atingiu. — Eu poderia ter uma idéia.

— Claro que você poderia, — Marduk suspirou.

— Não, eu acho que poderia funcionar.

— Qual é o seu plano? — Marduk e Ramiel perguntaram em uníssono.

— Apenas sigam minhas ordens, — ela disse a eles e correu para seu quarto. Em uma gaveta do criado mudo havia uma pistola, que pertenceu a marido do Gail antes deles deixarem a casa para Brandi. Ela teve certeza de que não estava carregada e colocou no cós de sua calça jeans.

Ela levou Marduk e Ramiel para seu caminhão e acelerou o motor. O veículo cuspiu pedregulhos quando ela decolou. — Dê-me seu celular, — ela disse para Marduk. Ele deu para ela e ela discou o número do departamento da polícia local.

Eles atenderam no terceiro toque. — Oi, eu gostaria de reportar um sinal daquelas crianças desaparecidas, — ela disse em uma voz nasal que ela esperava que não parecesse coma dela. Ela deu ao despachante as direções para os bosques atrás de sua casa e suspendeu depressa antes da mulher poder perguntar mais alguma coisa.

— Então o que nós estamos fazendo, Brandi? — Marduk impacientemente perguntou.

— Nós estamos tirando Julian fora de prisão, — ela disse irritada.

— Eu sei disso, mas como?

— Eu percebi que só funcionará no improviso, sabe? — Ela disse com uma petulência que não sentia. — Realmente, eu estou certa de que o caminho se abrirá se nós apenas cooperarmos com o destino.

Ramiel riu. O som surpreendeu todos, inclusive Ramiel, que concluiu seu riso tão depressa quanto ele começou. Se ele fosse possível, seu riso era até mais bonito que sua voz. E pela primeira vez desde que o encontrou, Brandi sentiu seu coração suavizar em direção ao vampiro. Qualquer ser capaz de tal beleza não podia ser todo ruim, ela pensou.

Para encher o súbito silêncio, Brandi pôs uma fita cassete no rádio e deixou os sons do álbum *Disintegration*¹² da banda The Cure¹³ inspirar calma neles. Passou um bom tempo antes de algum deles falar novamente.

Quando afinal eles pararam no estacionamento na frente da cadeia local, Brandi olhou para Marduk. — Mantenha o caminhão ligado. Não demorará muito. Ramiel, você está pronto?

— Sempre.

— Então vamos fazer isto.

Brandi saiu do caminhão e olhou em volta. Era um dia de semana, final da tarde, e afortunadamente não havia muitas pessoas. Brandi contou com isto e estava contente com o indulto. Ela agarrou a arma de fogo de sua calça jeans e assentiu em direção a Ramiel. Ele pareceu ler seus pensamentos, indo à frente para a prisão.

Só havia três policiais. Brandi deu um suspiro sincero de alívio, agradecida de que ela vivia em uma cidade tão pequena. Ela viu Julian quase imediatamente, ocupando uma das duas celas. Ele pareceu confuso ao vê-la. Brandi se forçou a olhar para longe com medo de hesitar em sua tarefa.

Ela acenou a arma de fogo de modo selvagem. — Todo mundo parado! — Ela disse com uma sólida autoridade que ela não sentia, e certamente ela estava fazendo um clichê dramático.

Os oficiais de polícia obedeceram de uma vez.

— Dê-me as chaves da cela de Julian, — ela exigiu.

Eles não fizeram nada.

Brandi repetiu seu comando. — Dê para mim *agora*.

Ramiel se interpôs entre eles. — Deixe-me lidar com isto, Brandi, eu assumo que foi por isso que você me quis junto, — ele secamente disse. Algo profundo e colocou camadas em sua voz. — Você dará as chaves para Brandi, — ele disse a eles.

Como se fossem autômatos, todos os oficiais moveram-se de uma vez para fazer a solicitação do Ramiel. Um dos carcereiros tinha o molho de chaves em seu cinto e levou alguns momentos para conseguir pegá-las porque seu colega estava agarrando as chaves ao mesmo tempo. Finalmente liberando as

¹² *Disintegration* é o oitavo álbum de estúdio da banda The Cure, lançado em 1989.

¹³ **The Cure** é uma banda de rock inglesa formada em 1976 em Crawley, Inglaterra. Robert Smith é o líder da banda e único elemento constante desde a sua formação, além de se manter responsável sozinho por sua direção musical, sendo produtor, cantor, compositor e multi-instrumentista.

chaves, ele as lançou para Brandi, nem uma vez piscando. Ramiel tinha todos sob seu feitiço.

Com as mãos tremendo, Brandi foi para a cela onde Julian esperava, sentindo a pressão do tempo como um peso em seus ombros.

— Eu disse que você fosse para Paris, — ele latiu como saudação.

— De nada. — ela disse, achando a chave que destrancava a cela. Ele estava livre em segundos e ela correu para seus braços abertos. Embora tivesse sido só algumas horas, parecia como se toda vida os separasse. — Deus, eu quase perdi, — ela disse a ele. — Não faça isso novamente, eu não poderia aguentar.

Julian a beijou na fronte e tomou sua mão. — Eu assumo que você tem transporte?

— Sim, lá na frente. Nós precisamos nos apressar. Eles podem ter aeroporto de Hartsfield vigiado se nós esperarmos muito tempo.

— Marduk tem um passaporte para ela, — Ramiel suavemente disse. — Nós podemos sair imediatamente.

— Ótimo. Nós embarcaremos no primeiro voo para fora de Atlanta, — ele disse, levando-os para fora da prisão, ignorando os olhares vagos dos três oficiais de polícia à medida que eles passavam.

Ramiel saltou na traseira do caminhão, deixando Julian e Brandi na cabine com Marduk. Brandi viu um grupo das pessoas do lado de fora da cadeia e ela se debruçou para fora da janela. — Isto é o que vocês conseguem por não me acreditar em mim! — Ela gritou, dando a eles o dedo.

Julian arrastadas suas costas de volta para a cabine. — Por que você fez algo tão tolo? — Ele perguntou, suas palavras eram bravas mas seu abraço desmentia sua decepção. — Você devia ter continuado sem mim. Eu teria ficado bem.

— Eu não posso fazer isso sem você, Julian, — ela disse. — Eu só não posso.

Julian sorriu e beijou-a na testa. — Você é um pedaço de teimosa, não é, amor?

Brandi retornou seu sorriso, não dizendo nada, se aconchegando na gaiola segura de seus braços.

Graças à condução rápida de Marduk, eles fizeram o percurso para o aeroporto de Atlanta em menos de uma hora.

Capítulo Dezotto

Após uma tensa verificação pela alfândega, eles estavam a caminho de Paris. Gregori os encontrou em Hartsfield com as cinco chaves restantes. A lança do destino; Um anel antigo que Julian disse que uma vez pertenceu ao Rei Solomon; Um pedaço da Cruz Verdadeira; O osso do dedo de São Drogo¹⁴, santo protetor dos pastores; E um pedaço do véu de enterro de Maria Madalena. Eles subiram a bordo com a mala de artefatos na mão, Julian tendo de alguma maneira escondido o conteúdo da segurança.

Era noite agora e a maior parte dos passageiros da primeira classe estava dormindo, mas Brandi, Julian, Ramiel e Marduk ainda estavam acordados. Brandi e Julian sentaram-se no meio da terceira fila e Marduk e Ramiel se sentaram diretamente atrás deles. Eles estavam planejando a sua próxima jogada.

— Como vai funcionar isso? — Ela perguntou a Julian pela décima vez.

— Eu disse a você, eu não estou absolutamente certo. Mas eu tenho certeza de que saberei uma vez que nós chegarmos lá. O destino ainda nos confunde à vezes. Eu improvisado assim por três décadas e eu confiarei em minha sorte para conseguirmos passar por qualquer problema que poderia surgir.

Brandi apertou a mão dele. — Eu estou um pouco assustada, — ela confessou. — Certo, eu estou realmente assustada.

Julian levou sua mão para a boca e beijou suas juntas. — Você? Com medo? Você não é a pessoa que esteve caçando um espírito malévolo nos últimos três anos? Você não está assustada. Nada pode abalar você. — Ele sorriu.

Brandi agitou sua cabeça. — Eu não sei o que esperar. Claro que eu estou assustada.

— Um pouco de apreensão é esperado. Mas não se preocupe, — ele apressou a consolá-la. — Nós estaremos bem. —

Atrás deles, Ramiel e Marduk estavam tendo sua própria conversação.

— Eu não tenho nenhum desejo de ser banido para o nulo, — Ramiel disse.

¹⁴ São Drogo (ou Drogo de Sebourg) (1105 - 16 de abril de 1186), também conhecido como Dreux, Drugo e Druron, era um santo francês. Ele nasceu em Épinoy, Flandres, e morreu em Sebourg, França. Sua festa é em 16 de Abril.

— Você não será, — Assegurou-lhe Marduk. — E nem eu. Nós não somos do mal, você e eu. Nós somos apenas...de outro mundo.

— Eu fiz muito do mal em meu passado, — Ramiel assinalou.

— Sua idéia do mal e minha idéia do mal diferem muito, meu amigo.

— Eu matei, — Ramiel cuspiu, seu rosto um retrato de contradição entre ira e remorso.

— Mas você matou aqueles que mereceram isto. Ladrões, estupradores, assassinos. Eu conheço você melhor do que você imagina Ramiel, e eu digo a você mais uma vez que quando o portão abrir você não terá a para temer.

Ignorando as palavras suavemente faladas atrás deles, Brandi se debruçou perto de Julian. — Beije-me, — ela sussurrou.

Julian tomou seu rosto em suas mãos e a beijou, deixando sua língua traçar acima de seus lábios eroticamente. O beijo durou várias batidas do coração então Julian cessou bruscamente, respirando asperamente. — Eu quero você, — ele disse.

— Eu quero você também, — ela disse. — Talvez haja um banheiro. Eu sempre quis juntar-me ao clube de altas milhas.

Julian riu. — Por que nós não fazemos amor aqui mesmo ao invés?

Brandi corou, chocada. — Você está louco? Alguém poderia ver.

— Que Tempário é digno desse nome se não pode criar uma mera ilusão? Eu posso fazer isto de forma que ninguém veja. Eles não notarão nada fora do ordinário, eu asseguro a você.

— Mas e Marduk e Ramiel?

— Eles não verão, eu prometo.

— Oh meu deus! — Ela ofegou. — Eu não posso acreditar em que eu realmente estou me divertindo com essa ideia.

— Apenas confie em mim, — ele disse, a agarrando.

Parecia perverso e perigoso e a pulsação de Brandi acelerou. Julian a puxado através da cadeira e a sentou em seu colo com suas costas contra seu tórax. Ele elevou as mãos em forma de xícara em seus peitos, amassando-os até que ela estava ofegante. Brandi olhou em volta culpadamente e viu que, realmente, ninguém estava prestando atenção a eles. Ainda assim diminuiu o sentimento de perigo. Brandi podia ver as pessoas ao seu redor, com tanta naturalidade que ela sentiu que podia vê-la também. Foi uma sensação da mais perversa.

Brandi usava uma saia de lã macia e casaco leve de algodão que havia comprado em um dos aeroportos que eles passaram. As mãos de Julian deslizaram embaixo de sua saia facilmente, acariciando suas coxas internas com facilidade especialista. Ele enfiou a mão nas fitas de sua calcinha fio dental e puxou-os para baixo. Ele colocou os globos de seu traseiro em suas mãos, estimulando sua carne tenra. Suas mãos, em seguida, procuraram o calor úmido e acolhedor de sua vagina.

Ele ergueu e separou as dobras úmidas, rosas, procurando seus clitóris com as pontas do dedo questionador. — Você já está encharcada por mim, bebê, e eu apenas toquei em você, — ele disse com tal satisfação em sua voz que Brandi corou mais uma vez até as raízes de seu cabelo.

As mãos de Julian recuaram, trabalhando no fecho das calças. Brandi sentiu o peso grande, e pesado de seu pênis livre em suas costas. Ele ergueu sua saia mais alta, expondo-a para quaisquer olhos que desejassem ver, mas nenhum dos passageiros sequer olhou para o seu caminho. Ele esfregou seu pênis contra a racha de suas nádegas, arreliando ela. Atormentando. Brandi gemeu, mordendo o som de uma vez por medo de alertar alguém.

Ninguém sequer se mexeu.

— Grite tão alto quanto você quiser, amor. Ninguém ouvirá você, — ele assegurou, pondo suas mãos embaixo de seu suéter, retirando o sutiã dela antes de finalmente acalmar seus mamilos doloridos, inchados. Brandi sentiu sua cabeça cair para trás, expondo a longa linha de sua garganta.

Os lábios de Julian acharam a concha de sua orelha e mordiscou lá antes de mover-se até aninhar ao lado de seu pescoço. Brandi deu uma risadinha então suspirou quando ele a ela a marca de um amante. Ela olhou em volta, ainda nervosa de que alguém pudesse notar, mas novamente, ninguém parecia vê-los. Brandi decidiu se entregar ao momento. Sendo a céu aberto, ainda a salvo de olhares indiscretos, tinha uma qualidade perigosamente erótica para ela que tinha o pulso acelerado e seus sucos fluindo.

Segurando sua grossa ereção na mão, ele a persuadiu a se debruçar adiante. Seus dedos acharam sua abertura, e ele guiou a cabeça de seu pênis nela por detrás. Ele deslizou em facilmente, estirando-a deliciosamente, seu corpo tremendo em torno dele. Suas mãos seguraram seus quadris e a puxaram para baixo duro sobre ele. Brandi deixou escapar uma lufada de ar e quase correu quando ele deslizou as bolas em seu calor encharcado.

Julian puxou suas costas e mordeu seu pescoço delicadamente, deixando outra marca para trás, e a balançou em cima dele. Eles se moveram devagar a princípio, completamente silenciosos, cada um perdido na maravilha de estar juntos novamente. Então Brandi sentiu seu corpo apertar e soube que ela não estava longe do clímax. Ela começou um passeio mais áspero, mais rápido, o sentindo deslizar dentro e fora como um pistão empalando seu corpo inúmeras vezes. Julian gemeu em suas costas e o som fez Brandi voar.

Na altura de seu clímax, Julian deslizou um dedo em seu ânus e ela gritou, um grito exponencialmente intensificado.

Um segundo mais tarde o corpo de Julian pulsou dentro dela e lançou esperma bem fundo dentro de seu corpo.

Longos momentos mais tarde, Julian a livrou de seu empalamento e a sentou de volta no assento ao lado dele. Ele ficou de joelhos e diante dela, espalhando as pernas bem largas com suas mãos. Sua cabeça arremessou entre suas pernas, achando sua molhada vagina brilhando, inchada e pronta para seu beijo. Ele lambeu uma linha longa de seu ânus até seu clitóris e Brandi sentiu lágrimas pularem adiante do canto de seus olhos quando ele dirigiu seu corpo para novas alturas.

Ele a beijou, usando seu rosto inteiro para acariciar e excitar. Ele lambeu e mordiscou, beijou e amamentou. E quando ele achou seu clitóris, ele chupou como teria chupado seus mamilos, usando seus lábios, dentes e língua para deixá-la selvagem. Ele deslizou dois dedos dela, enganchando eles para cima e roçando deliciosamente o ponto G. seu corpo estremeceu e ela gemeu impotente, batendo sua cabeça contra o assento.

Um gemido longo, baixo escapou de seus lábios quando ela gozou mais uma vez. Julian a língua foi selvagem então, explorando cada dobra, cada plegada lisa dela. Ele gemeu contra ela, vibrando em sua carne mais tenra de forma que ela gozou ainda mais forte. Brandi viu manchas dançando diante de seus olhos e soube que ela estava perto de desmaiar.

Os últimos tremores diminuíram e ela ficou flácida e inútil em seu lugar. Julian rapidamente endireitou suas roupas e, em seguida, corrigiu as dele. Ele se sentou próximo a ela uma vez mais e a levou debaixo de seu braço. — Acalme-se agora, amor. Descanse. Você precisará de sua energia para as horas adiante.

Com o corpo repleto e relaxado como nunca havia sido antes, Brandi dormiu e, pela primeira vez em três anos, seus sonhos não se tornaram pesadelos.



Montmartre, uma aldeia pequena com vista para a grande cidade de Paris, França, estava cheia de turistas apesar do fato de que era um dia de semana normal. Os artistas com grandes cadernos de desenho negociavam seus talentos a qualquer um disposto a pagar por um retrato de seu tempo gasto na famosa aldeia, e dúzias de lojas vendem pinturas originais dos artesãos locais. A arte e inspiração eram uma coisa viva aqui, respirando, uma presença palpável no ar que ninguém podia ignorar.

Brandi e Julian, de mãos apertadas firmemente juntas, marcharam a colina íngreme que levava a basílica de Sacré-Coeur. Ramiel e Marduk

seguiram a uma distância segura atrás deles, os semblantes severos uma dura advertência para os mendigos e artistas de rua que teriam cruzado seus caminhos caso contrário. O tempo estava fresco, e uma brisa suave continuamente mexia o ar à medida que eles ascendiam mais e mais.

A basílica era empolgante e enorme. Suas torres brancas arredondadas estiradas para o céu, tentando alcançá-lo. Era cheia e redonda, quase feminina em forma. As pedras eram tão brancas que Brandi teve que piscar seus olhos contra o clarão brilhante da igreja na luz solar da tarde.

— Onde está o portão? — Brandi perguntou.

— Bem, não é exatamente um portão físico.

— O que você quer dizer? — Ela perguntou.

— Você verá o que eu quero dizer quando nós chegarmos lá, — Julian disse a ela. Ele os levou para os degraus da igreja, mas em vez de entrar, ele desviou e os levou para o lado de uma estrutura maciça. Degraus íngremes guiavam para baixo, na pedra fria e implacável das catacumbas subterrâneas que descansavam embaixo de Sacré-Coeur, e Julian puxou suavemente a mão de Brandi para levá-la caminho abaixo.

Eles desapareceram na escuridão das catacumbas. Existiam pessoas aqui também, turistas que vinham para ver as tumbas antigas, mas Julian e os outros prestaram pouca atenção a eles. Chegaram a uma porta aberta, escura e com cheiro de mofo, frio e úmido.

— Por lá, — Julian disse, ainda segurando apertado a mão de Brandi.

Brandi o seguiu, mais profundo na escuridão ameaçadora. A cem pés da entrada, ossos e velhas caixas de enterro esculpidas nas fendas das paredes de pedra. Os sons dos turistas foram enfraquecendo logo atrás deles, e a luz que vinha do caminho de entrada esmaeceu até desaparecer. Julian fez alguns gestos com suas mãos e luz chamejou para vida, cercando-os em um brilho morno, dourado que rechaçava a escuridão opressiva. Brandi deu um suspiro enorme de alívio, nem mesmo tendo percebido o quão assustada ela ficou na escuridão crescente.

Após longos minutos de caminhada mais para dentro da cripta, Brandi e seu grupo chegaram a um afloramento de rocha na parede. Parecia fora de lugar, como se só recentemente tivesse surgido do chão. Um círculo cru de pedras o cercava. Se Brandi não estivesse prestando atenção ela não teria visto, mas era claro, depois de um estudo cuidadoso, que as pedras tinha sido colocada lá por algum projeto inteligente.

— Está lá, — Julian apontou.

Brandi podia só ver a pedra gigante. — Mas não há nenhuma porta.

— Não ainda, — ele disse a ela. — Mas existirá. Marduk, ponha as chaves naquelas seis pedras lá.

Marduk foi para o círculo de pedras e decidiu a melhor para posição as chaves. Julian deu a Brandi um rápido aperto e disse que ela permanecesse no centro das pedras, diretamente na frente do grande afloramento de pedra.

— Agora o quê? — Brandi perguntou.

Julian a ignorou, ao invés, fechou seus olhos e murmurou algo enquanto seus dedos faziam pequenos desenhos no ar. Uma carga elétrica faiscou no ar, os cercou com energia, até Marduk e Ramiel, e Brandi soube instintivamente que isto era um encantamento de proteção para manter todos eles tão seguros quanto possível.

Marduk colocou as chaves, cada uma, nas pedras à espera. Ele foi cuidadoso, respeitoso, até Brandi pôde ver a reverência com que ele se moveu. Estava claro que ele sabia que este era um lugar santo e mágico. Brandi podia sentir o ar carregado por ambos, a mágica de Julian e a magia do chão sob eles.

Marduk colocou a última das chaves em seu lugar de descanso. O ar pareceu estalar nas orelhas de Brandi. Ela sentiu algo tremer dentro dela e percebeu que era causado pelo chão agitando embaixo de seus pés. Moveu ligeiramente a princípio, facilmente confundido com imaginação, entretanto os movimentos ficaram cada vez mais pronunciados, quase disparando Brandi de onde ela estava. A terra moveu com um gemido forte e pó voou sobre eles, cegando Brandi, cortando sua respiração na tempestade de areia e escombros que rodaram ao redor dela. Ela ouviu Julian gritar algo, mas ela não podia ouvir o que era. E ele não importava...alguma coisa estava tomando conta dela

Ela olhou para a parede de pedra diante dela e sentiu uma sensação de zumbido atrás de sua cabeça. Sem pretender, ela se esticou e colocou uma das mãos sobre a rocha. A terra levantou novamente sob seus pés, mas ela se manteve firme, mantendo a mão sobre a rocha na frente dela. Ela estava paralisada. Sem saber o que ela precisava fazer, ela se concentrou na mão que estava contra a pedra fria e úmida.

Brandi percebeu que ela podia *sentir* a presença das outras pedras. Elas chamaram por ela, como se eles estivessem cantando seu nome inúmeras vezes em um idioma antigo que só ela podia entender. Algo frio e malévolo envolveu-se em torno de seu coração e ela gritou, sentindo uma dor dilaceradora no peito. Ela chamou por Julian, mas não ouviu nenhuma resposta no estrondo.

Escuridão. Súbita e absoluta. O raio de uma escuridão muito mais profunda disparou para ela, abrindo uma boca grande, escancarada que a rodeava e sangrou muito mais. Sua mão, ainda sobre a pedra, era a única coisa real para ela naquele momento. Tudo o mais era uma loucura.

Os gritos de mil almas perdidas bombardearam suas orelhas e ela clamou mais uma vez. Ela tentou puxar sua mão para longe, mas ficou colado na pedra, efetivamente prendendo-a na expansão da tempestade das trevas.

— Empurre de volta, — ela ouviu Julian gritar acima da cacofonia.

E então ela soube o que fazer. Era como se um interruptor tivesse virado em sua mente, iluminando seu caminho. Ela empurrou contra a escuridão com sua vontade, empurrando sua mão dura contra a pedra para dar ênfase. As serpentinas da escuridão pareceram congelar no ar, então, com uma explosão de ar cheio de areia, a escuridão para dentro da escuridão em si mesmo.

Um furacão com o som parecido com um sussurro rugiu e a engolfou. Em suas orelhas e cabeça soaram com os choros e gritos negros, coisas do mal que estavam agora sendo chupadas para o buraco negro que ela de alguma maneira abriu. Centenas, *milhares* de seres passaram a rapidamente, tão rápido que ela não podia ver, mas os sentiu à medida que eles passavam. O vento rugiu, espesso e frio e vil. Fedia ao mal, fazendo Brandi ter vontade de vomitar incontrolavelmente, e ela afundou em seus joelhos, a mão ainda congelada a pedra.

Brandi ouviu Ramiel gritar um segundo antes dele voar por ela. . Ela estendeu a mão imediatamente e pegou a mão dele, segurando sua preciosa vida. Ela viu o brilho vermelho de seus olhos e pela primeira vez eles não a assustaram. Como se uma cortina se abriu diante dela, ela leu sua alma e soube que não importa o que, ela não deveria o deixar entrar no vazio. Ele era um vampiro, uma criatura da escuridão, mas ele não era do mal. Ele estava completamente só, corte à deriva de sua própria espécie e da humanidade. Ainda assim ele lutou pelo bem de homem. Ele se entregou desinteressadamente, a honra o vinculando a uma causa que não permitia sequer para os da sua laia existir.

— Não deixe ir! — Ele chamou por ela, muito mais pálido do que o habitual, o pânico claro em seus olhos. — Brandi...

— Eu não irei, — ela jurou. — Eu não deixarei você ir, eu prometo! E você não deixará ir também, Cara de presas.

Ramiel riu, mas o som jovial teve vida curta. Ele ofegou. — Eu estou deslizando, — ele disse, olhando para trás com ansiedade na escuridão que ameaçava o tragar inteiro.

— Não você não está, — ela firmemente disse, apertando a mão dele. — Ramiel, eu sei que você não é do mal. Você é só escuro e não existe nada de errado com isto, não quando você se esforça tanto para ser da luz. Você não entrará no vazio, certo? Eu não deixarei você ir.

Ramiel grunhiu e segurou firme quando um turbilhão lançou ao redor deles.

Com uma mão colada a pedra na frente dela e uma mão segurando apertado Ramiel, Brandi sentiu como se fosse despedaçar. Mas ela estava determinada a não deixar o vampiro. Ela sabia que eles tiveram suas diferenças. Ele era um predador afinal e ela era só uma humana. Mas ela sabia, do fundo do coração, que Ramiel era mais que seu exterior assustador. Ela jurou a si mesmo que ela não deixaria ele ir, não somente pela causa de Julian. Ela sabia, acima de tudo, que ele lamentaria a perda de seu amigo.

Brandi sentiu aquela cócega estranha na parte traseira de sua mente mais uma vez e soube que estava na hora de fechar a fenda que ela abriu. Ela enfocou imaginando o negrume desaparecendo para um nada.

Nada aconteceu.

Ela enfocou mais forte, *precisando* tapar a fenda.

Ramiel começou a deslizar de seus dedos.

— Não ouse! — Ela gritou e fortaleceu seu aperto. — Eu não deixarei você ir!

Com um grande impulso de sua vontade, a cacofonia horrível acalmou. Imperceptível, mas ainda assim ela começou a morrer. Não existiam tantas formas voando por ela agora e Brandi esperava que tivesse deixado a porta aberta tempo o suficiente. De qualquer forma, ela não podia suportar o vazio aberto por mais tempo. Ela empurrou novamente e sentiu as outras seis chaves trabalhando com ela para fechar o portão. Seu poder a atravessou como lava, aquecendo onde a escuridão a gelou. Ela sentiu sua força mágica ondular.

A porta negra encolheu, ficando cada vez menor. Uma grande explosão agitou o chão, e o caminho foi fechado com um estrondo ensurdecedor.

Ramiel caiu no chão e Brandi afinal pôde reivindicar sua mão de volta da parede de pedra. Ela sentiu sua respiração soluçar dentro e fora de seus pulmões e esperou que seus olhos ajustassem ao o brilho súbito da mágica de Julian expandida ao redor deles mais uma vez.

— Meu deus. Meu deus. Obrigado, Brandi, — Ramiel disse, tão ofegante quanto ela, os olhos vermelhos desvanecendo para pretos mais uma vez. — Eu devo tudo a você.

— Nenhum problema, — ela disse com uma leveza que ela não sentia. Ela estava exausta, espremida e completamente fora de si com medo persistente.

Juliano correu para levá-la em seus braços. — Você está bem, amor? — Brandi assentiu e enterrou seu rosto no oco de seu pescoço. — Agora acabou. — ele arrulhou para ela suavemente. — Está terminado.

Marduk ajudou Ramiel a levantar. — Eu pensei que tinha perdido você lá por um momento, — ele disse.

Um flash de presas provou que ele estava fazendo melhor que Brandi, quando ele agitou mão de seu amigo cordialmente, sorrindo. — Eu achei também, mas graças a Brandi, eu não estou mais em perigo.

— Vamos, vamos.... Onde estão as chaves? — Julian exclamou.

Marduk e Ramiel olharam ao redor para as pedras no chão, onde as seis chaves de Solomon uma vez estavam. Elas se foram, como se nunca tivessem estado lá.

— Onde elas foram? — Brandi perguntou, a voz rouca.

— Deslocamento, — Marduk disse. — Elas foram lançadas para os cantos do mundo. Nós teremos que começar a procurar por elas tudo de novo.

— Nós as acharemos novamente. Não se preocupe, — Julian disse a ele. — Nós não precisamos ser tão pressionados nesta nova procura. Nós já abrimos o portão e banimos o mal. Nós não teremos uma necessidade tão grande por elas novamente por muitas décadas.

— E o diamante da Esperança? Eu pensei em devolvê-lo para seu lugar legítimo no Smithsonian uma vez que nós terminássemos nossa procura, — Marduk disse.

— Eu suponho que a fraude terá que permanecer onde está durante mais algum tempo, — Ramiel suavemente disse.

Julian riu. — Eu pergunto-me quando a discrepância será notada.

— Vamos, — Marduk impacientemente disse. — Vamos voltar para o hotel. Eu preciso de descanso... e eu nunca precisei descansar! Eu só posso imaginar como Brandi se sente exausta.

Brandi não respondeu, pois ela já estava adormecida nos braços de Julian.

Epílogo

— Eu não posso voltar para casa, — Brandi disse com um suspiro. — Eu sou uma criminosa procurada agora. — Ela se aconchegou mais fundo nas cobertas da cama, escondendo sua nudez.

Julian puxou as cobertas dela, a expondo mais uma vez e a juntando perto dele.

— Não se preocupe sobre isto. Tudo que precisa é um pouco de manipulação de memória. Com certeza, levará algum tempo, mas se você quiser você pode retornar a sua casa.

— Aonde mais eu iria? — Ela perguntou.

— Aonde eu vou, — Julian suavemente disse.

Brandi prendeu a respiração. — Você quer dizer ficar com você?

— Sim.

— Por quanto tempo? Eu estou advertindo a você, você estará chateado comigo eventualmente. Eu não sou tão excitante, sabe, — ela disse a ele com um pouco de apreensão. — Sem o drama dos últimos anos, eu apenas serei simples e chata.

Julian ficou calado por um tempo. — Deixe-me pegar algo de minha mala. — Ele se debruçou acima dela e a beijou. — Eu já volto.

Ele se foi só por alguns minutos, voltando com um saco de veludo com algo grande dentro dele. Sentou-se no pé da cama e abriu o saco, revelando um copo estranho, disforme.

— O que é isto? — Ela perguntou, franzindo a testa. Era bastante feio. Bruto até.

— Esse é o Santo Graal, — ele disse a ela com um sorriso.

Brandi sentiu seus olhos esbugalharem. — *O quê?*

— O Santo Graal. O cálice da vida. Eu trouxe isto com a esperança de que você pudesse beber disto.

— O que você está dizendo? — Ela perguntou sem fôlego.

— Eu quero você ao meu lado sempre, Brandi. Você é minha agora. Nós poderíamos passar a eternidade juntos. Eu *quero* que nós passemos a eternidade juntos. Como eu nunca quis qualquer coisa antes.

Brandi sentiu seu coração afundar em desespero. — Eu não posso. Eu-eu quero mais. — Ela respirou fundo. — Você não me ama, — ela disse. — Você não pode me amar. Você apenas me conhece.

Julian ternamente sorriu. — Você é a mulher mais teimosa que eu já encontrei. Você tem um senso de honestidade sobre você que muito, muito

poucas pessoas possuem. E você tem coragem de sobra. Você provou-se uma centena de vezes.

— Mas tudo isso não importa.

— Claro que importa. Bebê, você salvou o mundo hoje. Você é uma verdadeira heroína. Como eu não poderia amar você?

— V-você me ama? — Ela sentiu a picada das lágrimas em seus olhos. — Ninguém além da minha família já me amou antes.

— E eu amarei você para sempre, — ele jurou. — Você beberá deste cálice e se juntará a mim na vida eterna?

Vida eterna. Tal coisa podia ser possível? Ela era tão feliz. Ela não podia começar a imaginar um total de vida de tal felicidade, não depois do pesadelo que ela viveu nos últimos três anos. Mas ela queria aquela felicidade, aquela alegria. A alegria de estar apaixonada para sempre.

— Nós brigaremos. Eu não sou fácil de se conviver, eu mesma estou admitindo isso, — ela o advertiu.

— Nem eu. Nós vamos ser um bom casal, você não acha?

Brandi riu. — Você está certo de que quer fazer isto?

Julian tomou seu rosto em suas mãos e a beijou ternamente nos lábios. — Eu estou certo, — ele disse, afastando o rosto.

— E se você mudar de idéia?

— Eu nunca poderia mudar de idéia. Eu nunca me senti assim com outra mulher, não em todos os meus anos. Você é a única para mim. E eu sei que eu sou o único para você, se você admitir isto.

— Oh Julian, isto é demais.

— Você me ama? — Ele perguntou.

Brandi procurou em seu coração, imaginou uma vida sem Julian e soube sua resposta. — Eu faço. — Sua resposta era absoluta. — Eu amo você, Julian.

— Então beba deste cálice e case sua alma com a minha, — ele disse com um sorriso.

— Certa, — ela disse. — Mas primeiro... — Ela o puxou para ela. — Faça amor comigo.

Com um sorriso jovial, Julian caiu sobre ela na cama. Ele tomou-a por detrás, batendo em casa com um impulso poderoso. Os úmidos sons da sucção de seus corpos encheram o ar ao redor deles quando ele começou a montar devagar. Os peitos de Brandi iam para cima e para baixo com cada punhalada, as mãos de Julian seguraram os seios dela para mantê-los estáveis. Seus dedos brincaram com seus mamilos, arrastando e apertando delicadamente.

A paixão os consumiu, os lançando mais e mais alto nos céus. Julian gozou primeiro, saindo do corpo dela no último minuto e se empalando na entrada do ânus dela. Ele deslizou e deslizou por seus sucos combinados e, seu pênis ainda semi-duro começou a deslizar a cabeça em seu traseiro.

— Você é tão fodidamente apertada, — ele gemeu.

Uma de suas mãos alcançou ao redor dela e achou seu clitóris, roçando em pequenos círculos com as pontas de seus dedos. Brandi clamou e recuou contra ele, enviando seu pênis muito mais profundo em seu traseiro. Ela clamou novamente, estremeando, o corpo trêmulo apertado em uma linha entre dor e prazer. — Oh deus, sim, sim, *sim*, — ela arquejou. — Oh por favor, tome, *tome*. — Ela estava murmurando, ela sabia, mas não podia parar.

Ele esfregou seu clitóris e mandou a ela subindo rapidamente. Seu corpo apertado, seu ânus fechando em seu pênis firmemente. Julian gemeu longo e alto e gozou mais uma vez, bem no fundo dela, queimando-a com cada jato de seu esperma.

— Eu amo você, Brandi. Eu verdadeiramente amo, — ele arquejou, desmoronando em cima dela.

Brandi não se importava com o peso, mas teve muito prazer quando ele moveu próximo a ela, girando-a para enfrentá-lo. — Eu amo você também, — ela jurou, sabendo que era a coisa mais verdadeira que ela já disse.

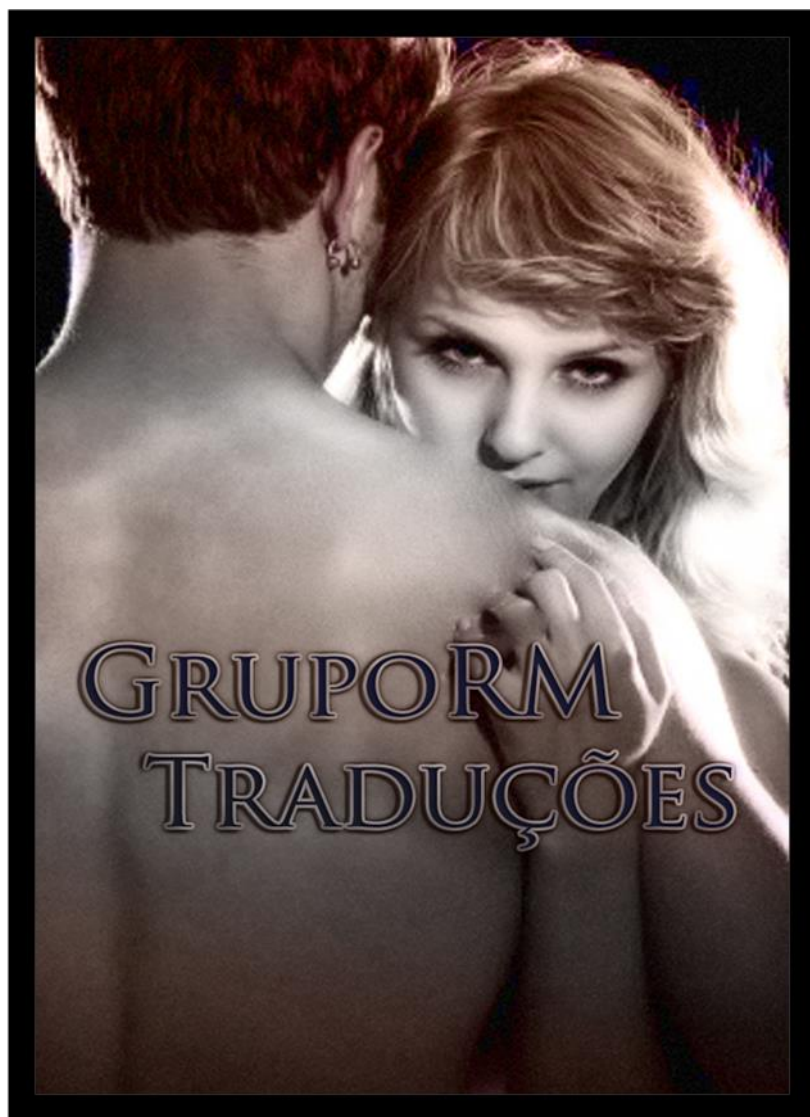
Eles se beijaram, compartilhando seus lábios, dentes e línguas. O beijo durou pelo que pareceram horas e eles caíram em um leve cochilo, suas bocas e corações unidos.

O Graal caiu da cama, despercebido, para o chão. Pulsou com uma luz alegre, dourada, e então enfraqueceu desvanecendo-se na obscuridade.

fim

Sobre a Autora

Sherri L.King vive no profundo Sul Americano com seu marido, artista e ilustrador Darrell King. Criticamente aclamada como a autora da série Guerras da Horda e Luxúria da Lua, seu interesse principal reside no mundo dos paranormais cheio de ação, embora ela seja conhecida por se envolver em vários outros gêneros quando o tempo permite.



Conheçam nossos blogs:

Mell e livros de romance

<http://melzinhavivros.blogspot.com/>

GrupoRR Traduções

<http://ebookshotmell.blogspot.com/>